

FACULDADES EST

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

TIAGO ADEMIR GRAUBE

**GÊNERO, SEXUALIDADE E JUVENTUDE LUTERANA: PERCEPÇÕES E
ABORDAGENS EM UM GRUPO DE JUVENTUDE EVANGÉLICA JE**

São Leopoldo

2019

TIAGO ADEMIR GRAUBE

GÊNERO, SEXUALIDADE E JUVENTUDE LUTERANA: PERCEPÇÕES E
ABORDAGENS EM UM GRUPO DE JUVENTUDE EVANGÉLICA JE

Trabalho Final de Mestrado Acadêmico
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Acadêmico em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática
Linha de Pesquisa: Fenômeno religioso e
práxis educativa na América Latina

Orientador: Dr. Júlio Cesar Adam

São Leopoldo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G774g Graube, Tiago Ademir
Gênero, sexualidade e juventude luterana: percepções e abordagens em um grupo de juventude evangélica JE / Tiago Ademir Graube; orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2019.
128 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2019.

1. Identidade de gênero. 2. Papel sexual. 3. Jovens – Vida religiosa. 4. Juventude. 5. Educação. 6. Religião. I. Adam, Júlio César. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

TIAGO ADEMIR GRAUBE

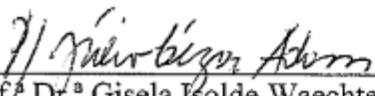
**GÊNERO, SEXUALIDADE E JUVENTUDE LUTERANA: PERCEPÇÕES E
ABORDAGENS EM UM GRUPO DE JUVENTUDE EVANGÉLICA (JE)**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

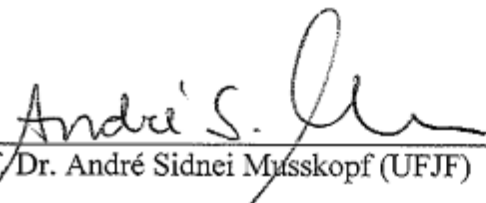
Data de Aprovação: 13 de agosto de 2019



Prof. Dr. Júlio César Adam (Presidente)



Prof.ª Dr.ª Gisela Isolde Waechter Streck (EST)



Prof. Dr. André Sidnei Müsskopf (UFJF)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao CNPQ, pelo financiamento desta pesquisa e a possibilidade da realização da mesma.

Ao André Musskopf, por ter aceitado desde o início acompanhar esta pesquisa, por ter tido paciência e maestria no processo de orientação. Por ter sido amigo, orientador, professor e inspiração para sempre tentar mais e extrair o melhor possível dos processos.

Aos meu pai, Alimpio e minha mãe Glacir, por terem incentivado desde sempre a busca por conhecimento, por estarem ao meu lado, de muitas maneiras, possibilitando que esta pesquisa fosse adiante.

As minhas irmãs, Sandra e Simone, por me acompanharem nos devaneios desta pesquisa, por me incentivarem a sempre buscar mais conhecimento, por entenderem quem sou e onde quero chegar, possibilitando real acolhimento fraterno.

A minha sobrinha Amanda, por ser essa pessoa incansavelmente positiva e que nos momentos de quase desistência mostrou-se presente, dando força para a continuidade deste estudo.

As minhas afilhadas Andressa e Maria Clara, que esta pesquisa possa ser para vocês inspiração na busca de conhecimento e aprimoramento, pela compreensão das ausências e da distância.

A Ana Cláudia, irmã de coração, e alma, pelas tantas acolhidas, olhares, risos, por me aceitar e acolher, por me ensinar o significado da amizade pura e verdadeira.

A Sabrina, Jessica, Marcela, por serem comigo, nas conversas, olhares, p(a)utas e expressões, a subversão, a diferença, por me ensinarem a olhar de maneira diferente pro mundo, por fazerem esse período de aulas, estudos e escrita ser mais “livre, leve e solto”, com vocês aprendi o real significado de uma Teologia Feminista, na prática, na academia, no cotidiano.

Axs tantxs amigxs que me acompanharam e acompanham na jornada da vida, com xs quais pude subverter conhecimentos e reestruturar formas de ser, pensar e agir.

Ao NPG/PGR, por me acolherem desde sempre, por permitirem que me sentisse em casa, quando muitos diziam que a Teologia não era o meu lugar.

Ao Jean, por mesmo no final desta jornada ter estado comigo aturando as loucuras do final de uma pesquisa, por entender os humores, desesperos e a partir destes me fazer rir.

Ao professor Júlio, por ter aceito a tarefa do orientar esta pesquisa no susto do último semestre, e ainda assim auxiliar e contribuir para a melhor elaboração da mesma.

*Volver a los diecisiete después de vivir un
siglo
es como descifrar signos sin ser sabio
competente
volver a ser de repente tan frágil como un
segundo
volver a sentir profundo como un niño
frente a Dios,
eso es lo que siento yo en este instante
fecundo
Se va enredando enredando, como en el
muro la hiedra
y va brotando, brotando como el mosquito
en la piedra
como el mosquito en la piedra, ay si, si, si
Mi paso retrocedido, cuando el de ustedes
avanza
el arco de las alianzas ha penetrado en mi
nido
con todo su colorido se ha paseado por
mis venas
y hasta la dura cadena con que nos ata el
destino
es como un día bendecido que alumbró
mi alma serena [...]*

Mercedes Sosa

RESUMO

O presente trabalho constitui uma pesquisa acerca da inserção das categorias de Gênero e Sexualidade nas abordagens pedagógicas dentro da Juventude Evangélica (JE), que se trata de uma organização para o trabalho com adolescentes e jovens no contexto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A metodologia utilizada neste estudo foi a Observação Participante. A análise foi desenvolvida ao longo de nove meses de convivência e acompanhamento junto a um grupo da JE. O período teve início em fevereiro de 2018 e foi dividido em duas etapas. A primeira teve duração de seis meses, nos quais, os encontros com os alunos foram acompanhados sem que os mesmos tivessem ciência da pesquisa. No segundo momento, nos três meses finais, foram realizadas intervenções junto com os e as jovens abordando temas relacionados a questões de gênero e sexualidade. O objetivo deste estudo é investigar de que forma são, como são e/ou como podem ser abordados tais temas dentro desses espaços eclesiais e religiosos, especialmente no campo da Teologia Prática e, mais especificamente, da Educação Cristã. Para elaborar as discussões propostas foram consultados autores que abordam temas transversais como a violência e a justiça de gênero a partir da perspectiva feminista, bem como a construção social da concepção de gênero. Outro ponto central das reflexões aqui apresentadas incide sobre a perspectiva teológica com relação à sexualidade, gênero, religião e juventude. A partir da análise do material produzido durante os encontros e da revisão bibliográfica foram formuladas perspectivas para a introdução das categorias supracitadas dentro de comunidades religiosas, mais precisamente, junto a grupos de jovens.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Juventude. Educação. Religião.

ABSTRACT

The present work is a research about the insertion of the categories of Gender and Sexuality in the pedagogical approaches within the Evangelical Youth (JE), which is an organization for the work with adolescents and young people in the context of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB). The methodology used in this study was Participant Observation. The analysis was developed over nine months of communal interaction and follow-up with a group of JE. The period began in February 2018 and was divided into two stages. The first lasted six months, in which the meetings with the students were accompanied without their knowledge of the research. In the second moment, in the final three months, interventions were carried out with the youth addressing issues related to gender and sexuality. The aim of this study is to investigate how they are, and / or how such themes can be approached within these ecclesiastical and religious spaces, especially in the field of Practical Theology and, more specifically, Christian Education. In order to elaborate the proposed discussions, authors were consulted that address transversal themes such as violence and gender justice from the feminist perspective, as well as the social construction of the gender concept. Another central point of the reflections presented here focuses on the theological perspective regarding sexuality, gender, religion and youth. From the analysis of the material produced during the meetings and the literature review, perspectives were formulated for the introduction of the above categories within religious communities, more precisely, within youth groups.

Keywords: Gender. Sexuality. Youth. Education. Religion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 GÊNERO E SEXUALIDADE E TEOLOGIA: QUESTÕES INTRODUTÓRIAS	13
1.1 Gênero e Sexualidade	13
1.2 Teologia, Gênero e Sexualidade	27
2 JUVENTUDES, JUVENTUDE EVANGÉLICA LUTERANA, CONCEITOS EM DIÁLOGO	35
2.1 Um resgate histórico da Juventude Evangélica (JE)	35
2.2 Educação Cristã e Juventude	41
2.3 Juventude	47
2.4 Juventude, Gênero e Sexualidade	51
3 RELATO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	57
3.1 Questões metodológicas	57
3.2 Contextualização sociocultural do grupo pesquisado	59
3.3 Relatos dos encontros de observação	62
3.4 Análise preliminar	72
3.5 Relatos da intervenção	75
4 ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E CONTRIBUIÇÕES	89
4.1 Educação, Gênero e Sexualidade: possibilidades e desafios	89
4.2 Educação Cristã e Educação Popular: relações metodológicas possíveis para o trabalho com jovens	95
4.3 O trabalho sobre Gênero e Sexualidade em Grupos de JE na IECLB	102
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS	117
ANEXO A	125

INTRODUÇÃO

As discussões acerca das categorias Gênero e Sexualidade vêm ganhando espaço crescente nas disputas e debates dentro de diferentes campos sociais e em diferentes áreas do conhecimento. Esses debates ocorrem tanto nas esferas cultural e política quanto na educacional, social e acadêmica. Do mesmo modo, tais diálogos vêm conquistando espaço, também, no campo teológico, em que essas discussões têm recebido um olhar mais robusto a partir das teologias feministas¹ e com enfoque voltado à diversidade sexual.²

Uma das grandes controvérsias contemporâneas elaborada pelo campo midiático e político e, conseqüentemente, disseminada nos âmbitos religioso e teológico se refere à chamada “ideologia de gênero”. Embora exista uma vasta produção no campo da pesquisa sobre o tema e haja representativos avanços no âmbito de algumas igrejas e grupos religiosos, as temáticas que permeiam esses debates têm tido um renovado interesse, particularmente, por conta de reações a posturas e posicionamentos que “tencionam” as diferentes abordagens que promovem o questionamento das desigualdades e construções culturais que potencializam violências e opressões.³

No cerne dos enfrentamentos discursivos a respeito das questões relacionadas a gênero e sexualidade, um dos grupos mais impactados é aquele composto por adolescentes e jovens. Nesse sentido, a presente pesquisa visa analisar os impactos que essa população pode estar sofrendo mediante à sua exposição a tais embates e reflexões no âmbito educacional. Vale ressaltar que, se o tema já provoca reações apaixonadas na esfera pública, o potencial efusivo desses conflitos pode ser significativamente amplificado nos espaços eclesiais e religiosos.

A inviabilização das discussões de “gênero” (muitas vezes identificado como uma mistura de questões de gênero e sexualidade) dentro de igrejas e comunidades religiosas reitera a necessidade de investigar de que forma são, como são e/ou

¹ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

² FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

³ SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001.

como podem ser abordados tais temas dentro desses espaços, especialmente no campo da Teologia Prática e, mais especificamente, da Educação Cristã(EC).

Para elaborar o presente estudo foi aplicada a metodologia da Observação Participante⁴ com intervenções em grupos da Juventude Evangélica (JE), uma organização para o trabalho com adolescentes e jovens no contexto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A escolha da JE para a realização dessa análise se deu, pois, entende-se que esse pode ser um espaço privilegiado para pensar as relações de gênero e sexualidade e juventude, assumindo o contexto religioso e suas implicações para o tratamento dessas questões. Dessa forma, a investigação busca responder à pergunta central de pesquisa, que é a seguinte: de que forma os temas gênero e sexualidade são ou podem ser trabalhados com grupo de jovens da JE da IECLB?

O processo de construção desta pesquisa foi desenvolvido ao longo de nove meses de observação, tendo esse período sido dividido em dois momentos. Os seis primeiros meses foram destinados à interação e troca de saberes com os jovens participantes dos grupos. Nos três meses seguintes, as trocas de ideias e perspectivas acerca dos temas gênero e sexualidade se intensificaram. Nesse segundo momento, foi aberto um canal para o esclarecimento das dúvidas e apresentação dos questionamentos do grupo com relação aos temas supracitados. O primeiro encontro com as e os integrantes da JE ocorreu em fevereiro de 2018. Nessa data, quinze jovens participaram da atividade, que foi a primeira daquele ano, e na qual fui apresentado a eles, embora nesse primeiro momento não tenha sido revelada a realização desta pesquisa, apenas fora informado a eles que os acompanharia durante boa parte dos encontros de 2018.

No trabalho que será visto a seguir são relatadas as percepções obtidas a partir do convívio com as e os jovens e dos saberes construídos em conjunto com eles e elas ao longo do período de realização desta pesquisa. Entre os temas emergentes pautados pelos próprios e pelas próprias jovens, questões de gênero como a conquista do voto feminino e a distribuição dos afazeres domésticos foram abordadas já nos primeiros encontros, o que possibilitou a promoção de valiosos e produtivos debates coletivos apresentados aqui. No capítulo final, os saberes

⁴ MAY, Tim. **Pesquisa social:** questões, métodos e processos. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

obtidos por meio das experiências empíricas são discutidos e contextualizados sob o ponto de vista teórico-epistemológico.

Tendo em vista que a construção de novos saberes é permanente, o objetivo deste estudo é, para além da busca de uma resposta objetiva às questões relacionadas a gênero e sexualidade dentro do grupo analisado, possibilitar a construção de novas perspectivas para a inserção destes temas dentro de comunidades religiosas de forma orgânica, transcendendo os tabus impostos pelas instituições cristãs através dos tempos. Em suma, o grande objetivo deste estudo é jogar luz sobre essa discussão e, quem sabe, instigar a produção de futuros estudos que possam promover a inclusão e combate aos preconceitos.

1 GÊNERO E SEXUALIDADE E TEOLOGIA: QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

Gênero e sexualidade são duas categorias que vêm ganhando espaço nas disputas e debates em diversos cenários e áreas do conhecimento, seja nas análises de conjuntura social, cultural, política e educacional, mas também nas perspectivas teológicas. No entanto, os desdobramentos acerca destas perspectivas apresentam variações em suas compreensões e entendimentos.

No ponto que segue, serão abordadas as perspectivas de gênero e sexualidade enquanto duas categorias de análise e estudo, e sua relação com o campo da Teologia, bem como o conhecimento que vem sendo construído a partir desta relação.

1.1 Gênero e Sexualidade

Os estudos e análises que incluem a categoria de gênero, a partir de diversos campos do conhecimento, vêm conquistando espaço nas últimas décadas, seja no campo dos estudos culturais, antropológicos, sociais, teológicos, bem como no campo da educação e seus respectivos desdobramentos.⁵ A questão central dessa discussão está no questionamento da supremacia de homens sobre mulheres, bem como das opressões e violências sofridas a partir da diferença sexual.⁶

⁵ Nos últimos 40 anos, os estudos de gênero se consolidaram na produção acadêmica ocidental, especialmente no campo das Ciências Humanas e Sociais. Veja: LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, set./dez. 2008, p. 809. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/05>>. Acesso em: 23 dez. 2018.

⁶ Segundo definição apresentada pelo grupo de *Investigación Teología y Mundo Contemporáneo* da Pontifícia Universidade Javeriana de Bogota – Colombia, “o gênero faz referência a relação de poder entre o masculino e o feminino, as formas de classificação e de diferenciação, e umas construções sociais, linguísticas e culturais baseadas na diferença sexual. O gênero se introduz nas ciências sociais e na antropologia através do feminismo, através das práticas políticas e teóricas do feminismo que pretendia questionar a superioridade dos homens em espaços públicos, políticos, acadêmicos e econômicos e que buscavam denunciar e transformar as condições de violência sexual e de desigualdade experimentadas por muitas mulheres no mundo. A categoria de gênero permite refletir em torno das diferenças entre homens e mulheres, acerca das desigualdades entre o masculino e o feminino, acerca dos privilégios do masculino na produção de conhecimentos e acerca da subvalorização das mulheres nas ciências sociais”. GRUPO DE INVESTIGACIÓN TEOLOGÍA Y MUNDO CONTEMPORANEO. HIV e espiritualidade: Atualidade de sua articulação. In. MUSSKOPF, André Sidnei; BERNAL, Edith Gonzales, FORNECK, Rafael Tarcísio (Orgs.). **Teologia e sexualidade, saúde reprodutiva e direitos**: Experiências em pesquisa participante. São Leopoldo: CEBI, 2018, p. 154-155.

Ivone Gebara apresenta uma profunda discussão sobre as questões de gênero, feminismo, hermenêutica. O conceito de gênero é visto e analisado enquanto categoria de análise, a qual, implica direta e diariamente na vida, principalmente de mulheres. Buscando compreender de maneira mais enfática tais perspectivas, pode-se compreender que:

O que quer dizer exatamente o termo GÊNERO? Seria apenas a afirmação do masculino e do feminino na humanidade? Como esclarecer esta palavra de origem inglesa (*gender*), que para ser compreendida, exige uma explicação? Qual poderia ser o objetivo de uma pesquisa que utiliza o GÊNERO como instrumento de interpretação num enfoque teológico e feminista do mal?⁷

A autora utiliza a perspectiva fenomenológica para adentrar e compreender através das experiências de mulheres, o mal por elas vivenciado. Segundo ela: “Neste sentido a fenomenologia do mal no feminino é uma tentativa de mergulhar nas experiências vividas pelas mulheres, especialmente nas experiências más.”⁸

Gebara ainda elucida o contexto histórico da emergência da categoria de gênero com as lutas feministas. Neste sentido, ela aponta:

As análises de GÊNERO aparecem no feminismo dos anos 1980, como meio de avaliar a diferença entre os sexos e denunciar o uso de certos poderes a partir da afirmação da diferença. O GÊNERO é considerado um importante instrumento para mostrar a inadequação das diferentes teorias explicativas da desigualdade entre homens e mulheres por meio da natureza biológica.⁹

Compreende-se isso principalmente porque nas últimas duas décadas o campo dos estudos de gênero vem ocupando e representando um número significativo de discussões e avanços no campo das ciências sociais e humanas, sobretudo. É impossível falar de gênero enquanto teoria social isolada e não o vincular ao feminismo histórico que, através de suas lutas e reivindicações, estruturaram não só um movimento social, mas também político e acadêmico. Neste sentido, para que se possa melhor referenciar esta categoria, compreende-se que,

O desenvolvimento do conceito de gênero está imbricado na história do feminismo. No final do século XIX, em países capitalistas ocidentais,

⁷ GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 104.

⁸ GEBARA, 2000, p. 43.

⁹ GEBARA, 2000, p. 104.

eclodiram manifestações de mulheres que lutavam por seus direitos, com destaque para o sufrágio.¹⁰

Ivone Gebara contextualiza a hierarquização de gênero, assim como seu *lôcus* na cultura e nas práticas sociais reproduzidas. Segundo Gebara,

Gênero é uma relação entre mulheres e homens, reconhecida e afirmada por instituições, estruturas, costumes e práticas cotidianas. Gênero tem a ver com a forma de socialização em que fomos educadas e que reproduzimos em todas as instituições sociais. Gênero tem a ver com sexualidade, com etnia e com classe social. Estas formas sociais e sexuadas de existir são atravessadas de poderes que se cruzam em diferentes direções, de forma a manter uma concepção hierárquica de mando e obediência.¹¹

A percepção desta relação desigual entre homens e mulheres, conforme evidencia Gebara, tem se dado, sobretudo, através da contestação de mulheres e de setores da sociedade considerados minorias sociais. Em diversos aspectos e ambientes, vários olhares, jeitos, formas e sentidos têm vindo à tona, saindo da sombra do patriarcado e ganhando voz, politizando-se em discussões e se fortalecendo na luta.

Para as Ciências e, principalmente, no mundo da pesquisa, a presença feminina ainda parece limitada e relegada a papéis marginais, já que as mulheres representam apenas 1/6 dos investigadores no setor privado e 1/3 de toda a comunidade de docentes, embora essa representação tenha aumentado ao longo do tempo. Quanto à composição do corpo docente, as mulheres tendem a estar concentradas em papéis inferiores pois há apenas uma mulher para cada 3,5 homens nos altos escalões acadêmicos. Estas estatísticas têm estimulado estudos sociológicos para identificar e sugerir intervenções que equilibrem a situação, pensando nas possíveis causas como o menor número de mulheres entrando no campo, desigual oportunidade e discriminação sexual, ou menor desempenho em relação aos homens.¹²

Essa presença diminuída das mulheres na ciência é apenas um reflexo da realidade vivida por milhares de pessoas, tocadas e tragadas diariamente pelo padrão machista e heterossexista que determina e hierarquiza as relações de gênero, tornando-as, assim, desiguais, um quadro que se repete geracionalmente.

¹⁰ FARAH, Marta Ferreira Santos et al. Gênero e políticas públicas: panorama da produção acadêmica no Brasil (1983-2015). **Cadernos EBAPE.BR**, v. 16, n. 3, p. 428-443, jul./set. 2018, p. 430. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323257351009>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

¹¹ GEBARA, Ivone. **Teologia urbana**: ensaios sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p. 142.

¹² ANDRADE, Thales Haddad Noaves de; LIBERATO, Tatiana Furukawa. Relações de gênero e inovação: Atuação de mulheres nos NITs paulistas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 01-18, maio/ago. 2018, p. 06. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/06082018-0321050>>. Acesso em: 10 maio 2019.

Os dados apresentados acima representam parte do cenário desigual ao qual as mulheres estão submetidas e reiteram o quadro denunciado pelo movimento feminista, através de suas mais diversas vertentes. No entanto é importante destacar que existe uma reconfiguração acontecendo no campo da ciência e no âmbito universitário, o qual vem apresentando maior diversidade de corpos e vivências. Em muitos casos, estão alinhadas com as reivindicações feministas. Em outros, apresenta-se como elemento de resistência e luta contra os padrões e desigualdades.

Parte dessas transformações e resistências estão ocorrendo em consequência da reconfiguração do próprio espaço universitário. Segundo Marcia Lima:

O público universitário vem mudando gradativamente com as políticas de acesso ao ensino superior. Jovens negros, trans, gays, passam a ocupar os bancos e a cena das universidades. As consequências desse processo não se resumem apenas na diversidade do corpo discente, mas também nas agendas de pesquisas que estão sendo redefinidas. Essa mudança tem formado alunos e pesquisadores que trazem outras experiências e olhares para dentro da academia. E, vale lembrar, que essas políticas de inclusão alteraram o perfil discente em todas as áreas de conhecimento e não apenas nas ciências humanas e sociais. Estão em todos os cursos, demandando novos temas, interesses distintos e muitas experiências a serem compartilhadas.¹³

A trajetória das lutas feministas e as reivindicações das mulheres de diversos setores da sociedade têm sido propulsoras desta abertura para as análises no campo dos estudos de gênero, contestando, inicialmente, o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade, particularmente as situações de dominação e opressão às quais foram e, em grande medida, ainda são submetidas. Esta reconfiguração do espaço universitário tem possibilitado uma maior incidência de reflexões em diversos campos em diálogo com as perspectivas de gênero e sexualidade; entre estes, pode-se citar o campo da educação, das ciências sociais e humanas, onde também se encontra o campo da teologia.

Segundo Heleieth Saffioti, as relações entre os estudos de gênero e as lutas feministas podem ser compreendidas a partir da seguinte análise:

¹³ LIMA, Marcia. A produção de conhecimento em tempos de conflito: o lugar das Ciências Sociais. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 61, n. 1, p. 95-102, 2018, p. 99. Disponível em: <file:///C:/Users/Tiago/Downloads/145516-Texto%20do%20artigo-291654-1-10-20180427.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2018.

Não se pode negar que haja uma perspectiva feminista, construída ao longo das lutas de mulheres por uma sociedade menos injusta. Que haja um modelo feminista já é, no mínimo, bastante discutível. A perspectiva feminista toma o gênero como categoria histórica, portanto substantiva, e também como categoria analítica, por conseguinte, adjetiva. Não existe um modelo de análise feminista. Rigorosamente, o único consenso existente sobre o conceito de gênero reside no fato de que se trata de uma modelagem social, estatisticamente, mas não necessariamente, referida ao sexo. Vale dizer que o gênero pode ser construído independentemente do sexo. O consenso, entretanto, termina aí. Feministas há que ainda trabalham com o conceito de sexo/gênero, outras que se apegam às diferenças sexuais para explicar o gênero, resvalando, às vezes, pelo essencialismo biológico, e outras, ainda, que afirmam de tal modo o primado do social que acabam por negar ou, pelo menos, a ignorar o corpo, abraçando o essencialismo social. A perspectiva feminista também pode se expressar por meio de, para usar o termo de Soares, um 'modelo' que considera o ser humano como uma totalidade, na qual são relevantes tanto o corpo quanto a modelagem social.¹⁴

O campo dos estudos de gênero apresenta, hoje, vários desdobramentos epistemológicos e práticos, os quais demonstram a diversidade de abordagens e consequências de suas análises e reflexões. Segundo Ilze Zirbel, “com o avanço e a organização dos estudos feministas, criou-se uma série de institutos, núcleos e grupos de pesquisa. Novas teorias e conceitos foram formulados, dentre eles, o conceito de gênero.”¹⁵

Ainda assim, existem, no contexto atual, muitas e conflitantes perspectivas que têm se proposto a discutir a partir da temática de gênero. Em muitos casos, tais perspectivas partem de um viés teórico/crítico, o qual possibilita compreender as problemáticas e desdobramentos inerentes a este tema. Em outros posicionamentos, oriundos principalmente de vieses político/religiosos, tem-se questionado a própria perspectiva de gênero em muitos âmbitos, sendo o mais atingido o educacional. Questiona-se todos os estudos até o momento realizados no campo da cultura e mesmo da religião. Esse viés político/religioso responde justamente às questões apontadas há décadas por teóricos e teóricas, ou seja, a justificção moral/religiosa para a manutenção do patriarcado e da submissão de mulheres e de todos aqueles e todas aquelas que não se conformam na

¹⁴ SAFFIOTI, 2001, p. 129.

¹⁵ SCOTT, 1994 apud ZIRBEL, Ilze. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate**. Florianópolis, SC, 2007. 212 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2007, p. 04. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90380/241321.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 dez. 2018.

'performance' naturalizadora a partir de uma determinada compreensão sobre a relação entre sexo e gênero.

Enquanto houver desigualdade de gênero, não temos dúvidas de que esse debate é mais do que necessário, é vital, porque essa desigualdade mata literal e simbolicamente: mata a potência de vida, a potência de criar e inventar outros modos de ser homem e/ou mulher ou mesmo de ser nem homem, nem mulher. No entanto, há setores conservadores bem articulados que têm criado uma espécie de 'pânico moral' que visa impedir que essas discussões ocorram nas escolas. Esses setores têm chamado as iniciativas de pensar sobre as relações de gênero de 'ideologia de gênero', como se houvesse um discurso unívoco sobre essas questões. Em defesa da família brasileira, explicitam que a questão maior talvez nem seja em torno do gênero, mas da sexualidade, uma vez que a concepção de família heteronormativa não pode ser abalada, segundo esse discurso retrógrado. Que efeitos esse tipo de discurso produz na vida das pessoas, em seus corpos e subjetividades?¹⁶

O entendimento de que as identidades subjetivas são materializadas nos corpos a partir das características definidas segundo o sexo identificado de um indivíduo a partir de determinadas performances de gênero. Essas performances são concebidas como práticas sociais e culturais representadas e reproduzidas através dos corpos, da linguagem, dos controles sociais, bem como dos papéis socialmente construídos. Segundo Rodrigo Borba:

Os diferentes caminhos percorridos pelos conceitos de performance e performatividade em suas peregrinações disciplinares sublinham o fato de que para analisarmos a construções de identidades (todas as identidades) não basta atentar somente às práticas corporais. Deve-se, isto sim, considerar que esse corpo só atinge significado cultural quando embrenhado em uma rede altamente complexa de regulações, vigilâncias, punições que paradoxalmente fornecem os recursos de sua própria contestação. Tal rede é constituída por sistemas de saber/poder e saber/discurso historicamente específicos que são, em grande parte, produzidos e sustentados por práticas linguísticas.¹⁷

Performatividade, nesse sentido, é um elemento fundamental para entender as questões de gênero e da categoria de gênero. Ou seja, como visto acima, estão muito além dos corpos como realidades estáticas e apresentam-se intrinsecamente

¹⁶ SILVEIRA, Catharina et al (Orgs.). **Educação em gênero e diversidade**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018, p. 15. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/186154/001082314.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

¹⁷ BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 441-474, jul./dez. 2014, p. 467-468. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/37570706/a_linguagem_importa_PAGU.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1543929474&Signature=cS2C3QclhybkdA3d6XK%2FNxTB3mo%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DA_linguagem_importa_Sobre_performance_pe.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2018.

relacionadas com as perspectivas sociais e culturais, e como estas são representadas de tal forma que moldam homens e mulheres incutindo nesta formação diferenças que são naturalizadas. Nesse sentido,

Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo.¹⁸

Assim, a categoria de gênero aponta para a perspectiva de que a cultura e a sociedade constituem e constroem perfis a partir dos quais se define o que é considerado masculino e feminino, e que estes são derivados diretamente do sexo biológico e a estes respondem através de performances e reproduções de padrões estabelecidos. Essas construções acabam tornando-se parte do senso comum, tendo como pano de fundo perspectivas patriarcais, segundo as quais os homens, sobretudo aqueles considerados biologicamente “machos”, associados à força, à racionalidade e à virilidade, detêm o poder de domínio sobre as demais pessoas que não ostentam tais características (mulheres e homens considerados inferiores).

Apoiando-se em perspectivas que concebem a cultura como sendo um campo de luta e contestação em que se produzem sentidos múltiplos e nem sempre convergentes de masculinidade e de feminilidade, noções essencialistas, universais e trans-históricas de homem e mulher – no singular- passam a ser consideradas demasiadamente simplistas e contestadas. Exatamente porque o conceito de gênero enfatiza essa pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, torna-se necessário admitir que isso se expressa pela articulação de gênero com outras ‘marcas’ sociais, tais como classe, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade.¹⁹

As questões de gênero, as lutas e reivindicações, os debates e a busca de ressignificação de espaços e corpos, são respostas à opressão experienciada por pessoas em diferentes contextos e situações sociais, culturais e econômicas, realizar uma contextualização da palavra gênero é tratar de entender sua complexidade, assim como o que o tornou tão complexo.

O gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível

¹⁸ LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17.

¹⁹ LOURO, 2003, p. 17.

separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida.²⁰

Evidencia-se que a relação cultural, está diretamente vinculada ao entendimento de gênero, assim como atravessados por outros elementos que produzem significados para as expressões de gênero e sexualidade, as quais são reproduzidas através dos coros e vivências, de maneira repetida, tornando-as assim naturalizadas na cultura.

O conceito de gênero é profundamente devedor da ideia de relativismo cultural. Deve-se acrescentar ainda um outro aspecto importante: o caráter necessariamente relacional das categorias de gênero. O uso do conceito pressupõe, portanto, que tanto homens quanto mulheres são produtos da sociedade. Seus comportamentos e pensamentos não são derivados de uma natureza biológica.²¹

O ponto principal que a discussão nesse estudo pretende adentrar e refletir refere-se à compreensão das concepções de gênero enquanto socialmente construídas, seus desdobramentos e a forma como se apresentam na sociedade e na cultura. Além disso, pretende reafirmar e entender qual o lugar ocupado pela religião nesses debates e como a Teologia tem influenciado tanto na reafirmação de tais paradigmas como na contestação e reflexão para a construção de conhecimento baseado nas perspectivas de equidade, respeito, liberdade e justiça de sujeitos e de seus corpos.

Até aqui este estudo tratou de abordar e contextualizar as perspectivas de gênero. Não obstante, uma perspectiva que caminha ao lado, muitas vezes confundida com a perspectiva de gênero, é a sexualidade, suas vivências, reflexões e práticas. Gênero e sexualidade são duas categorias que têm sido entendidas, muitas vezes, como diferentes aspectos de uma mesma realidade, marcadamente heteronormativa e sexista.

Muito se tem discutido e questionado sobre as relações de gênero e as sexualidades na atualidade. Especialmente, a partir dos movimentos e teorizações feministas, essas questões tornaram-se centrais para nós que estamos interessadas/os em repensar os modos como temos nos relacionado, os modos como temos lidado com nossos corpos, desejos e paixões.²²

²⁰ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, p. 20.

²¹ HEILBORN, Maria Luiza. “Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade”. **Cadernos Cepia**, Rio de Janeiro, n. 05, p. 73-92, 2002, p. 77.

²² SILVEIRA, 2018, p. 13.

É importante salientar que gênero vem sendo discutido também a partir de outras vivências, as quais se deram graças a contribuição do movimento feminista propiciando novos entendimentos sociais de reivindicação, como por exemplo, o movimento LGBTI+.²³

O que hoje se entende por movimento de LGBTI+ teve seu início enquanto movimento político a partir de 1969, com a revolta de *Stonewall*. Segundo André S. Muszkopf:

Se possível compreender o que se tornou possível *Stonewall*, e o movimento que passou a representar, no marco de um contexto mais amplo de mudanças sociais, econômicas e políticas, que tiveram lugar nos Estados Unidos neste período. Filhos e filhas de um longo período de prosperidade econômica, jovens universitários nas décadas de 60 e 70 criaram estilos de vida que questionavam autoridades e valores tradicionais, especialmente no âmbito de papéis de gênero e formas de expressão sexual.²⁴

No Brasil, de igual modo, as discussões de gênero a partir e através das reivindicações e lutas homossexuais tiveram seu marco de reivindicação e de busca por libertação, em muitos aspectos, vinculados ao movimento ocorrido nos EUA.²⁵ Em entrevista recente, Marco José Duarte relata a experiência e o caminho percorrido para o que hoje se entende como discussão de gênero dentro e a partir do Movimento LGBTI+, principalmente no que tange ao espaço de discussão e visibilidade que era e, em muitos aspectos ainda é, complexificado através de hierarquias sociais, inclusive e principalmente nas lutas e reivindicações. Ao

²³ Em manual lançado no ano de 2018, pela Aliança LGBTI, e pelo grupo Gay Latino, entre outras instituições e associações vinculadas a causa LGBTI, apresentaram-se perspectivas para o entendimento acerca da população LGBTI+, com o intuito de informar e formar principalmente a população que atua na área da comunicação e estudantes, neste manual, observa-se a adoção do termo LGBTI+ como forma de referência a pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e intersexuais Este Manual visa apresentar aos meios de comunicação, incluindo jornalistas e estudantes desta área, a terminologia mais atualizada sobre a população lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e intersexual (LGBTI+). Neste manual o símbolo + foi acrescentado à sigla LGBTI para abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. REIS, Toni (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / Gay Latino, 2018. Disponível em: <<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

²⁴ MUSSKOPF, André S. **Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 185.

²⁵ André Muszkopf, sobre o movimento gay no Brasil, afirma que: “Também no Brasil, vivemos reflexos de Stonewall e desse movimento mundial por libertação de gays e lésbicas. Com o abrandamento da ditadura militar instaurada em 1964, e a volta dos/as exilados/as, novas ideias foram trazidas na bagagem. João Silvério Trevisan era um/a deles/as e, junto com um grupo de intelectuais conhecidos e respeitados fundou, em 1978, o jornal *Lampião*, que abordava sistematicamente a questão homossexual.” MUSSKOPF, André S. **Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay**. 3. ed. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Fonte Editorial, 2015, p. 13.

descrever o contexto político/contestatório que abrangia as perspectivas de gênero a partir das minorias sexuais, o autor afirma que:

A conjuntura da época impunha silenciamentos e invisibilidades, lidávamos com as ditas 'brechas' de liberdade deixada pelo regime autoritário, somado a isso, ainda tínhamos que ser respeitados pela esquerda, com a hegemonia do marxismo na academia, com estudos exclusivos de economia política, pautados na luta de classes, com os setores progressistas da igreja, com o pessoal da Teologia da Libertação, portanto, discutir sexualidade e gênero, comumente denominados de 'minorias', era tão marginal, como secundário na agenda da maioria da esquerda e do campo progressista. Ainda se entendia que a homossexualidade seria resultado da decadência moral das sociedades capitalistas e isso era um desvio pequeno burguês, esse conteúdo stalinista marcou muito a cultura política de diversas organizações de esquerda, exceto as trotskistas. Dessa forma, polarizava-se o debate na hierarquização das bandeiras das lutas gerais sob as lutas específicas, que a disputávamos na correlação de forças, é nesse contexto que me encontrava.²⁶

O que se está buscando identificar aqui é a relevância desta categoria, intitulada gênero, que se apresentou através dos questionamentos de diversos grupos marginalizados da sociedade, tendo como foco e ideal a luta pelo direito a dignidade e a vida. Em suma, pelo direito à liberdade dos corpos, das expressões e, também, através da luta por uma sociedade igualmente justa e diversa. Esta compreensão auxilia no entendimento de que a categoria de gênero abrange diversas perspectivas e lutas, as quais partem de um denominador comum, a contestação de um padrão hierárquico hegemônico.

Também no âmbito da sexualidade há disputas e debates sobre seu significado. Segundo definição contida na publicação "Teologia e sexualidade, saúde reprodutiva e direitos", entende-se que:

Poder-se-ia definir a sexualidade como um dispositivo de poder, como um complexo dispositivo de poder coletivo e subjetivo conformado por corpos, histórias, instituições, discursos, linguagens, categorias, diferenças, leis, desejos, controles, fugas, representações, lutas. A sexualidade estaria definida como um regime político que produz categorias, que produz regulações, que produz hierarquias, que produz nomes e que produz discursos. Também, a sexualidade produz sujeitos: subjetivamo-nos ao redor da sexualidade e a sexualidade, por sua vez, nos sujeita, nos diminui, nos classifica.²⁷

²⁶ LIONÇO, Tatiana; LIMA, Mário Felipe de Carvalho; COACCI, Thiago. 40 anos da história do movimento LGBT no Brasil: memórias, desafios atuais e novas perspectivas. Entrevista com Marco José de Oliveira Duarte. **REBEH**, v. 01, n. 04, p. 217-230, out./dez. 2018, p. 217-218. Disponível em: <<http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/220/122>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

²⁷ GRUPO DE INVESTIGACIÓN TEOLOGÍA Y MUNDO CONTEMPORANEO, 2018, p. 154.

O conceito acima referido auxilia a compreender a amplitude de questões envolvidas quando se fala sobre sexualidade. Há elementos da vida, do cotidiano que determinam padrões de vivência e representatividade dos corpos que regulam as práticas, os olhares, as subjetividades. Todos aqueles e todas aquelas que subvertem esta prática normativa são condenados e condenadas à exclusão e à margem da sociedade.

Ainda, na busca de referenciar este conjunto de perspectivas que determina o conceito de sexualidade, é importante estabelecer a relação com os estudos feministas e com a discussão sobre gênero. Assim,

A sexualidade é um elemento em que se estabelecem princípios fundamentais da dominação masculina e da subordinação feminina: a sexualidade como reprodução, a sexualidade como manifestação da violência masculina, a sexualidade como mercadoria, a sexualidade feminina como patológica, são âmbitos importantes da reflexão feminista. O estabelecimento da heterossexualidade como norma e como modelo de pensamento também é abordado pelo feminismo. Este sistema, este regime e este pensamento heterossexual produz uma série de corpos, de categorias, de sujeitos e de experiências que são abjetas, que estão marcadas e estigmatizadas, que são outras, que se estabelecem como diferença e contraste do considerado normal, natural, são, bom, útil, organizado, correto, hetero. Alguns corpos heterossexuais importam e outros corpos não heterossexuais não importam.²⁸

As questões acima mencionadas fazem referência ao contexto heteronormativo que determina o modelo de sexualidade visto como “natural”, normatizado em vivências e reproduzido por corpos. Este modelo parte do pressuposto de dominação a partir da sexualidade, referenciado por um sistema binário de gênero.

É nesse sentido que os estudos Queer²⁹ problematizam a relação entre as categorias de sexo (como dado biológico e essencial) e gênero (como dado cultural e construído) a partir da sexualidade como elemento-chave para compreender tanto sexo quanto gênero. Pode-se ainda, para um maior entendimento, referenciar a teologia queer, a qual compreende-se a partir da seguinte premissa:

²⁸ GRUPO DE INVESTIGACIÓN TEOLOGÍA Y MUNDO CONTEMPORANEO, 2018, p. 154.

²⁹ “Uma das teorias que aparece em meados dos anos noventa é a queer, a qual possibilita um novo olhar para problematizar os processos de normatização e marginalização nas sociedades contemporâneas. É utilizada especialmente no que diz respeito ao recorte da corporeidade, ao perguntar-se sobre as implicações teóricas, analíticas e metodológicas envolvidas nos estudos das identidades e da corporeidade.” (tradução própria) BOEHLER, Genilma. La visibilización de los sujetos invisibles: el método para la teología. In. LIMA, Silvia Regina; BOEHLER, Genilma; BEDURKE, Lars (Orgs.). **Teorías queer y teologías: estar en otro lugar**. San José, Costa Rica: Editorial DEI, 2013, p. 86.

A teologia é todo discurso sobre Deus e, por conseguinte, se caracteriza pela transitoriedade da própria história das culturas e sociedades. Cabe à Teologia, então exercitar permanentemente a atualização de seu discurso. Portanto o que se nomeia como Teologia Queer é a atualização do discurso teológico que serve de método desenvolvido nas teorias queer. É uma teologia contemporânea, contextual e que indica um caminho novo para a humanidade avance em seu conhecimento sobre Deus.³⁰ (Tradução própria)

Estes conceitos de teoria e Teologia queer auxiliam na compreensão de perspectivas que vem sendo construídas no que diz respeito ao entendimento sobre gênero e sexualidade. Auxiliam, de igual modo, na compreensão das construções sociais que permeiam os corpos e as identidades e sua relação com o campo teológico.

Judith Butler, referencia a perspectiva do entendimento do conceito de gênero enquanto fluído, mutável, variável, em diferentes contextos. Neste sentido,

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio constructo chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma.³¹

Esta reflexão leva a compreender também a sexualidade humana enquanto uma construção social, cultural e histórica, que se relaciona com sexo e gênero de maneiras diversas e complexas. Ainda segundo Butler,

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado; tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual 'a natureza sexuada' ou 'um sexo natural' é produzido e estabelecido como 'pré-discursivo', anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. Na conjuntura atual, já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas.³²

É dessa maneira que se produz o que se tem chamado de heterossexualidade compulsória ou heteronormatividade. Assim, introduzir a temática da sexualidade exige que se fale dos corpos, da história, de como esta é e foi compreendida, cerceada, interpretada e, em muitos aspectos, ocultada. Segundo Guacira Lopes Louro:

³⁰ BOEHLER, 2013, p. 87.

³¹ BUTLER, 2003, p. 25.

³² BUTLER, 2003, p. 26.

Qual é a relação entre, de um lado, o corpo, como uma coleção de órgãos, sentimentos, necessidades, impulsos, possibilidades biológicas, e, de outro, os nossos desejos, comportamentos e identidades sexuais? O que é que faz com que esses tópicos sejam tão culturalmente significativos e tão moral e politicamente carregados? Essas e outras questões tem se tornado cruciais nos recentes debates sociológicos e históricos.³³

Todo esse conjunto de situações e questionamentos anunciados pela autora traz à tona uma série de reflexões e caminhos para a compreensão e debates acerca deste tema tão relevante, mal compreendido e ocultado dos debates, visto como algo destinado à casa e a família. Em muitos casos, a religião e a teologia, reproduzidas através da cultura, tornaram-se demarcadoras deste tema, assumindo uma postura moralizadora e normatizadora.

As igrejas ocupam um espaço privilegiado quando se pensa em formação, reflexão e diálogo. Especificamente com relação a questões sobre sexualidade, as igrejas, muitas vezes, ocupam um lugar de certo “pudor” e “santidade”, fazendo com que determinados assuntos não possam ou não devam ser mencionados. Isso não significa, no entanto, que as igrejas, ao silenciar e ocultar a discussão não estejam promovendo determinadas compreensões sobre sexualidade. A sexualidade, seus desdobramentos, vivências e nuances, durante muito tempo estiveram e ainda se encontram sob a vigilância das igrejas e são atravessadas por perspectivas morais que promovem a ocultação da vivência e o cerceamento das relações e dos corpos.

Michel Foucault, em seu livro “A história da sexualidade I, A vontade do saber”, evidencia como questões de gênero e sexualidade são tratadas de modos distintos em diferentes contextos. Segundo ele, por exemplo:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem resistência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX.³⁴

O que a própria pesquisa de Foucault evidencia é que houve uma redefinição no campo da moral, com centralidade do poder de controle e regulação.³⁵ Essa redefinição, segundo Foucault, está justamente no cerceamento

³³ LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 38.

³⁴ FOUCAULT, 2006, p. 10.

³⁵ Partindo da concepção foucaultiana de que se exerce um poder sobre a sexualidade, suas teorias e sobretudo práticas, a partir do que o autor define como “Instância da regra”, compreende-se que: “O poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e

de o que pode ser dito e onde deve ser dito, de maneira a permitir a sua regulação e controle. Essas questões também estão presentes na realidade das igrejas e fundamentam uma determinada noção de pecado associada aos corpos e à sexualidade.

A sexualidade ainda é compreendida de outras maneiras, apresentando outros significados, os quais incidem positiva e negativamente na sociedade, na cultura e também nas igrejas. Neste sentido, pode-se compreender que,

Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias. Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações do sexo: a ideia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes idades e às classes sociais.³⁶

Como dito acima, historicamente vem-se percebendo que diferentes concepções dialogam com e a partir dos entendimentos sociais, culturais e religiosos, onde, mesmo o sentido de moral empregado em relação à sexualidade e aos corpos, parte de concepções e entendimentos totalmente diferentes. Neste sentido,

A moral cristã sobre a atividade sexual tem base no preceito de que é ético manter relações sexuais, desde que entre um homem e uma mulher, devidamente casados monogamicamente, com a finalidade de procriar, com o homem dominando a mulher sexualmente e assim garantir a perpetuação da espécie.³⁷

proibido. Em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma 'ordem' que funciona, ao mesmo tempo, como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei. E, enfim, que o poder age pronunciando a regra: o domínio do poder sobre o sexo seria efetuado através da linguagem, ou melhor, por um ato de discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito. Ele fala e faz-se a regra. A forma pura do poder se encontraria na função do legislador; e seu modo de ação com respeito ao sexo seria jurídico-discursivo." FOUCAULT, 2006, p. 80.

³⁶ FOUCAULT, 2006, p. 97.

³⁷ REIS, Toni. **Homofobia no ambiente educacional: o silêncio está gritando**. Curitiba: Ed. Appris, 2015, p. 84.

Esta concepção reflete muito mais um ideal presumido e imposto às pessoas do que as realidades e vivências concretas experimentadas no cotidiano das relações. Dentro do próprio cristianismo é possível encontrar diferentes compreensões sobre essa temática.

Segundo Foucault, o que se experimentou nos últimos séculos foi o adentramento de morais excessivas pautadas na centralidade do poder e em boa parte asseveradas através da igreja e da religiosidade. Isso trouxe para a vivência dos corpos e da sexualidade uma ideia renovada de pecado.

O controle da religiosidade através das instituições religiosas esteve e está presente na realidade dos discursos sobre a sexualidade. Sua perspectiva normatizadora e controladora permanecem em voga através da moral que se veste de ética para poder determinar as vivências dos corpos e das vidas, agregando o peso do pecado e da perversão para todas as pessoas que não se enquadram no perfil heteronormativo.

Até aqui buscou-se discutir as categorias de gênero e sexualidade com a finalidade de compreendê-las dentro de um contexto social e histórico. A partir deste marco referencial, busca-se compreender a relação dos mesmos com o que irá ser pautado ao longo deste estudo como um todo. Torna-se importante compreender gênero e sexualidade enquanto categorias que se diferem em seus contextos e interpretações, mas que, em muitos casos, são vistos como uma só categoria de análise. Desta forma, buscou-se traçar compreensões que propõe diferenças e que também dialogam em suas interpretações.

1.2 Teologia, Gênero e Sexualidade

As perspectivas abordadas no ponto anterior buscaram, de forma sucinta, retratar e apresentar gênero e sexualidade enquanto categorias de análise e entendimento da realidade social e cultural. Não obstante, um campo que tem se ocupado em discutir e buscar diálogos com e a partir de tais perspectivas é o campo da Teologia.

Desta forma, o conceito GÊNERO, se tornou, em particular nas ciências humanas, não apenas um instrumento de análise, mas um instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa de construção de relações sociais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito pela diferença. Pelo

que acabamos de ver, o objetivo primordial de uma reflexão sobre o GÊNERO é colocar às claras, através desta categoria tão pouco utilizada em teologia, todo um sistema de relações de poderes baseados no papel social, político e religioso de nossa realidade de seres sexuados. Mais precisamente, trata-se de mostrar como as relações entre homens e mulheres funcionam para manter uma certa ordem social e religiosa, eventualmente para muda-la.³⁸

Assevera-se a existência de inúmeras agentes que vêm tratando de problematizar e reconstruir a realidade dos corpos e da percepção de gênero e sexualidade no campo da Teologia e da Religião. Um dos nomes que tem trabalhado de maneira constante na elaboração e reflexão do campo da teologia feminista na América Latina é Ivone Gebara. Para ela,

Continuamos hoje sendo desafiadas por novas e diferentes problemáticas acrescidas às anteriores. Um dos grandes desafios lançados ao pensamento teológico contemporâneo vem do feminismo. Desafio porque toca em questões antropológicas e sociológicas profundas muitas das quais ainda não reconhecidas e acolhidas por muitas Igrejas, instituições universitárias e Estados.³⁹

As reivindicações feministas, suas análises e reflexões têm contribuído de maneira significativa para o entendimento das desigualdades presentes no contexto social, cultural e religioso atual. Não obstante, os mecanismos de opressão que produzem desigualdades têm resignificado o sentido de suas ações e atuações nos diversos contextos sociais e culturais assumindo outras formas e mecanismos para a continuidade do sistema desigual que diferencia mulheres de homens. Pode-se referenciar neste sentido as contribuições feministas contra a violência de gênero.⁴⁰

A contestação através da ótica da violência é um ponto que urge, principalmente quando se fala de gênero, uma vez que fere e propaga um viés de dominação aos extremos, machuca o corpo e fere a carne. Neste sentido, pode-se ressaltar aqui a leitura da sexualidade, também através da corporeidade, através

³⁸ GEBARA, 2000, p. 105.

³⁹ GEBARA, Ivone. O feminismo desafiando as teologias cristãs. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 01, n. 01, p. 40-52, 2015, p. 41. Disponível em: <<http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2481/2337>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

⁴⁰ “Violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência.” SAFIOTTI, 2001, p. 115.

dos corpos sexuados que falam, que vivem que estão em todos os lugares, hoje e na história.

André Musskopf, ao refletir sobre o conceito de corporeidade a partir de uma teologia gay, faz um paralelo com o texto bíblico de I coríntios 12.12-27, onde pode-se perceber a seguinte perspectiva sobre o paradoxo da corporeidade com a sociedade e a sexualidade. Segundo o autor:

Até agora tenho falado sobre a importância de compreendermos nossa corporeidade, tanto sob uma perspectiva individual como coletivo-comunitária. Por meio do conhecimento do nosso próprio corpo poderemos identificar os mecanismos existentes na comunidade ou sociedade, este corpo maior, que ajudam o desenvolvimento corporal ou impedem-no. Mas a experiência corporal – os sentidos e os relacionamentos – também está relacionada com a sexualidade. Embora sexualidade seja, muitas vezes, associada estritamente a atos genitais, ela vai muito além de tais atos. Ela permeia nosso ser e está ligada ao que somos, ao que pensamos e à forma como agimos. Ela está no centro de nossa experiência como indivíduos e comunidade.⁴¹

Falar de gênero e sexualidade através da concepção do corpo pode ser um exercício interessante para compreender de maneira mais ilustrativa as relações existentes entre este corpo que fala, sente, vive, e as teorias que o rodeiam, aprisionam, assim como aquelas que o buscam libertar. Ainda a partir das reflexões de Musskopf, pode-se compreender que,

De uma forma geral, tanto homossexuais quanto heterossexuais passam por uma 'fase de descoberta' da sua sexualidade. Já num estágio mais avançado da infância, mas especialmente na adolescência, acontece uma 'explosão de hormônios', uma fase em que o corpo desperta para uma busca pelo/a outro/a. Mas desde cedo aprende-se a não falar sobre sexo e sexualidade. Pressupõe-se um caminho 'natural' para seu desenvolvimento. A maioria dos meninos encontra modelos para desenvolver sua sexualidade na conversa com outros meninos, na imagem do relacionamento de seu pai de sua mãe e outros casais, e até mesmo nas piadas e circulação de revistas e matérias sobre sexo.⁴²

O que se está buscando evidenciar aqui é o fato de que a sexualidade é experienciada e, de igual modo, dependente do viés cultural. Falar de sexualidade é compreender que assim como as realidades mudam, as formas de compreender a sexualidade e até mesmo o corpo, também. Assim, utilizar o corpo para compreender um sintoma maior da sociedade, da religião e da cultura é uma

⁴¹ MUSSKOPF, André S. Além do arco-íris: Corpo e corporeidade a partir de 1 Co 12.12-27 com acercamentos do ponto de vista da Teologia Gay. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). **À Flor da Pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**. 2. ed. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; CEBI; Sinodal, 2006, p. 151.

⁴² MUSSKOPF, 2006, p. 154.

analogia que pode surtir interessantes significações, tanto para as teorias da sexualidade quanto para as de gênero.

Estas são perspectivas que surgem, no Brasil, a partir do *lócus* da Teologia da Libertação Latino-Americana, perspectiva teológica esta que permite novos olhares e formas de ler e (re)ler a realidade imposta. Marcella Althaus-Reid também têm contribuído para diversas outras discussões que emergem graças a presença das teorias feministas; a Teologia da Libertação Feminista, por exemplo, pode ser referenciada como uma destas contestações,

A teologia da libertação feminista, surgiu de um intenso compromisso com a vida das mulheres pobres, tem contribuído de maneira muito importante nos deslocamentos androcêntricos na teologia no mundo todo. No entanto, como teólogos da libertação não somos imunes ao idealismo e as visões românticas da feminilidade de acordo com as considerações muito discutidas, mas ainda teologicamente normativas sobre o gênero e a sexualidade.⁴³ (Tradução própria)

Estas compreensões, elucidadas no livro “Teología Indecente”, retratam parte do impacto causado pelas reflexões feministas em toda a América Latina, as quais se refletiram de maneira contundente no pensamento desde as mais diversas vertentes do pensamento teológico. A compreensão elucidada acima indica alguns pressupostos que acompanham o pensamento teológico latino-americano a partir de uma leitura feminista, a qual, como afirma a própria autora, contribuiu muito para a propagação de um pensamento contestatório no campo da teologia. Percebe-se também a constatação da autora no sentido de que, mesmo com a contribuição que as mulheres vêm agregando ao pensamento teológico, e mesmo a partir das desconstruções já logradas, ainda se faz presente neste panorama a perspectiva romântica acerca da feminilidade, asseverada através do campo da teologia através das perspectivas de gênero e sexualidade.

A partir do exposto e, ainda, partindo do pressuposto de que o machismo impera nas relações sociais, sobretudo e de maneira incisiva na América Latina, Marcella Althaus-Reid, auxilia na compreensão deste pressuposto, principalmente na busca de traçar um entendimento do impacto do machismo sobre as relações de gênero e sexualidade através das estruturas de poder em diversos âmbitos. Neste sentido, compreende-se que,

⁴³ ALTHAUS-REID, Marcella. **La Teología indecente**: Perversiones teológicas em sexo, género y política. Barcelona: Belaterra, 2005, p. 18.

Na América Latina, o machismo cria uma sólida base de suposições em diferentes aspectos da realidade através da penetração de suas crenças sexuais reforçadas através do universo linguístico do espanhol e do português sexualmente mediatizados. Em muitas ocasiões, as teologias da libertação feminista, tem dado por certa a identidade sexual macho/ fêmea e as construções genéricas na teologia, que não lutam pela ruptura e a diferença sexual com o fim de produzir uma mudança no paradigma epistemológico, senão pela complementariedade. As identidades de gênero não têm sido vistas como o que são, atos de realização da representação da sexualidade.⁴⁴ (Tradução própria)

O machismo no contexto social e cultural na América Latina não exerce sua presença sobre apenas um viés, mas sim, atravessado por inúmeras relações, como sexo, raça/etnia, gênero, religião, poder econômico etc. São muitas as intersecções presentes quando se busca evidenciar qualquer uma das categorias acima citadas, mas que, na interface gênero-sexualidade, a partir de uma leitura acerca do trabalho doméstico no Brasil, pode-se compreender que:

As diferenças, tomadas como desigualdade e reconhecidas ainda hoje nas relações estabelecidas entre brasileiros e brasileiras, manifestam-se, por exemplo, nas classificações hierárquicas e no engajamento em trabalhos de cunho reprodutivo e produtivo. Reconhecidas como intrinsecamente vinculadas ao trabalho reprodutivo, as mulheres foram quem, historicamente, estiveram subordinadas à criação dos filhos e à manutenção da casa, configurando-se como auxiliares em atividades consideradas produtivas, ou seja, situadas para além do espaço privado. Por essa vinculação essencialista das mulheres à domesticidade, o espaço privado – e, simultaneamente, ao histórico escravocrata e às atribuições das mulheres no sistema colonial – que se acredita que marcadores como gênero, raça e classe são importantes aspectos interpretativos na atual configuração do trabalho doméstico no Brasil.⁴⁵

O feminismo se apresenta como uma perspectiva que busca desconstruir estes padrões e comportamentos criados e solidificados sobre os corpos e vivências das mulheres. Ivone Gebara apresenta uma leitura acerca das rupturas antropológicas ofertadas pelo feminismo que repercutiram e repercutem no campo teológico. Segundo a autora,

Falar de rupturas antropológicas e teológicas significa que com o feminismo houve quebras nos pensamentos teológicos considerados como normativos ou como verdades indiscutíveis. Foram as teólogas feministas que no labor conjunto com as feministas, especialistas em diferentes áreas do saber e militantes sociais, que abriram fendas no saber monolítico masculino.

⁴⁴ ALTHAUS-REID, 2005, p. 18.

⁴⁵ BARCINSKI, Mariana; HAMANN, Cristiano; PIZZINATO, Adolfo. Regulamentação do trabalho doméstico remunerado: implicações psicossociais para as trabalhadoras no Brasil. **Revista Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 51, p. 248-268, jan./jun. 2018, p. 254.

Verdades teológicas ensinadas e fundadas em palavras de autoridade como garantia de veracidade estão agora abaladas.⁴⁶

Estas perspectivas auxiliam na compreensão do pressuposto feminista presente nos diálogos teológicos, com o propósito de refletir e quebrar paradigmas sociais e culturais estabelecidos historicamente. A Teologia Feminista, a partir de suas propostas e discursos, os quais partem da ideia de desconstruir conceitos e vivências machistas e patriarcais presentes na Teologia e reproduzidos através da religiosidade, auxiliaram e auxiliam na compreensão de uma nova forma de fazer e discutir Teologia, a partir das experiências das mulheres, da desigualdade entre homens e mulheres. Ou seja, pode-se compreender como um resgate histórico também de todas aquelas mulheres cujas histórias e participação foram ocultadas.

A Teologia Feminista emerge como uma 'outra voz' no interior de um campo de saber majoritariamente masculino. É uma voz que resulta da consciência de um sujeito reflexivo, neste caso, de mulheres teólogas que passam a questionar os lugares que socialmente lhes foram outorgados como legítimos por um único discurso teológico produzido, em geral, por homens celibatários. Nesse sentido, a Teologia Feminista integra uma grande rede de saberes que emergiram em diferentes áreas acadêmicas problematizando e desconstruindo os discursos hegemônicos androcêntricos. Saberes que emergem da consciência de uma experiência compartilhada de dominação, invisibilidade e discriminação vivida pelas mulheres.⁴⁷

A produção teológica feminista, ao trabalhar com a categoria de gênero, revela as consequências das produções heterossexistas e heteronormativas propagadas pela própria religião.

Penso que no centro da reflexão das teologias feministas está uma intencionalidade de base que se expressa na afirmação da dignidade feminina através de múltiplas formas. Essas teologias são marcadas pelos contextos diferentes em que nascem e por algumas problemáticas diferentes, dependendo do objetivo imediato perseguido. Costumo chamar esses objetivos específicos ou imediatos de intencionalidades específicas, visto que partem da preocupação de grupos específicos como as mulheres negras, indígenas, lésbicas, trabalhadoras do campo, empregadas domésticas, etc. É a partir daí que se pode falar das diferentes teologias feministas. Nem sempre essas teologias são escritas, mas elas se expressam na vida cotidiana e nos múltiplos encontros de mulheres.⁴⁸

⁴⁶ GEBARA, 2015, p. 42.

⁴⁷ FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. **Rever**, São Paulo, v. 11, n. 01, p. 139-164, jan./jun. 2011, p. 140.

⁴⁸ ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 01, p. 294-304, jan./abr. 2006, p. 298.

Os posicionamentos e expectativas fundamentadas na cultura, na sociedade e na religião, assim, são introjetados como parâmetros de masculinidade e feminilidade aceitáveis, os quais se revelam nas escolhas das profissões, nos cargos e espaços que serão ocupados e naturalizados, dividindo-os entre espaços de homens e espaços de mulheres; o mesmo acontece na perspectiva das personalidades, sentimentos e, ainda, das expressões corporais. Tais pressupostos são mantidos e veiculados em muitos aspectos pela teologia. É fato que as discussões sobre gênero e sexualidade têm espaço de diálogo dentro das igrejas e a partir do campo da teologia. No entanto, as estruturas eclesiais e religiosas no cristianismo, sobretudo, permanecem patriarcais, uma vez que foram e ainda são estruturadas, em sua maioria, por homens, brancos, em posições de poder.

Teologia feminista é o esforço para repensar as religiões e a teologia a partir de um referencial não patriarcal. O advento da teologia feminista se deu quando a dimensão sexual dos comportamentos, as questões relativas à demografia, à sexualidade e à limitação da natalidade começaram a encontrar sérias barreiras provindas das igrejas cristãs e, particularmente, da Igreja Católica Romana. A teologia feminista é um movimento de contracultura no interior mesmo da cultura religiosa vigente.⁴⁹

A teologia feminista, como explicitado acima, é um movimento contestatório, de mulheres, teólogas e ou leigas que, no campo da religião cristã, buscam dialogar e propor novas realidades e espaços de reflexão, diferentes daqueles pensados a partir de homens e para homens. Apresenta-se como uma forma de leitura a partir de um dos contextos de supremacia masculina, e de igual modo, em diálogo com a Teologia da Libertação.

No contexto teológico latino-americano, a produção de conhecimento (epistemologia) sempre alertou que o saber é localizado, ou seja, que ele é engendrado a partir do contexto social, político e econômico que nos situa. A partir da teoria e teologia feministas, o compromisso pela igualdade de direitos e a erradicação da discriminação, opressão e violência levou a uma metodologia de desconstrução e reconstrução. Para desconstruir, é necessária uma revisão das estruturas simbólicas que se perpetuam e mantêm relações assimétricas de poder. Para reconstruir, é necessário elaborar concepções e práticas alternativas do fazer teológico.⁵⁰

⁴⁹ GEBARA, Ivone apud ZEKZANDER, Claudio. **Teologia feminista: um outro olhar sobre a religião.** Disponível em: <<http://zekzander.blogspot.com.br/2011/05/teologia-feminista-um-outro-olhar-sobre.html>>. Acesso em: 13 maio 2019.

⁵⁰ NEUENFELDT, Elaine Gleci; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara Sandra (Orgs.). **Epistemologia, violência e sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião.** São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2015, p. 10-11. Disponível em: <<http://catalogo.est.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/00000017.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

Por isso, faz-se necessário buscar pressupostos teóricos/práticos que cada vez mais dialoguem com a realidade vivida por homens e mulheres em sua diversidade. Neste sentido, todo esse compilado patriarcal construído na Teologia e no cristianismo, corroborou e corrobora para a submissão e para falta de igualdade entre homens e mulheres.

As temáticas elucidadas neste capítulo apresentam-se como ponto de partida para outras reflexões, principalmente voltadas para o campo da Teologia. Neste sentido, buscou-se de maneira conceitual evidenciar as questões pertinentes ao feminismo, gênero, sexualidade e suas nuances, diferenças e também, convergências na construção de conhecimento nas ciências sociais e humanas.

Buscou-se referenciar aportes que auxiliam na compreensão das temáticas gênero e sexualidade enquanto categorias de análise distintas, mas que, em muitos aspectos, são reproduzidas a partir de mecanismos sociais muito parecidos. Neste sentido, evidencia-se o corpo, a partir e com as epistemologias feministas, de gênero e mesmo a Teologia feminista.

As questões trabalhadas até aqui colocam as bases para a reflexão que se quer fazer com relação a juventude, particularmente com relação a juventude evangélica da IECLB. Considerando os estudos, conceitos e discussões em torno das questões de gênero e sexualidade, quer-se saber se e de que forma estes temas estão presentes nesses grupos e como é possível discuti-los desde perspectivas desconstrucionistas e libertadoras.

2 JUVENTUDES, JUVENTUDE EVANGÉLICA LUTERANA, CONCEITOS EM DIÁLOGO

Neste ponto serão traçadas perspectivas pertinentes à juventude, a partir do entendimento social e cultural, suas construções e entendimentos, bem como serão abordados aspectos pertinentes a Juventude Evangélica (JE), a qual é entendida enquanto uma rede de grupos de jovens organizados no âmbito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Presentes nas comunidades luteranas locais, esses grupos se organizam e se articulam em nível Sinodal e Nacional. No que segue, situa-se historicamente esse movimento para auxiliar a compreender o contexto no qual se situa o grupo específico objeto dessa pesquisa e que será apresentado e analisado nos capítulos seguintes.

2.1 Um resgate histórico da Juventude Evangélica (JE)

O trabalho com jovens na IECLB vem se desenvolvendo de maneira crescente. A perspectiva de se trabalhar com a juventude, dialogando com o papel da igreja e de todos e todas, enquanto cristãos e cristãs, possui uma longa e rica caminhada. Sandra Donner, ao trabalhar a perspectiva histórica dos grupos de JE, afirma: “A história dos movimentos de jovens na IECLB tem raízes profundas, que se confundem com a própria história da igreja luterana no Brasil.”⁵¹

Há registro do primeiro grupo a organizar-se no estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente no Sínodo Sul Riograndense, como era chamado o então sínodo que abarcava comunidades do RS.⁵² Segundo Martin Dreher, este grupo de JE teve início com participantes do sexo masculino e, somente mais tarde, teve início um grupo que reunia também mulheres jovens luteranas.⁵³

O início do trabalho com jovens no Brasil, pode ser compreendido da seguinte maneira: Os primórdios do trabalho entre jovens na história do

⁵¹ DONNER, Sandra Cristina. **Os jovens luteranos e a 'renovação brasileira'**: um estudo histórico da Congregação de Estudantes de Porto Alegre, da Associação Cristã de Acadêmicos e da Revista da Juventude Evangélica na década de 1960. São Leopoldo, RS, 2001. 145 p. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2001, p. 48.

⁵² DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 2. ed., revista e ampliada. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/Sinodal, 2003, p.128-129.

⁵³ DREHER, 2003, p. 128-129.

Sínodo devem-se à iniciativa de alguns pastores com experiência neste campo. O primeiro grupo de jovens foi criado pelo Pastor Rotermund, em 1896, em São Leopoldo.⁵⁴

A partir da década de 1950, houve um processo de reestruturação. Uma das ações resultantes desta reestruturação foi a criação da revista da Juventude Evangélica, editada pela primeira vez no ano de 1954. O periódico tinha como objetivo dialogar e manter contato com os grupos de jovens a nível sinodal e nacional, na busca de reestabelecer um trabalho voltado para o público jovem no Brasil que, devido a circunstâncias históricas decorrentes principalmente da Segunda Guerra Mundial, havia perdido força de atuação nas comunidades. No tocante à revista e seu papel na reestruturação de um trabalho mais sólido para com a JE, evidencia-se:

Essa revista apareceu em um momento em que o movimento de jovens na IECLB (que na época estava estruturada em sínodos) recebeu um grande incentivo da Federação Luterana Mundial (FLM). Na década de 50, houve um impulso de retomada dos grupos de juventude nas paróquias, pois, durante a Segunda Guerra Mundial, em função dos vínculos de algumas JEs com o ideário nazista, esses grupos praticamente deixaram de existir.⁵⁵

Em suas edições, a revista propunha diversas reflexões para as e os jovens. Eram propostas ações e debates reflexivos para contribuir com a formação de grupos, bem como saber o número de jovens existentes e construir formas de estruturar o trabalho. Um exemplo disso está na edição de 1958, apresentado por Donner:

No ano de 1958, solicitou-se pela primeira vez na revista da JE que os grupos de JEs de todo o estado enviassem uma lista dos seus ex-membros que estavam em Porto Alegre, com o nome, endereço e escola que cada um frequentava. Essa lista foi solicitada pelo serviço de ação de Assistência moral e religiosa da IECLB aos membros das JEs do interior.⁵⁶

Este levantamento acerca da presença de jovens luteranos e luteranas em Porto Alegre surgiu a partir da necessidade de reunir jovens universitários e universitárias que, oriundos e oriundas de regiões do interior do estado, vieram a Porto Alegre e região para darem continuidade à sua formação. Desta forma, sentia-se a necessidade de reunir estes jovens e estas jovens que estavam fora de suas

⁵⁴ DREHER, 2003, p. 128-129.

⁵⁵ DONNER, 2001, p. 49.

⁵⁶ DONNER, 2001, p. 49-50.

comunidades de origem a fim de formar uma pastoral da juventude e, assim, pudessem dar continuidade à vivência da fé a partir de grupos de juventude.

Para que fosse possível realizar este estudo, foram analisadas publicações a partir das primeiras edições da revista *Juventude Evangélica*, periódico este que passou a circular principalmente a partir do ano de 1950. As edições desta revista dedicavam-se a dialogar com os e as jovens a partir de sua realidade, bem como a partir de temas relevantes para a juventude deste período. As edições continham artigos e discussões sobre as mais diversas temáticas, incluindo questões políticas, sociais, de caráter formativo dialógico. Na revista eram pensados e relatados os encontros de JE que aconteciam em diversos locais do sul do Brasil. De igual modo, discutia-se a formação dos grupos, seu caráter social e contestatório, assim como o papel dos e das jovens na igreja.

Para adentrar ao grupo de jovens, nesta época, era pré-requisito a conclusão do ensino confirmatório e respectiva confirmação.⁵⁷ O ensino confirmatório caracteriza-se por ser um período de formação cristã luterana, que representa um período de afirmação da fé e da confessionalidade luterana, sendo voltado, principalmente, para o período da pré-adolescência.

Com relação ao período de ensino confirmatório, compreende-se que este é entendido de maneira geral enquanto um rito de passagem, ou seja, desde uma perspectiva histórica da JE, se constitui com pessoas que passaram pelo Ensino Confirmatório, sendo este um pré-requisito para o ingresso nos grupos. Portanto, o sentido que o termo “juventude” recebe a partir da perspectiva da JE difere do conceito entendido atualmente no âmbito da legislação e das políticas públicas,

⁵⁷ “Nas comunidades da IECLB, o Ensino Confirmatório é um período que enfatiza a educação dos principais temas inerentes a fé cristã, segundo a perspectiva luterana. O processo culmina com uma celebração eucarística denominada de Confirmação. Neste momento, o e a adolescente confessam, publicamente, sua fé, além disso, são inseridos no mundo adulto comunitário. A dinâmica do Ensino Confirmatório e da Confirmação está relacionada com o Batismo e também compreende o principal momento de formação na IECLB. A constituição do Ensino Confirmatório/Confirmação (semelhante ao processo da Catequese na Igreja Católica Apostólica Romana) permitiu que este se consolidasse no período entre a infância e o mundo adulto. Tornou-se, assim, um rito de passagem entre os dois momentos do desenvolvimento humano.” STRECK, Gisela I. W.; MALACARNE, Ivan Kiper. Adolescência e ritos de passagem: a partir de uma perspectiva do Ensino Confirmatório e Confirmação. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 44, n. 1, p. 127-139, jan./jun. 2018, p. 129. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/3190>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

como o Estatuto da Criança e do Adolescente, particularmente no que diz respeito à faixa etária.⁵⁸

As considerações até este ponto, realizadas no que diz respeito ao período do ensino confirmatório, servem de subsídio para a compreensão da continuidade formativa proposta pela IECLB. Através do ensino confirmatório são trazidas à luz da confessionalidade luterana aspectos importantes sobre a vida, a fé e a experiência comunitária, para que, após este período formativo específico, possa-se compreender a participação, assim como o compromisso inerente ao ser cristão e cristã na história e na atualidade.

Isto posto, compreende-se que, o caráter formativo do ensino confirmatório durante o período da pré-adolescência é também uma das perspectivas para a continuidade da vivência cristã. Em um relato extraído da revista Juventude Evangélica no ano de 1954 já se identificava tal perspectiva. A partir das palavras de um jovem, pode-se entender que:

Acredito que a J.E deve ser de certo modo a continuação do ensino confirmatório em outro ambiente e outro nível. Temos o desejo de conhecer a Bíblia o quanto mais possível. – A J.E atende à necessidade que temos de pão espiritual. – Ação sincera e não teoria discutível... precisamos saber como agir atualmente. Queremos trabalhar e sentirmos úteis e não apenas ouvintes passivos.⁵⁹

Evidencia-se, no relato apresentado acima, ao tratar de definir o significado e o papel da JE, que esta deveria de certa forma ser a “continuação do ensino confirmatório”. Esta visão, em grande parte, permanece ainda nas comunidades.

Até aqui buscou-se evidenciar aspectos históricos pertinentes ao surgimento do trabalho com jovens na IECLB, bem como sua relação com o período do ensino confirmatório.⁶⁰ Não obstante, cabe salientar que o trabalho com jovens na IECLB

⁵⁸ “ART. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.” ECA 2017: Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei federal número 8.069, de 13 de julho de 1990. Versão atualizada. Rio de Janeiro: CEDECA, 2017, p. 19. Disponível em: <https://www.chegadetrabalhoinfantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf> Acesso em: 01 jan. 2019.

⁵⁹ JUVENTUDE EVANGÉLICA. Mensal. Continuado por Presença. Porto Alegre: Juventude Evangélica da IECLB, jul./ago. 1954, p. 02.

⁶⁰ Ressalta-se a existência de um vídeo institucional, gravado e editado pela IECLB em comemoração aos 100 anos de trabalhos com jovens na IECLB. Neste vídeo estão contidas informações ricas e pertinentes no que diz respeito ao trabalho com jovens desde o processo de imigração. Vide o vídeo em: PORTAL LUTERANOS. **Jovem aos 100** – História da Juventude na IECLB, 10 out. 1997. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/juventude-evangelica/jovem-aos-100-historia-da-juventude-na-ieclb>. Acesso em: 04 nov. 2019.

tem se apresentado de forma bastante extensa; atualmente, percebe-se a existência de grupos de juventude em quase todas as comunidades da IECLB, além de publicações, encontros sinodais, nacionais e comunitários. Desta forma, a seguir serão apresentados algumas publicações e trabalhos que vem sendo realizados a partir e com a juventude a nível de IECLB, para que se possa compreender tal perspectiva de maneira mais contundente. Evidencia-se de igual modo que, à nível acadêmico, são poucas as publicações que buscam refletir a prática juvenil na IECLB. Os trabalhos e publicações existentes abordam principalmente as questões voltadas para e a partir da Educação Cristã, a partir do entendimento da mesma enquanto perspectiva educacional, principalmente para a infância.

Não obstante, no âmbito da IECLB, enquanto instituição igreja, vêm-se produzindo materiais para juventude, os quais visam traçar uma reflexão crítica de maneira jovem, principalmente pelo fato de que existe uma participação massiva de jovens na produção dos mesmos; um exemplo específico e contundente são as publicações da cartilha *Criatidade*⁶¹, a qual teve sua primeira publicação no ano de 2011, buscando elaborar reflexões para a JE acerca do compromisso da JE com a Missão. Desde então, vêm-se realizando publicações sistemáticas desta cartilha, as quais abordam assuntos extremamente pertinentes para a juventude e sociedade. Desde sua primeira publicação no ano de 2011, contabilizam-se 28 publicações⁶² com diferentes temas, dos quais destacam-se três que abordam a perspectiva de inclusão⁶³, tolerância e diversidade⁶⁴ e Justiça de Gênero.⁶⁵

⁶¹ “O CRIATITUDE é um projeto que iniciou em 2011 e, como diz o próprio nome, tem o propósito de buscar atitudes criativas para se trabalhar assuntos do contexto nacional ou mundial, bem como refletir sobre práticas e atitudes que já são desenvolvidas. Este ano trazemos algo inovador, que promete mobilizar, animar e agitar os grupos de JE da IECLB. O CRIATITUDE vem crescendo e, com certeza, veio para fazer a diferença. Sem dúvida, já tem feito e ajudado a mudar muita coisa, mesmo que ainda haja muito por fazer.” NIELSEN, Roberto de Oliveira. *Criatidade Inclusão – Introdução*. Portal Luteranos, 19 set. 2013. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/criatidade-inclusao-introducao>>. Acesso em: 15 maio 2019.

⁶² Para acessar todas as publicações, vide: PORTAL LUTERANOS. **Busca no portal:** *criatidade*. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/busca-avancada/?palavra_chave=Criatidade&expressao=1&data_inicial=&data_final=&conteudo_tipo=0&ambito=1&sinodo=0&parouquia=0&comunidade=0&instancia_nacional=0&nivel_instancia_nacional=0&subnivel_instancia_nacional=0&identificada_confessionalmente=0&nivel_civil=0&nivel_ecumene=0&nivel_governamental=0&btnBuscaAvancada=Buscar>. Acesso em: 01 nov. 2019.

⁶³ “Com o tema da IECLB de 2013 – “Ser, Participar, Testemunhar - Eu vivo comunidade”, refletir sobre inclusão não poderia vir em melhor hora. A cartilha deste ano tem como objetivo mostrar que aos olhos de Deus somos seus filhos e filhas, tendo os mesmos direitos, independentemente de quem e como somos. A comunidade é marcada pela diversidade, e cada pessoa, com suas capacidades e limites, é chamada a ser, participar e testemunhar sua fé. A cartilha quer trabalhar, de uma forma simples e dinâmica, a inclusão e a acessibilidade, assim como estimular a juventude a desenvolver e buscar práticas inclusivas dentro de suas igrejas e talvez até fora fazendo valer o

Ao citar a cartilha do Criatidade, apresenta-se a necessidade de referenciar outras perspectivas voltadas à JE na IECLB, como por exemplo o CONAJE (Conselho Nacional da Juventude Evangélica), o qual possui grande relevância nas práticas e publicações da JE a nível de IECLB, incluindo a Criatidade. Neste sentido, ainda com relação a Juventude e sua relação com a IECLB, pode-se compreender que:

[...] a força exercida pela Igreja Luterana na conformação da identidade jovem, estabelece laços de interação instáveis, difusos e provisórios [...] compete com outros quadros culturais [...] em contextos acentuadamente pluralistas e [...] segmentados – vem definindo modalidades de práxis teológica emancipadora apontando para modalidades de consciência crítica primando pela inserção e participação do jovem na vida social, no compromisso ético na elaboração da crítica social e na transformação do ser humano.⁶⁶

A IECLB, em seus mais diversos contextos, representados através da pluralidade cultural existente nos Sínodos, comunidades e paróquias, tem estado presente na formação de jovens. Esta preocupação com a formação juvenil faz parte da história da igreja no Brasil; os e as jovens cada vez mais possuem e logram espaços de debates e proposições que auxiliam a igreja a sempre trazer a perspectiva reformadora, enquanto igreja que dialoga com o novo, com as mais diversas correntes e faixas etárias. A perspectiva que surge neste sentido é a de uma Educação Cristã continuada, que permeia toda a vida da comunidade e das pessoas envolvidas, tendo como cerne o sentido crítico da educação, como educação dialógica, emancipatória.

direito das pessoas com deficiência, de participar e serem ativas em suas comunidades.” Esta edição foi publicada em 19 de setembro de 2013. NIELSEN, 2013.

⁶⁴ Esta publicação do Criatidade traz à tona diversas reflexões acerca da diversidade, dentre elas um ponto específico sobre masculinidades e reflexões de gênero a partir do viés cristão jovem. Esta edição foi publicada em 30 de agosto de 2014 e está disponível em: PORTAL LUTERANOS. **Criatidade: Tolerância e Diversidade**, 30 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/criatidade-tolerancia-e-diversidade>>. Acesso em: 13 maio 2019.

⁶⁵ Esta é uma publicação do Criatidade que se destaca no que diz respeito ao tema de gênero e diversidade, uma vez que, aborda em sua totalidade, ou seja, desde o título até a conclusão, de temas pertinentes a diaconia transformadora, gênero como ferramenta de transformação social, identidades de gênero, violência doméstica, gênero, juventude e epidemia de hiv/aids. De igual modo esta é uma das publicações da JE a nível nacional que busca especificamente dialogar com os e as jovens da IECLB sobre o tema da justiça de gênero. Esta edição foi publicada em 05 de agosto de 2016 e está disponível em: PORTAL LUTERANOS. **Criatidade pela Justiça de Gênero**, 05 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/criatidade-pela-justica-de-genero>>. Acesso em: 18 maio 2019.

⁶⁶ BOBSIN, Oneide; BECKER, Cláudio Giovanni; KUHN JÚNIOR, Norberto. **Sociabilidade juvenil: contexto religioso e sua inserção social**. São Leopoldo: IEPG/EST, 2003, p. 05.

Nos pontos que seguem, buscar-se-á, compreender e referenciar aspectos pertinentes à Educação Cristã e sua relação com a Juventude, ou seja, o trabalho que vem sendo desenvolvido a partir da IECLB no tocante à Educação Cristã continuada, sua compreensão de juventude, bem como quais as propostas e desdobramentos que podem surgir a partir de tal prerrogativa.

2.2 Educação Cristã e Juventude

A IECLB através do Plano de Educação Cristã continuada (PECC) afirma como um de seus compromissos a educação. Esta deve ser reflexiva, construída em conjunto, refletida nas comunidades. Há uma ampla produção nessa instituição sobre Educação Cristã. Neste capítulo serão utilizados alguns documentos e escritos que possibilitarão uma maior compreensão e definição do conceito de Educação Cristã, bem como a relação desta com a temática da juventude.

Inicialmente pode-se referenciar a perspectiva da educação a partir da seguinte perspectiva:

A educação cristã transcende o ambiente eclesial, ela tem como perspectiva o Reino de Deus, ou seja, o evangelho como sujeito e objeto. A educação cristã tem dois aspectos: um voltado para a tarefa formativa que a Igreja realiza com seus membros no sentido de habilitá-los a participarem da vida e dos compromissos de sua respectiva comunidade. O termo educação cristã se refere à prática educativa e a disciplina. A disciplina observa a prática, sistematiza a reflexão e a ação e instrui sobre a conceituação. Com relação à prática educativa a educação cristã visa à ação educativa que o povo de Deus realiza no seu seguimento de Cristo, perguntando pela metodologia apropriada e pelos pressupostos teóricos.⁶⁷

A educação, sobretudo a cristã, deve partir do compromisso com o evangelho desde o amor dialógico, entendido enquanto perspectiva que ensina, aprende, acompanha, permanece, insiste e, também, adapta-se às mais diversas linguagens, formas e sentidos. Quando se anuncia o conceito Educação Cristã busca-se anunciar também sua representatividade, sobretudo na IECLB, seu *lócus*, no sentido pedagógico comprometido com a realidade que a cerca. Neste sentido, é compreender que a partir e com cada fase da vida das pessoas envolvidas, ela vai

⁶⁷ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998, p. 246-247.

participar na construção das realidades. A Educação Cristã tem papel fundamental na experiência de jovens cristãos e cristãs da IECLB.

As principais questões relacionadas à Educação Cristã na IECLB estão contidas no Programa de Educação Cristã Contínua (PECC). Neste documento, oficializado pela Igreja, parte-se do princípio pedagógico cristão para a abordagem e compreensão dos trabalhos educacionais desenvolvidos pela IECLB em diversas esferas e âmbitos. Neste sentido, é possível compreender que,

Conforme palavras de apresentação do Pastor Presidente da IECLB, o PECC '[...] além de ser instrumento de planejamento, ele [o PECC] oferece um referencial teológico e pedagógico para o processo educativo, tendo como objetivo orientar, teológica e pedagogicamente, todas as instâncias da IECLB na avaliação, no planejamento e na execução de ações de educação cristã para todas as fases da vida, com vistas ao melhor cumprimento da missão de Deus.'⁶⁸

O entendimento de que a educação é uma instância que permeia todas as fases da vida e que deve dialogar com a realidade cultural, social e religiosa, é uma das perspectivas elucidadas pelo PECC, a partir do entendimento de que não existe uma só Educação Cristã, mas sim uma educação que perpassa a existência nas mais diferentes etapas. Percebe-se isto no texto das Diretrizes do Conselho Nacional de Educação Cristã:

Conforme o artigo 1º de sua Constituição, 'a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a seguir denominada por abreviação 'IECLB', é Igreja de Jesus Cristo no País, formada por Comunidades e pelos membros a elas filiados'. E de acordo com o artigo 3º, em obediência ao mandamento do Senhor, a IECLB tem por fim e missão: propagar o Evangelho de Jesus Cristo; estimular a vivência evangélica pessoal, familiar e comunitária; promover a paz, a justiça e o amor na sociedade; e participar do testemunho do Evangelho no País e no mundo. Igreja que batiza tem compromisso com a educação cristã. Essa é uma prática decorrente do batismo que caracteriza o ser igreja de Jesus Cristo no mundo (Mateus 28.18-20). Fundamentado na experiência bíblica da educação de Deus com seu povo e na prática educativa de Jesus, o Plano de Ação Missionária da IECLB – PAMI coloca a missão e a educação cristã de forma inter-relacionada. Ou seja, afirma que 'não há missão sem educação cristã nem educação cristã sem missão'. Para atender a esse compromisso responsabilmente, a igreja promove ações para todas as etapas ao longo da vida, a fim de integrá-las e interliga-las, mantendo a educação cristã como objeto de constante reflexão, avaliação e planejamento.'⁶⁹

⁶⁸ GRUPO DE INVESTIGACIÓN TEOLOGÍA Y MUNDO CONTEMPORANEO, 2018, p. 100.

⁶⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – IECLB. **Diretrizes do Conselho Nacional de Educação Cristã**. Porto Alegre: 2015, p. 01. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-formacao-educacao-crista/conselho-nacional-de-educacao-crista-continua-conecc-39916>. Acesso em: 20 jun. 2019.

O Plano de Educação Cristã Contínua afirma que “toda experiência educativa tem sua base em uma proposta pedagógica, pois a ação a ser realizada tem em si uma intencionalidade, mesmo que essa, às vezes, esteja oculta ou subentendida.”⁷⁰

A confessionalidade luterana, em diálogo com a pedagogia, também dá indicativos para a ação pedagógica na educação cristã. A partir do amor gracioso e libertador de Deus, a educação baseada na confessionalidade luterana é inclusiva e promove a participação efetiva de todas as pessoas envolvidas no processo educativo; valoriza cada ser humano; preserva sua individualidade e desperta para o compromisso cristão.⁷¹

A premissa apontada acima, presente no Plano de Educação Contínua, assevera o compromisso com a dialogicidade, com o amor, a construção coletiva e a inclusão. Tais questões evidenciam a educação enquanto libertária e comprometida. Neste sentido, para melhor definir o conceito de Educação Cristã, compreende-se que:

Educação cristã é um processo pessoal e comunitário de aprendizagem dos conteúdos da fé. Ela acontece na família e na comunidade e reflete-se nas ações e atitudes do dia a dia, que é a vivência cristã no mundo. A educação cristã não acontece de uma só vez, mas vai sendo construída e compreendida conforme as perguntas e as preocupações de cada fase da vida, de forma contínua e permanente.⁷²

Como apresentado acima, as perspectivas da Educação Cristã perpassam as comunidades geracionalmente, atuando, acompanhando e construindo em conjunto a partir das realidades sociais e culturais. Não obstante, apontam, também, para o entendimento do caráter formativo da Igreja.

A educação cristã com vistas à formação do povo de Deus necessita desenvolver experimentos que expressem um sentido da busca nestes novos tempos. Um paradigma da palavra atua a favor de uma aproximação dialógica entre a Palavra de Deus e a palavra humana. Situar-se entre a modernidade e a pós-modernidade em educação é afirmar a dignidade do ser humano, pela descentralização do ‘sujeito autônomo moderno’, localizando-o na relação com o ‘totalmente outro’.⁷³

⁷⁰ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – IECLB. **Plano de Educação Cristã Contínua da IECLB (PECC)**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011, p. 20.

⁷¹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – IECLB, 2011, p. 21.

⁷² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – IECLB, 2011, p. 22.

⁷³ FISCHER, Gerson Joni. **O Paradigma da Palavra: A Educação Cristã entre a Modernidade e a Pós-Modernidade**. São Leopoldo, RS, 1998. 209 p. Tese (Doutorado) Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 1998, p. 02.

É nesta relação com o outro e com a outra que a EC assume seu caráter dialógico no compromisso com a formação de cristãos e cristãs comprometidos com a transformação da realidade, com a busca do entendimento de que, para transformar as realidades opressoras, ou que causam sofrimento, é necessário, primeiramente, conhecê-la. Neste sentido,

A educação cristã como um aprendizado da fé, um exercício de reflexão teológica, envolve uma dimensão de relação com a 'Palavra encarnada' e exige uma prática que lhe corresponda. Essa perspectiva relacional prática é '*conditio sine qua non*' para o falar humano da Palavra de Deus [...] A educação planejada e exercitada a partir de um paradigma da fé, fundamentado no testemunho escrito da Palavra, envolve 'propósitos definidos'. Do contrário, transformar-se-ia em mero exercício apologético, exegético ou dogmático [...] 'O que é educação teológica? [...] A educação teológica [...] significa a transmissão a outra pessoa do que sabemos de Deus e sua relação com o mundo [...] Estamos acostumados a usar 'teologia' no sentido de algo já estruturado, organizado, sistematizado, que deve ser transmitido' (Sidney Rooy). Ao educador e à educação cristã como processo de reflexão teológica e como ministério da Igreja cabe desenvolver uma estrutura conceptual que possibilite a comunicação dos resultados de seu trabalho no meio em que é produzido. A finalidade desta tarefa é colocar-se a serviço do 'consenso' em matéria de fé e prática comunitária [...] A Palavra como modelo de uma educação que se põe a serviço da comunidade de fé deve atuar com o fim de possibilitar a comunicação a um nível de consenso em assuntos de fé e prática. Para que se alcance este objetivo, enquanto Palavra de Deus, ela precisa nutrir-se da escritura bíblica em confronto com a palavra que circula na comunidade cristã.⁷⁴

A EC permite que temas distintos relacionados a sociedade e a cultura sejam interpretados e pensados também para dentro da igreja. Ou seja, como dito acima, o falar humano a partir da palavra de Deus. Neste sentido, a incorporação de diálogos e ideias que relacionem a realidade cotidiana, ou seja, violências, opressões, entendimentos de vida, sejam dialogados a partir da ótica cristã, não enquanto paradigmas prontos, mas relacionáveis e construtivas de novas realidades e paradigmas.

É na igreja, e através de seu caráter educacional, que as e os jovens encontram espaço para dialogar, entender a fé e mesmo relacioná-la com questões como gênero e sexualidade.

Educação cristã não significa simplesmente ensinar um conteúdo teológico, como se esse estivesse pronto, acabado, simplesmente tendo que ser abstraído para transformar as vidas das pessoas. Antes de qualquer coisa, educação cristã se dá no convívio despreocupado, na doação de tempos,

⁷⁴ FISCHER, 1998, p. 86, 87, 94, 97, 101, 104, 105.

valores, sentimentos. Em meio a uma realidade fluida, as pessoas estão sedentas de convívio fraterno, de atenção sincera.⁷⁵

É no convívio diário, nas reflexões comunitárias, nas trocas dialógicas proporcionadas pela vivência e construções nas comunidades de fé luteranas que o comprometimento com a face libertadora da educação se evidencia. Aí prevalece o comprometimento com as vidas e experiências daquelas pessoas que se encontram em situações nas quais são negados seus direitos, são excluídas ou, em muitos aspectos, não se sentem parte da Igreja. Segundo Laude Brandenburg:

A educação cristã lida diretamente com relação indivíduo-fé-sociedade. A fé mostra-se nas atitudes diárias que tomamos ou deixamos de tomar. Ela é uma dimensão de nosso ser capaz de dar sentido à vida, e somente uma vida com sentido é capaz de gerar comprometimento. E quando falamos em comprometimento a partir da fé cristã, falamos de uma responsabilidade pessoal e consciente para a com a vida de todos e todas que vivem neste mundo.⁷⁶

Nos grupos de juventude luterana a Educação Cristã apresenta-se de maneira fundamental para as sociabilizações e construções dos e das jovens nas comunidades. Trata-se de grupos que fortalecem vínculos, propiciam diálogos e trocas de conhecimento e reflexão. São espaços para construir e reafirmar aspectos identitários religiosos. Muitas são as propostas e conteúdos relacionados ao trabalho com jovens, dinâmicas, reflexões, encontros, formação de lideranças. Em relação à liderança, Débora Conrad afirma que:

Caminhar junto com um grupo de jovens exige identificação, disposição, criatividade, flexibilidade, criticidade e amor, que resgata e ajuda a promover a humanidade das pessoas. Poderíamos relacionar outras características importantes no perfil dessa liderança. No entanto, o perfil se dará muito em torno das necessidades postas pelo grupo e o contexto em que ele está inserido: contexto do grupo e o contexto de origem de cada grupo.⁷⁷

Diante do exposto, compreende-se que não existe um formato de trabalho ou mesmo assuntos pré-determinados. Os grupos, a partir de sua relação com a cultura, com as famílias, com os contextos sociais, constituem grupos plurais, diversos, nos quais inúmeras temáticas podem e devem ser pautadas para a construção coletiva e a reflexão a partir da confessionalidade luterana.

⁷⁵ BRANDENBURG, Laude Erandi et al (Orgs.). **Contribuições do luteranismo para a educação**. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2010, p. 136.

⁷⁶ BRANDENBURG et al, 2010, p. 137.

⁷⁷ CONRAD, Débora Raquel Klesener; PONICK, Edson; VOIGT, Emilio. **Educação comunitária: manual de estudos**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011, p. 86.

A igreja através da educação cristã e da diaconia, pode promover espaços de sociabilidade juvenil, valorizando as necessidades e potencialidades dos jovens para que possam construir saberes a partir de suas experiências. O ambiente em que desejamos promover a educação cristã contínua precisará levar em conta a realidade, o contexto do grupo. Ter presente as histórias de vida desses sujeitos. À medida que conseguirmos proporcionar esta atmosfera, também estaremos promovendo um espaço de convivência onde os jovens sejam potencializados.⁷⁸

A Educação Cristã, em seu comprometimento com a transformação das realidades, através de um paradigma ético/pedagógico cristão, é uma perspectiva fundamental para compreender as configurações da JE, assim como compreender seu caráter formativo. Neste sentido, para melhor compreender tais perspectivas, pode-se conceber que:

A dinamicidade do universo juvenil compromete-se com o testemunho de amor, que poderíamos resumir em duas ações: acompanhamento e cuidado. Acompanhamento porque é nossa tarefa oferecer um espaço de convivência capaz de promover e atender às necessidades que as pessoas trazem e envolve-las nessa tarefa. Podemos dar pistas ao grupo, mas não podemos assumir a ação que precisa ser do coletivo. O grupo é resultado de uma construção coletiva. Nesse exercício, à luz do Evangelho, auxiliamos na potencialização de vivências que resultem em protagonismo. Cuidado, porque reunimos vidas, e se não as promovermos, nossa ação não tem sentido.⁷⁹

As reflexões empenhadas no âmbito da Educação Cristã refletem no cotidiano de jovens, uma vez que este caráter formativo da igreja auxilia no entendimento de diversas perspectivas sociais. A perspectiva assumida pela IECLB em relação à juventude possui algumas características particulares, pautadas, sobretudo, na perspectiva da Educação Cristã contínua na Igreja. Nesse sentido, ela não necessariamente coincide totalmente com outras compreensões sobre juventude, particularmente no que diz respeito à faixa etária.

No que segue, será aprofundado o conceito de juventude a partir de outras perspectivas que permitam melhor compreender questões específicas relacionadas a esse grupo social, permitindo perceber especificidades dos grupos de JE, bem como elementos que também os atravessam de modo mais amplo.

As perspectivas apontadas neste tópico partem do trabalho que a Igreja vem realizando com os grupos de juventude em termos de orientação, formação e construção, embasado na confessionalidade luterana. Não obstante, a juventude luterana apresenta-se articulada em ações, promoção de eventos e produção de

⁷⁸ CONRAD; PONICK; VOIGT, 2011, p. 86.

⁷⁹ CONRAD; PONICK; VOIGT, 2011, p. 89.

materiais pautados nas injustiças e desigualdades vivenciadas por milhares de pessoas em diversas realidades. Estes materiais e formações chegam até os grupos através das lideranças e de reflexões com as quais os grupos têm contato em diversos espaços vinculados à IECLB. Tais reflexões e elaborações partem do entendimento coletivo, bem como do compromisso da juventude em relação a diversos temas que se apresentam na sociedade. Isso demonstra, de igual modo, o caráter formativo da juventude luterana no Brasil.

2.3 Juventude

O tema da juventude no Brasil vem ganhado cada vez mais espaço nos debates políticos e sociais, bem como nas discussões acadêmicas e na pesquisa. Com o avanço do conhecimento, das tecnologias e o acesso a temas e pautas que até recentemente se restringiam a poucos veículos ou a recursos tecnológicos limitados, abriram-se novas possibilidades. O acesso cada vez maior a estes mecanismos tem proporcionado à juventude contemporânea dialogar e acessar conteúdos que até então ficavam restritos à mídia, à família, à escola e à religião. Desta forma, os entendimentos acerca da juventude e seus desdobramentos precisam ser repensados e analisados, levando em consideração o avanço tecnológico a partir do viés geracional. Ainda assim, essas questões atravessam diferentes grupos sociais de maneira diversa e atingem jovens também de maneira diversa.

Não se deve incidir no erro de falar de jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma faixa etária. Não existe uma juventude, mas multiplicidade delas, tantas quantas são as tribos existentes.⁸⁰

Tratar da perspectiva da juventude na atual conjuntura é compreender sua multidimensionalidade, seu dinamismo, atravessada por questões de classe, raça/etnia, religião, cultura. Não é possível, como foi apresentado brevemente

⁸⁰ BOURDIEU, 1983 apud BARRIENTOS-PARRA, Jorge. O Estatuto da Juventude: Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 41, n. 163, p. 131-151, jul./set. 2004, p. 132.

acima, referenciar a existência de apenas um grupo homogêneo de juventude, que responde da mesma maneira a diferentes perspectivas durante uma faixa etária.

Ou seja, a perspectiva das Juventudes apresenta-se enquanto um fenômeno diverso. Trata-se de uma das fases mais complexas da vida, uma vez que é o período onde inúmeras transformações, decisões, desejos e visões de mundo apresentam-se de maneiras difusas e os e as jovens necessitam assimilar estas informações dentro do contexto em que vivem. Segundo Maria Virgínia Freitas:

[...] a fase da vida designada por 'juventude' é vista socialmente como período de transição entre a infância e a vida adulta. Essa transição em algumas sociedades é marcada por 'ritos de passagem'. Na nossa sociedade ela era marcada por alguns fatores como: terminar os estudos, viver do próprio trabalho, sair da casa dos pais, casarem, ter filhos, etc. Mas essas 'passagens' são fronteiras que eram marcadas em outras gerações e que na juventude atual estão completamente borradas e misturadas [...] Não há mais linearidade no processo de tornar-se adulto, as experiências dessa geração são distintas.⁸¹

A fase entendida como juventude, em alguns aspectos, ainda se defronta com ritos de passagens, os quais podem ser tradicionais, como a confirmação, crisma, catequese. Não obstante, apresentam-se outras implicações que podem ser entendidas a partir do viés social e cultural que auxiliaram na modificação dos paradigmas estruturais que durante certo tempo foram tomados como norma. Por exemplo: atualmente os e as jovens não se veem necessariamente na obrigação de sair da casa dos pais e das mães em determinada idade. Apresenta-se muito mais a necessidade de estudar ou trabalhar. Mesmo a ideia de matrimônio na juventude não é algo que está tão presente.

Considerando todas essas questões:

Por si só a categoria etária não é suficiente para a análise do adolescente e do juvenil, mas é necessária para marcar algumas delimitações iniciais e básicas, mas não orientadas na direção de homogeneizar estas categorias etárias para o conjunto dos sujeitos que têm uma idade em uma determinada faixa. Inclusive em certas ocasiões têm-se utilizado denominações diferentes para tentar romper com estas sobreposições entre adolescentes e jovens, por exemplo, com a definição como 'a pessoa jovem' [...] ou com a construção de modelos ou 'tipos ideais' de juventude através

⁸¹ FREITAS, Maria Virgínia (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 03. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/472_1175_cadernoJuv.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019.

da história, de acordo com os tipos de sociedade possíveis de identificar, onde nos encontramos.⁸²

Publicações, entrevistas e inúmeras pesquisas vêm sendo realizadas para buscar compreender estas novas formas de juventude, em muitos casos referida como “juventude contemporânea”. Nesta perspectiva, para refletir e buscar alternativas é necessário evidenciar alguns pontos iniciais. Maria Isabel Mendes Almeida oferece algumas pistas:

Em nossa modernidade avançada, a juventude não está mais circunscrita a uma compreensão dicionária, biológica ou etária, mas é percebida como o cruzamento de múltiplas determinações: culturais, econômicas e biográficas. Ser liminar que oscila entre o excesso e incerteza, não por acaso o jovem é afrontado por uma série de paradoxos: tem mais acesso à educação e menos ao emprego; mais informação e menos poder; está mais imerso no presente, sendo mais exigido pelo futuro. As múltiplas sínteses resultantes dessas contradições remetem à pluralidade, pois há, empiricamente, ‘uma’ juventude singular, e sim ‘juventudes’, com histórias, potencial e crises diferentes.⁸³

Para que se possa entender de forma mais aprofundada tais aspectos, faz-se necessário conceber o que, como e em que faixa etária estão inseridas as pessoas consideradas jovens no cenário brasileiro atual. Em princípio, entende-se que juventude é o período de transição para a vida adulta. É o período da vida de construções e aprendizagens no qual se experimentam novas perspectivas e sentidos. Assim sendo,

Normalmente, quando psicólogos vão descrever ou fazer referências aos processos que marcam esta fase da vida (a puberdade, as oscilações emocionais, as características comportamentais que são desencadeadas pelas mudanças de status etc.) usam o termo adolescência. Quando sociólogos, demógrafos e historiadores se referem à categoria social, como segmento da população, como geração no contexto histórico, ou como atores no espaço público, o termo mais usado é juventude.⁸⁴

Diante disso, pode-se compreender que as sociedades, através de diversos mecanismos e instituições, constroem conceitos de juventude que acompanha os processos políticos e os avanços geracionais.

⁸² LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 13. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/472_1175_cadernoJuv.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

⁸³ RIBEIRO, Jorge Claudio. **Religiosidade jovem**: pesquisa entre universitários. São Paulo: Loyola/Olho d'Água/FAPESP, 2009, p. 109-110.

⁸⁴ FREITAS, 2005, p. 07.

Não existe uma definição universalmente válida em torno dos termos pré-adolescência, adolescência e juventude. Na maioria das pesquisas científicas e nos discursos do cotidiano, a pré-adolescência é citada quando se quer dar ênfase às intensas mudanças físicas e biológicas da puberdade. Os termos adolescente e jovem apresentam aplicação muito mais confusa, podendo estar se referindo ao mesmo período de vida ou não.⁸⁵

Em muitos casos, as perspectivas da adolescência e juventude se entrelaçam. Ou seja, as definições sobre o que é e qual faixa etária corresponde à juventude podem ser vistas de diferentes formas, desde perspectivas distintas. Mais recentemente, no campo da legislação e das políticas públicas, foram estabelecidas perspectivas para referenciar e assegurar direitos para o público jovem. Em 2013, por exemplo, criou-se o Estatuto da Juventude. As considerações e referências à faixa etária entre adolescência e juventude, de igual modo, diferem:

Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. § 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. § 2º Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente.⁸⁶

Esta discussão sobre juventude a partir da faixa etária relaciona-se com o objeto de pesquisa deste trabalho. Considerando as questões discutidas acima com relação à participação de jovens nos grupos de juventude da IECLB (após o Ensino Confirmatório), as e os jovens que participam dos grupos de jovens nas comunidades luteranas, em sua grande maioria, encontram-se na fase da adolescência.

Nas discussões sobre juventude a adolescência é, geralmente, compreendida como uma fase ou uma perspectiva biológica e psicológica. Já juventude refere-se muito mais a uma categoria sociológica. De acordo com Alexandre Joca e Dorgival Fernandes,

⁸⁵ HÜBNER, Janaina. **Pré-adolescência contemporânea: novos desafios e perspectivas para a educação cristã contínua.** São Leopoldo, RS, 2012. 202 p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação em Teologia, São Leopoldo, 2012, p. 33. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/285/1/hubner_j_tm250.PDF>. Acesso em: 30 dez. 2018.

⁸⁶ BRASIL. Senado Federal. **Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas.** Brasília: Coordenação de Edições Técnicas, 2013, p. 26. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

Os termos adolescência e juventude, muitas vezes, são tomados como sinônimos, talvez, porque, ambos referem-se a um mesmo sujeito concreto, visto sob perspectivas distintas. Nos âmbitos da psicologia e das ciências sociais os termos passam a dar visibilidade social a uma categoria que emerge num contexto marcado por transformações econômicas, culturais e sociais.⁸⁷

A juventude, em suas mais diversas expressões e multiplicidades, é o fio condutor desta pesquisa. Por isso, buscou-se referenciar o entendimento sobre juventude em diversas perspectivas. Também aqui, trata-se de jovens que apresentam diferentes expressões e entendimentos e que se reúnem enquanto jovens luteranos e luteranas, assim como em muitos outros grupos na IECLB. São grupos formados por jovens que passam a se reunir após o ensino confirmatório e, em alguns casos, mesmo durante este, buscando discutir diversos temas e perspectivas à luz da confessionalidade luterana.

O ponto que segue busca discutir o tema da juventude a partir de questões que atravessam esta etapa da vida, particularmente gênero e sexualidade. Tais questões também estão relacionadas com o que se busca refletir e referenciar enquanto possíveis e presentes em grupos de JE. Uma vez que gênero e sexualidade são perspectivas que aparecem neste período, de maneira mais direta, é na adolescência/juventude que muitos elementos físicos e emocionais começam a tomar um caráter diferente, afloram-se os desejos, as atrações, bem como se olha para o corpo de maneira distinta da que até então acontecia.

2.4 Juventude, Gênero e Sexualidade

A temática da juventude tem despertado interesse nas mais diversas áreas do conhecimento, sendo que este tema se torna ainda mais complexo quando se busca avaliar sua interação, construção e relação com gênero e sexualidade. Percebe-se a existência de inúmeras construções sociais e culturais acerca destes temas, os quais exercem poder sobre o entendimento das subjetividades e práticas das mesmas.

Na história das sociedades modernas foram produzidos poderes/saberes sobre a sexualidade pautados por processos de controle e de incitamento. Estes processos, ao mesmo tempo em que, ampliaram a discussão teórica, mantiveram seu viés homofóbico, seja através da invisibilidade das

⁸⁷ JOCA, Alexandre Martins; FERNANDES, Dorgival Gonçalves. **Juventudes:** Possibilidades em movimento. Curitiba: CRV, 2017, p. 43.

diferentes práticas sexuais não heterossexuais, ou pela manutenção da naturalização do processo de correspondência entre sexo biológico – gênero – prática sexual, a heteronormatividade.⁸⁸

Além disso, tem-se abordado questões de gênero, a busca pela desconstrução dos estereótipos machistas, sexistas, que giram em torno do ser homem e do ser mulher na cultura e na sociedade. Percebe-se, em número menor, pesquisas e investigações em outras áreas do conhecimento, tais como antropologia, teologia e nos estudos vinculados à religião, abordando os temas gênero e sexualidade em relação à juventude.

A juventude sempre atraiu interesse de estudiosos, uma vez que é nela que se podem observar as tendências de mudanças nos processos sociais. Atualmente o tema da sexualidade juvenil está na ordem do dia. Pode-se adiantar que na socialização das gerações mais jovens, há hoje em dia um relativo declínio da importância da família na transmissão de valores relativos à sexualidade e uma crescente influência da escola, não como disciplinadora da conduta, mas cada vez mais como propiciadora de novas interações. Os jovens estão tendo um papel gradativamente mais importante na socialização deles mesmos. Observa-se uma horizontalização dos processos de socialização, no qual os jovens são produtores de novas condutas entre eles mesmos.⁸⁹

As mudanças dos arranjos familiares implicam na configuração de novas e diversas formas de sociabilidade e de entendimentos do conceito de família nuclear, não estando mais restrito à perspectiva heteronormativa monogâmica, conforme, pode-se perceber a partir das seguintes perspectivas:

As transformações nas famílias aparecem no cotidiano dos jornais, nas discussões entre amigos, nos consultórios dos psicanalistas. Sem uma definição muito clara, a pesar de algum consenso, o que hoje se concebe como família é difícil de ser definido, acaba tendo que ser descrito e não constitui unidade. Consanguinidade e afinidade em geral tentam resumir os laços familiares, mas não esgotam a diversidade de composições que hoje habitam este campo. Talvez, inclusive, por uma preocupação excessiva em cercar por todos os lados o que é e o que não é família, visto que é entendida como unidade permanente da sociedade e fundamento da ordem social.⁹⁰

⁸⁸ GRESPLAN, Carla Lisboa; RATTO, Cleber Gibbon; LACERDA, Miriam Pires Corrêa. Performatividades de gêneros e sexualidades: implicações na educação das juventudes. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. 02, p. 746-766, abr./jun. 2016, p. 746. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8549/5825>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

⁸⁹ HEILBORN, 2002, p. 08.

⁹⁰ UZIEL, Ana Paula; RIOS, Felipe Luís; PARKER, Richard Guy (Orgs.). **Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2004, p. 29.

Hoje em dia, por exemplo, há um número significativo de famílias monoparentais, isto é, chefiadas por uma pessoa adulta que, na maioria das vezes, é uma mulher solteira, mãe de filhos e filhas de pais diferentes.

Ao comparar as conformações familiares lideradas por mulheres com a totalidade das famílias brasileiras pode-se constatar o quanto este fenômeno ganhou expressão no país. Em 1992 este arranjo estava presente em 15,1% da população brasileira passando para 17,1% em 1999, 17,9% em 2002 e chegou a atingir 18,1% em 2003. Este percentual manteve-se constante até 2006, mas foi reduzido para 16,2% em 2012. Destes 16,2% de famílias monoparentais a maioria (88,2%) é liderada por mulheres.⁹¹

O aspecto acima referenciado auxilia a compreender o cenário crescente de modificações nos núcleos familiares. Estas perspectivas refletem-se a partir de diferentes contextos e, em muitos casos, vêm acompanhadas de vulnerabilidade social. No entanto, são referenciadas neste trabalho para expor, mesmo que de maneira breve, a sua diversidade e a associação direta que as mudanças familiares possuem com as perspectivas de gênero. Uma vez que, compreende-se aqui que o crescente número de famílias chefiadas por mulheres, ou seja, monoparentais femininas, é também um quadro passível de leitura através do recorte de gênero.

Estudos e pesquisas sobre Juventudes, Sexualidades e Relações de Gênero não contam com um espaço consolidado de divulgação, dificultando a reflexão e troca de experiências entre pesquisadores, profissionais e interessados pela temática. Apesar da discussão atual sobre a necessidade de políticas públicas de/para/com juventudes e do aumento significativo de dissertações e teses sobre questões relativas às juventudes contemporâneas, a dificuldade de articulação e organização de grupos de trabalho ainda é visível. Ao mesmo tempo, esses estudos e pesquisas apresentam uma diversidade de enfoques teóricos nos quais a perspectiva de gênero e a compreensão de juventude como uma categoria que possui dois sexos, bem como distintas origens étnico-raciais e de classe, permanecem muitas vezes ausentes ou não são desenvolvidas com o devido rigor teórico-metodológico.⁹²

Em relação às reflexões acerca de adolescentes e jovens do sexo feminino há uma ausência ainda maior de trabalhos. Em parte, pode-se dizer que a visão machista e patriarcal, a histórica liberdade agregada aos sujeitos masculinos, a relação principalmente com a delinquência juvenil, associada em grande parte a

⁹¹ VIANA, Alane Fagundes. **A família monoparental na contemporaneidade: aspectos jurídicos e interdisciplinares**. Salvador, BA, 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2016, p. 14.

⁹² WELLER, Wivian. Gênero e juventude. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 01, p. 103-106, jan./abr. 2005, p. 104.

jovens homens, faz com que haja uma manutenção desta relação. Segundo Wivian Weller,

No âmbito dos Estudos sobre Juventude, o relativo desinteresse parece acompanhar a tendência instaurada na mídia e na imprensa popular, que concentram seus esforços na divulgação de incidentes espetaculares e na tematização do caráter desviante de determinados grupos juvenis, constituídos em sua grande maioria por integrantes do sexo masculino. Por não retratarem tanto essas práticas, as expressões e estilos culturais de adolescentes e jovens do sexo feminino acabam sendo vistos como objeto de pouca relevância para a academia. Ao mesmo tempo, uma forte concepção utilitarista de ação, na qual as culturas juvenis são compreendidas como formas de protesto e/ou de resistência, criou uma série de preconceitos em torno de algumas culturas juvenis femininas que, quando vistas de forma superficial e estereotipada, parecem não demonstrar uma atitude de protesto ou resistência diante das desigualdades de gênero, étnico-raciais, de classe, entre outras. Essa ausência de estudos sobre a participação de jovens e adolescentes nas manifestações juvenis também estaria associada à compreensão de muitos estilos e formas de expressão femininas como pouco racionais ou como ações voltadas somente para o consumo de produtos veiculados a esses grupos.⁹³

Não obstante, percebe-se outras formas de subjugação e negação históricas. No tocante às perspectivas da sexualidade, a questão da homossexualidade, das expressões de corporeidade e gênero e outras vivências da sexualidade, em muitos casos, começam a se expressar na juventude. É nesse período que ocorrem as descobertas e mudanças no corpo, bem como a atração física/sexual. Na família, no grupo religioso e na escola estas descobertas e novos olhares sobre o corpo, a percepção da sexualidade, das atrações e mesmo as mudanças biológicas vão se tornando conflitivas. Em muitos aspectos, encontram-se barreiras culturais estereotipadas e reproduzidas pelas instituições acima referidas.

Neste sentido, pode-se compreender que:

Os jovens, ao mesmo tempo em que estão sujeitos aos modelos tradicionais de relacionamento erótico-amoroso, também promovem rupturas nos modelos padrões de sexualidade e de relações amorosas. Algumas características podem ser destacadas como próprias da adolescência e da juventude no trajeto de transformações: o questionamento dos modelos de relações familiares, do comportamento sexual e social deles próprios e dos outros. A vida erótico-amorosa dos jovens, embora iniciante, é intensa e tem desdobramentos nos campos da saúde (políticas públicas) e da educação (formal e não formal). O tema da vida afetiva e sexual dos jovens e adolescentes é sempre recorrente no trabalho nesses campos e é fruto da demanda das constantes transformações pelas quais essa população passa, tanto do ponto de vista biopsicossocial, quanto do histórico. As transformações nas relações nos espaços públicos e privados, marcados pela velocidade, instabilidade e incerteza sobre os conhecimentos e os costumes, produzem subjetividades

⁹³ WELLER, 2005, p. 104.

que subvertem os padrões tradicionais sobre ser jovem e ser adolescente. Como tema de preocupação marcante da juventude e da adolescência, o amor e as relações erótico-amorosas não têm significados fixos, mas se transformam ao longo da história e em função dos domínios simbólicos e culturais dos grupos humanos.⁹⁴

Assim como afirmado acima, evidencia-se que a juventude, não só enquanto uma categoria, mas também enquanto fenômeno social, cultural e histórico, está atravessada por dimensões diversas, como gênero, sexualidade, raça/etnia, classe social, entre outras. Nesta perspectiva, pode-se, também, conceber esta perspectiva a partir da seguinte afirmação:

Em relação a homossexualidade, políticas de visibilidade estão contribuindo para que a expressão dos modos de ser e desejar dos homossexuais, ganhem cada vez mais lugar e respeito. A sensibilidade, a imaginação, a inteligência, o trabalho e a totalidade das emoções e sentimentos dos homossexuais foram, através dos tempos, subjugados e conduzidas a camuflagens ou à marginalidade. O homossexual, assim como a mulher, é alvo de preconceitos, de estereótipos e de negações.⁹⁵

Todas as reflexões apresentadas até o momento buscam compreender, analisar e refletir acerca das juventudes, suas formas de expressão, suas relações e diálogos com temas como gênero e sexualidade, bem como conceber o que significa tal período, quais as sociabilidades, construções e expressões culturais.

Evidenciaram-se, até aqui, muitas perspectivas. No entanto, é importante ressaltar que estas apresentam diversos outros recortes, como de raça/etnia e de classe social. Estes recortes se apresentam através de diversas performatividades nas juventudes. A chamada juventude contemporânea se vê diante de um cenário praticamente desconhecido, abrangente, que, cada vez mais cedo, está incluído nas rotinas e vivências, influenciando diretamente nas práticas. É a partir desta perspectiva que necessitam-se realizar reflexões para os entendimentos das subjetividades e representatividades das juventudes.

Neste estudo, até este momento, buscou-se referenciar e compreender algumas perspectivas chave para a elaboração de um estudo que possa auxiliar nos mecanismos de compreensão dos mesmos. Gênero e sexualidade inserem-se nesta pesquisa como temas geradores de debates e análises, principalmente a partir da

⁹⁴ SOUZA, Leonardo Lemos de; MEZZARI, Danielly C. de Souza. Experiências amorosas, gêneros e sexualidades na juventude contemporânea. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 52, p. 1-18, 2018, p. 03.

⁹⁵ FAGUNDES, 2005, p. 114.

perspectiva da juventude enquanto categoria social, a partir da experiência e prática da Juventude Evangélica.

Neste sentido, a Educação Cristã vem possibilitando reflexões que auxiliem na compreensão do trabalho que vem sendo desenvolvido para com este grupo na IECLB. De igual modo, evidencia-se aqui que, uma vez que se pretende compreender os aspectos inerentes a um grupo em determinada instituição, faz-se necessário compreender os mecanismos que o circundam, suas compreensões e pontos de partida e, de igual modo, sua história.

Desenvolver um trabalho que parta de um grupo de juventude para analisá-lo e utilizá-lo como ferramenta para outros grupos e comunidades requer compreender, de igual modo, os mecanismos sociais e culturais que estão por detrás destes. Desta forma, buscou-se, neste capítulo, elucidar as perspectivas referentes às categorias de gênero e sexualidade, assim como sua relação com a juventude. No tocante à Educação Cristã, tratou-se de evidenciar esta concepção educacional da IECLB e sua relação com o trabalho da JE.

3 RELATO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

O tema geral dessa pesquisa é o trabalho sobre gênero e sexualidade com grupos da Juventude Evangélica (JE) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Além da revisão bibliográfica sobre as temáticas fundamentais da pesquisa, a proposta previu o acompanhamento de um grupo específico através da metodologia da observação participante. Nesse capítulo será descrito o processo de acompanhamento e intervenção com o grupo realizado durante o ano de 2018.

3.1 Questões metodológicas

O projeto de pesquisa originalmente apresentado para o processo seletivo do Mestrado Acadêmico em Teologia na Faculdades EST previa o trabalho direto com um grupo de jovens sobre as temáticas de gênero e sexualidade para poder perceber se e de que forma essas temáticas são trabalhadas no grupo e se e como seria possível trabalhá-las. Durante o processo da pesquisa o projeto foi apresentado para representantes da Juventude Evangélica em nível nacional⁹⁶, para que estas e estes jovens dialogassem com as comunidades sobre a possibilidade de desenvolver a pesquisa. A partir disso, houve retorno da representante de um grupo buscando maiores informações sobre o projeto que havia sido apresentado para ela indicar jovens representantes da juventude nacional da IECLB.

A partir desse contato o projeto provisório foi encaminhado para a comunidade. A liderança do grupo de jovens, juntamente com a Ministra ordenada que atua na comunidade, leram o projeto e solicitaram uma conversa, para que se pudesse discutir pessoalmente os detalhes relativos ao mesmo. Desta forma, aconteceu o primeiro encontro com representantes da comunidade, do presbitério e também do grupo de JE. Neste encontro foram debatidos os temas centrais da pesquisa, assim como a maneira como a mesma iria acontecer. A partir desta reunião foi elaborado um Termo de Ciência de Realização de Pesquisa, no qual foram detalhados aspectos pertinentes a esta reunião, as questões de ética em

⁹⁶ A apresentação deste projeto para representantes da juventude nacional, aconteceu no Encontro da Pastoral Popular Luterana, que ocorreu em Cascavel no Paraná, no ano de 2017. Neste período, este projeto já havia sido aprovado no processo seletivo do Mestrado Acadêmico, e estava-se buscando uma comunidade para a execução do mesmo. Neste sentido, o encontro da PPL, auxiliou de forma contundente o processo de diálogo com diversos grupos de jovens, sendo que, posteriormente chegou-se no grupo onde a pesquisa de fato aconteceu.

pesquisa que orientam a mesma, incluindo a confidencialidade das e dos participantes, a não utilização de nenhum elemento, citação, entrevista, questionário ou mesmo fotos que identifiquem qualquer participante. O termo foi assinado pela liderança da juventude, pela Ministra ordenada e pela presidenta da comunidade.⁹⁷

Nessa primeira conversa, a liderança do grupo de jovens, em conjunto com a Ministra ordenada responsável pela comunidade, apresentou o perfil e a rotina de encontros do grupo. Segundo o que foi relatado, trata-se de um grupo ativo na comunidade luterana local, no qual as e os jovens se reúnem quinzenalmente, aos sábados, das 16h às 19h30min. O grupo apresenta um caráter rotativo, ou seja, nem sempre são as mesmas pessoas que participam dos encontros, embora haja quem tenha maior assiduidade. O número de participantes, de igual modo, é diferente em cada encontro, geralmente com a presença de 10 a 15 jovens, de ambos os sexos, com idades entre 14 e 24 anos.

A partir dessas conversas iniciais e de acordo com a metodologia prevista no projeto de pesquisa, definiu-se a Observação Participante como articuladora do processo de pesquisa. Nessa metodologia, o pesquisador ou a pesquisadora participa do grupo, contribuindo com ideias e reflexões para a construção coletiva do conhecimento. Segundo Tim May:

Este é um método que os novatos na pesquisa social acham que podem aplicar com facilidade. À primeira vista, parece se tratar apenas de olhar, escutar, experienciar e escrever tudo, geralmente. Entretanto, é mais plausível argumentar que a observação participante é o método de pesquisa social cujas aplicações e análises são mais exigentes e difíceis, dependendo das metas do estudo e do relacionamento anterior dos pesquisadores com aqueles com quem trabalham, esse método, requer que gastem uma grande quantidade de tempo em cercanias com as quais podem não estar familiarizados; estabelecer e manter relacionamentos com pessoas com as quais possam ter poucas afinidades pessoais; fazer numerosas anotações, sobre o que normalmente pareciam acontecimentos ordinários; possivelmente correr algum risco pessoal no campo, e então, como se não bastasse, passar meses fazendo análises depois do trabalho de campo.⁹⁸

De igual modo, o autor acima referenciado descreve o papel do pesquisador ou da pesquisadora no processo de pesquisa que parte do pressuposto da observação participante. Para ele:

Os observadores participantes podem trabalhar em equipes, o que auxilia a aguçar os insights e a gerar ideias. Entretanto, com mais frequência eles

⁹⁷ O Termo de Ciência de Realização de Pesquisa encontra-se no Anexo A.

⁹⁸ MAY, 2004, p. 180-181.

trabalham sós. No processo testemunham a 'racionalização reflexiva' da conduta: ou seja, a interpretação e aplicação contínuas de novos conhecimentos pelas pessoas (incluindo eles mesmos) nos seus ambientes sociais como um processo permanente.⁹⁹

Na presente pesquisa¹⁰⁰, realizou-se um período de observação e participação de nove meses. Este período foi subdividido em dois momentos: nos seis primeiros meses foi realizada observação da dinâmica do grupo para conhecer e interagir com as e os jovens do grupo. Num segundo momento, durante um período de três meses, foram realizados diálogos a partir das dúvidas, questionamentos e vontades expressadas pelos e pelas jovens dentro dos eixos temáticos gênero e sexualidade.¹⁰¹

No que segue, são apresentados relatos das observações realizadas durante os seis primeiros meses, buscando explicitar a dinâmica do grupo e as temáticas trabalhadas. Após, serão apresentados relatos da intervenção realizada com as e os jovens a partir do trabalho sobre as temáticas de gênero e sexualidade.

3.2 Contextualização sociocultural do grupo pesquisado

Para melhor situar e contextualizar a presente pesquisa, serão aqui apresentados aspectos do contexto sociocultural da cidade e da região nos quais o grupo está inserido, bem como a partir dos quais pode-se compreender de maneira mais evidente os dados e perspectivas apresentadas acerca das e dos jovens que participaram da pesquisa.

De um ponto de vista fenomenológico do cotidiano, os fatos vividos no dia a dia, a partir de um contexto social e cultural, influenciam a forma e a maneira como se compreende o mundo e a sociedade e, até mesmo, as práticas diárias de cada um e cada uma. Neste sentido, segundo Edla Eggert, entende-se que “no Método Fenomenológico, a matéria-prima é a própria experiência de vida que é o instrumento que auxilia e faz a mediação para o novo conhecimento. O valor é o sentimento pessoal em relação aos fatos vividos.”¹⁰² Assim sendo, o que importa

⁹⁹ MAY, 2004, p. 181.

¹⁰⁰ Outras questões referentes à aplicação da metodologia de Observação Participante ficarão mais evidentes ao longo da narrativa do processo vivenciado.

¹⁰¹ Todas as observações foram registradas em diário de campo.

¹⁰² PAIXÃO, Márcia; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, Edla (Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, p. 16.

nesta pesquisa, de fato, é aquilo que o grupo pode e, mais ainda, aquilo que o grupo se sente à vontade para expressar. As respostas para estas duas prerrogativas, no entanto, somente ocorrerão a partir do contexto, do *lócus* vivenciado pelos jovens e pelas jovens do grupo.

A palavra Contexto, origina-se do Latim – *Contextus*, (reunião, conjunto, encadeamento); sendo assim, o contexto é o ponto de partida para o entendimento, para a ressignificação dos saberes e dos conhecimentos diversos. Neste sentido é importante reportarmo-nos a Morin e à teoria da complexidade, que afirma: ‘*complexus* é o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa. Isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do *complexus* não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram.’ A concepção da Educação Contextualizada busca entender que as pessoas se constroem e constroem seu conhecimento a partir do seu contexto, com relações mais amplas. Ou seja, a relação, ou a construção dos saberes, se dá na relação das pessoas com o mundo, consigo mesmo e com os outros.¹⁰³

Muitas perspectivas que se apresentaram e pretendem apresentar neste estudo dependem da leitura e compreensão da cultura como um elemento fundante das relações.

O grupo com o qual a pesquisa foi desenvolvida está situado em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, a qual possui sua história marcada pelo processo de imigração alemã do século XIX; processo este que está ligado diretamente com a história da IECLB, igreja da qual o grupo participante desta pesquisa é oriundo. “A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, principia com a imigração de colonos evangélicos, provenientes da Alemanha e da Suíça, nos anos de 1823/24.”¹⁰⁴ Deve-se levar em conta que, os imigrantes alemães que aqui desembarcaram, dividiram-se pelo estado e, não obstante, o fenômeno da imigração pode ser compreendido a partir da seguinte premissa histórica:

A emigração em massa verificada na Alemanha no século XIX, foi, em última análise, consequência dos desníveis sociais e econômicos existentes na região. Elas têm sua origem no bloqueio continental decretado por Napoleão Bonaparte em Berlim, em novembro de 1806.¹⁰⁵

Assim como em muitas cidades que receberam imigrantes alemães no Brasil, a cidade apresenta muitos costumes da cultura germânica trazida por

¹⁰³ MENEZES, Ana Célia; ARAUJO, Lucineide Martins. **Currículo, contextualização e complexidade:** Espaço de interlocução de diferentes saberes. Senhor do Bonfim: Universidade Estadual da Bahia, 2011, p. 08.

¹⁰⁴ DREHER, 2003, p. 23.

¹⁰⁵ DREHER, 2003, p. 32.

imigrantes. A população branca, ou de descendência germânica neste contexto chega a 90% da população.¹⁰⁶ O idioma alemão continua vivo, quase como um segundo idioma, muitas vezes misturado com o português no dia a dia. Em termos religiosos, a maioria da população se considera Católica Apostólica Romana, ainda que a presença evangélica, mais especificamente luterana, é consideravelmente alta, possuindo de igual modo, longa presença no município.¹⁰⁷

O trabalho com juventude na comunidade luterana possui um longo caminho percorrido. Segundo registros:

Juventude evangélica, é um departamento da comunidade que dá aos jovens a oportunidade de se reunir para meditar ou trabalhar sobre um tema bíblico, fazer jogos e se divertir sadicamente. Começou, segundo registros encontrados nos livros, na época do Pastor Warnke, em 1949. A esposa do Pastor reuniu moças, que já eram confirmadas, porém não casadas, para meditar, refletir sobre temas bíblicos, de interesse dos jovens, para fazer trabalhos manuais, cantar, ensaiar teatros, músicas e danças.¹⁰⁸

Observa-se que o grupo de JE da comunidade, em seu início, tinha como objetivo oferecer atividades para as jovens mulheres luteranas e fortalecer os vínculos entre elas. A perspectiva de grupos separados por “sexo” já foi observada em outros grupos ao longo da história da JE. Observa-se isso já no início do trabalho com jovens na IECLB, desde seus primeiros encontros. Não obstante, ressalta-se este aspecto uma vez que, historicamente, a perspectiva do sexo biológico vem sendo uma determinante para as relações sociais. Assim sendo, meninos e meninas, desde cedo, aprendem e associam que existem espaços sociais e religiosos para pessoas do sexo masculino, assim como para o sexo feminino.

Registros da comunidade e também contidos em um livro, lançado em 1999, com a finalidade de registrar a história da cidade e também da comunidade, apresenta os seguintes aspectos no que diz respeito ao trabalho da comunidade luterana com jovens:

Ainda hoje os jovens se reúnem aos sábados. Atuam, também em cultos jovens, nas noites de natal, fazem intercâmbio com outros grupos de Juventude Evangélica. Enfim, sempre procuram uma maneira sadia de se reunir. Para este fim, está sendo feita uma cancha de jogos, de areia de praia – está quase terminada. Procura-se atender os jovens com bons

¹⁰⁶ VIER, Justino Antonio. **História de Dois Irmãos-RS**: passado e presente: 170 anos de Imigração Alemão: 40 anos de Município. Dois Irmãos: O autor, 1999, p. 80.

¹⁰⁷ VIER, 1999, p. 81.

¹⁰⁸ VIER, 1999, p. 89.

temas que o fortaleçam, mas também que propiciem uma diversão sadia, que os atraia.¹⁰⁹

As perspectivas histórico-culturais apresentadas acerca da comunidade e do grupo pesquisado permitem compreender e aprofundar muitos aspectos que serão apresentados nos pontos que seguem. Estes aspectos culturais e históricos dizem respeito ao chão que as e os jovens estão pisando atualmente e respondem a formas de pensamento e de conceber a cultura ao seu redor.¹¹⁰

O município em questão¹¹¹ apresenta um desenvolvimento social crescente e, como assinalado acima, é um município do interior que, porém, encontra-se na região metropolitana de Porto Alegre.¹¹²

3.3 Relatos dos encontros de observação

Durante o primeiro semestre de 2018 participei dos encontros regulares do grupo de jovens com o objetivo de conhecer o grupo e também para que o grupo me conhecesse. Foi um período interessante de contato no qual pude me familiarizar com a dinâmica do grupo, conhecer as e os jovens que participam e o trabalho desenvolvido pela Ministra e pelas lideranças. No que segue, apresento um breve relato dos encontros, construído a partir das anotações realizadas durante o período de observação.

O primeiro contato com o grupo aconteceu no mês de fevereiro do ano de 2018. Nesse primeiro encontro participaram quinze jovens e, assim como durante todo o período de seis meses de observação, não foi apresentado o projeto de pesquisa e nem explicitada a minha participação como pesquisador. Inicialmente, fui apresentado pela Ministra da comunidade como uma nova pessoa no grupo, que

¹⁰⁹ VIER, 1999, p. 90.

¹¹⁰ Para maiores informações acerca da comunidade pesquisada, seus aspectos sociais e econômicos, vide: MUNICÍPIO DE DOIS IRMÃOS. Portal do Cidadão. **Aspectos gerais.** <<https://doisirmaos.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/1>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

¹¹¹ Para detalhamento acerca do perfil socioeconômico, assim como para outras informações referentes ao município onde a pesquisa aconteceu, vide: ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Dois Irmãos, RS.** <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/3051>. Acesso em: 01 nov. 2019.

¹¹² Informações adicionais acerca da cidade pesquisada, vide: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil / Rio Grande do Sul / Dois Irmãos.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/dois-irmaos/panorama>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

vinha de São Leopoldo-RS para participar dos encontros e que iria acompanhar o grupo durante grande parte das atividades do ano de 2018.¹¹³

Essa opção metodológica também está fundamentada na perspectiva de May a respeito da Observação Participante, que implica a inserção em um grupo ou instituição com intuito de conhecer. Para o autor,

Se a observação participante envolve tornar-se parte de um grupo ou organização para entendê-los, então não é simplesmente o caso 'ficar por aí'. Tornar-se parte de uma cena social e participar nela requer que o pesquisador seja aceito em algum grau. Esse período de 'inserção' em uma situação é importante tanto de forma analítica quanto pessoal. Aqueles aspectos da ação que são 'estranhos' para o observador podem ser 'familiares' para as pessoas que fazem parte do estudo. Entretanto, a forma como as pessoas gerenciam e interpretam suas vidas cotidianas é uma condição importante para o entendimento de uma cena social.¹¹⁴

Ainda sobre o primeiro encontro do qual participei, a Ministra preparou um espaço no centro do círculo de cadeiras com panos coloridos, uma cruz, uma Bíblia aberta e vários animais de brinquedo. Sobre cada cadeira havia um hinário, o qual é utilizado nas atividades da comunidade. As e os jovens foram chegando para o encontro, interagindo entre si, dialogando, falando das novidades, uma vez que esse era o primeiro encontro do ano.

Na primeira hora houve um período de brincadeiras no pátio da comunidade, onde as e os jovens sugeriram jogos e brincadeiras para descontrair. Durante este período foi possível observar, a partir dos comentários, que muitos deles e muitas delas estudavam na mesma escola e, assim, tinham maior intimidade. De igual modo, foi possível perceber alguns termos que eram usados pelas e pelos jovens, tais como, "boiola", "bicha", "pareces uma menininha". Estas expressões foram utilizadas por integrantes do grupo durante as brincadeiras e eram usadas sobretudo em relação aos meninos que cometiam algum erro durante as brincadeiras. Não obstante, não houve nenhum tipo de diálogo no que diz respeito a problematizar tais expressões e, desta forma, o encontro seguiu conforme planejado.

Na sequência do encontro foram realizadas reflexões sobre a importância do grupo de jovens para a vida da comunidade, foram lembrados os encontros que

¹¹³ A ideia de não me apresentar como pesquisador e falar da minha presença pelo interesse da pesquisa foi combinada com as lideranças da comunidade e do grupo. O objetivo era buscar uma integração sem criar a resistência de que havia alguém "observando" o grupo. A combinação com as lideranças também foi de que essa observação é que indicaria a viabilidade de se seguir com a proposta da pesquisa ou não.

¹¹⁴ MAY, 2004, p. 184.

ocorreram no ano de 2017, bem como o teatro natalino que havia ficado a encargo do grupo. Eles e elas também relataram sobre o período de férias, o que fizeram com as famílias, as viagens, os filmes que assistiram, as pessoas que encontraram durante este período, o qual estava por encerrar-se, uma vez que, em breve, retornariam para as atividades escolares e rotineiras.

A dinâmica central do encontro partiu de uma atividade proposta pela Ministra, a qual propôs que cada participante escolhesse um animal que tivesse alguma relação com a sua personalidade, ou mesmo um animal que gostaria de ser. As e os jovens escolheram leões, águias, girafas, pássaros, com as justificativas de força, atenção e boa visão (percepção), liberdades e também privilégios. Tais habilidades e personalidades expressas pelas e pelos jovens foram trabalhadas pela Ministra como habilidades diferentes, mas iguais em importância. Destacou que as diferenças fazem a beleza do grupo e, através delas, cada um e cada uma pode viver em comunidade e auxílio mútuo.

O encontro encerrou com um lanche, quando todos os e todas as participantes compartilharam uma refeição enquanto conversavam sobre aspectos da vida, da comunidade, do cotidiano, os cursos que pretendiam realizar, suas expectativas para o ano. Esta é uma característica de todos os encontros do grupo: sempre após os encontros os e as jovens reúnem-se para partilhar um lanche comunitário.

Destaca-se desde esse primeiro encontro o uso de uma linguagem inclusiva de gênero por parte da Ministra e da liderança jovem, representando através da linguagem falada a equidade entre homens e mulheres.

Com relação à minha presença, em nenhum momento houve questionamentos, a não ser perguntas gerais como: em que você trabalha? Qual a sua formação? E mesmo diante as respostas (“Sou teólogo e no momento sou estudante”, “eu estudei Teologia na Faculdade de Teologia da IECLB em São Leopoldo”), não foi possível perceber nenhuma reação de desconfiança ou mesmo desconforto da parte das e dos integrantes do grupo.

No tocante ao grupo e à estruturação do mesmo, percebi, já nesse primeiro encontro, que a centralidade das decisões não fica ao encargo da Ministra ordenada exclusivamente, mas a liderança do grupo possui autonomia para organizar, propor e mesmo refletir as propostas a serem trabalhadas no grupo. Percebe-se uma certa

liberdade e autonomia no grupo, o que permite que as decisões sejam tomadas em conjunto, relativizando as hierarquias nas relações e pensamentos do grupo.¹¹⁵

Vários elementos observados nesse primeiro encontro se repetiram nos demais encontros acompanhados durante o período de observação. Em todos eles havia uma preocupação com a organização estética do espaço. A distribuição das cadeiras de modo circular, a utilização de elementos simbólicos (tanto em termos litúrgicos quanto temáticos específicos para cada encontro), a reflexão sobre algum tema, os diferentes momentos do encontro (chegada, cantos, leituras, dinâmicas, orações) estavam presentes de diferentes formas. Além disso, a utilização de linguagem inclusiva de gênero, a tomada de decisões coletivamente e outras formas de interação participativas percebidas nesse primeiro encontro estiveram presentes nos demais encontros observados.¹¹⁶

Em outro encontro na comunidade, o grupo de JE discutiu, a partir da introdução da Ministra, acerca das perspectivas de gênero, as quais foram apresentadas através de imagens, folhetos, e também da fala da Ministra. Os e as jovens foram convidados e convidadas a prestar atenção nos detalhes do folheto explicativo, que continha mulheres de diferentes etnias e também com diversas

¹¹⁵ O encontro teve início no espaço disposto na sala da juventude, a Ministra iniciou o encontro propondo uma oração, em seguida uma breve apresentação dos e das participantes, em seguida todos e todas foram convidados e convidadas a escolherem hinos para que o encontro começasse com alegria, segundo a Ministra. Após este momento inicial, a Ministra pediu para uma jovem ascender as velas que estavam no altar, e fez o anúncio do texto a ser lido e refletido no encontro. O texto escolhido pela Ministra é o texto do Evangelho de Mateus, 25.31-46. Após a leitura do texto, a Ministra, elucidou que, a esquerda e a direita, citadas no texto, não são como as dos partidos políticos, e assim não deveriam ser associadas. Em seguida, perguntou, o que este texto diz para nós hoje? O que Jesus quis dizer com estas palavras? E ainda, como podemos compreendê-las em nossas práticas diárias como cristãos e cristãs? Os e as jovens, responderam giraram em torno de que precisamos ajudar os e as próximos, sem julgamentos, que existem muitas pessoas pobres e em situação de risco, citaram ainda as questões relacionadas aos processos de imigração que vem acontecendo, e sendo noticiados, e de que necessita-se acolher estas pessoas que estão fugindo, ou se retirando de seus países por diversos motivos, como, guerras, pobreza. Quanto as ações cotidianas, eles e elas responderam que no cotidiano pode-se respeitar as pessoas, as vezes sair do celular e prestar atenção ao redor, muitas vezes, disse uma integrante do grupo, as pessoas só querem e precisam ser ouvidas, podemos ajudar as outras pessoas de inúmeras formas, outra resposta foi, precisamos ter mais empatia. Observou-se neste momento de confraternização, que os e as jovens estavam comentando questões vinculadas a política do país, principalmente por este ter sido um ano eleitoral. Em uma das conversas surgiu a questão do armamento, alguns jovens, disseram que eram favoráveis, ao armamento e que o porte de arma poderia ser uma alternativa a segurança familiar. Outros e outras discordaram, disseram que uma arma poderia oferecer mais riscos do que segurança. Neste momento, fui questionado sobre a minha opinião, então respondi que, acreditava que uma arma é uma arma, a qual possui somente uma função. O assunto não se estendeu mais, terminou com comentários como, as opiniões políticas precisam ser respeitadas.

¹¹⁶ Este primeiro contato com o grupo foi apresentado de maneira mais detalhada para que se possa ter uma ideia central e geral de como funciona a dinâmica do mesmo, a partir e com a participação da Ministra responsável pela comunidade.

vestimentas e diversas expressões da biodiversidade do Suriname, incluindo montanhas, plantas típicas, água e animais como elementos para discutir a beleza da criação de Deus.

Dentre as informações trazidas pela Ministra, destaca-se a reflexão em torno do papel das mulheres, suas lutas por direitos básicos como o voto, o problema da violência doméstica e a exploração do trabalho infantil. O texto impresso que estava no altar trazia, entre outras, as seguintes informações:

O voto feminino só foi plenamente concedido em 1948. Em 1936, as mulheres podiam concorrer às eleições, mas não podiam votar. Esse direito era reservado apenas aos homens. A primeira mulher membro do Parlamento foi Grace Schneiders-Howard, eleita em 1938. Vale a pena mencionar a Dra. Sophie Redmond como uma mulher que abriu novas bases nas áreas de saúde pública e política. Ela foi a primeira médica do país. Durante as eleições de 2015, aproximadamente 31% dos candidatos aos órgãos representativos eram mulheres. Nessas eleições, 15 mulheres foram eleitas membros dos Paramentos e, pela terceira vez, uma mulher foi eleita Presidente do Parlamento. As mulheres casadas não tinham os mesmos direitos civis que seus cônjuges. Em 16 de abril de 1981, o Decreto Nacional C-11, concedeu às mulheres igual capacidade jurídica. O Suriname tem uma lei especial para casamentos asiáticos, onde as pessoas podem se casar pelas regras habituais de suas tradições Hindu ou Islâmica, porém têm que registrar o casamento religioso no Departamento Central. Com a criação do Gabinete Nacional de Políticas de Gênero e do Gabinete de Violência Doméstica, o país busca consolidar os direitos civis das mulheres. As leis e políticas para combater a violência doméstica numa fase precoce não só protegem as mulheres, como também os idosos e as crianças. Mas existem formas veladas de violação dos direitos da infância. A visão de crianças vendendo frutas nas ruas é bastante comum. Mais grave é o fato de que muitas crianças estão envolvidas no trabalho nas minas de ouro.¹¹⁷

A reflexão deste contexto distante da realidade brasileira em questões geográficas, mas próxima em perspectivas sociais e culturais, fez com que as e os jovens refletissem sobre a precariedade das políticas para as mulheres ao longo da história. Houve perguntas como: “Desde quando as mulheres votam no Brasil?” A Ministra respondeu à pergunta, lembrando as lutas de reivindicação pelo voto das mulheres, o que se conhece como movimento sufragista, direito reconhecido apenas em 1932.

Um tema relacionado a questões de gênero e sexualidade que emergiu no terceiro encontro foi a distribuição das tarefas domésticas. Neste encontro, proposto pela liderança do grupo, foi realizada uma “noite de pizzas” na cozinha do Centro

¹¹⁷ COMITÊ DO DMO DO SURINAME. **Dia Mundial de Oração:** "Toda a Criação de Deus é Muito Boa!" Informações Gerais sobre o País, 02 mar. 2018. Disponível em: <https://files.comunidades.net/dmoracao/DMO2018__SURINAME__Informacoes_gerais_sobre_o_pais.pdf> Acesso em: 03/03/2108>. Acesso em: 01 nov. 2019.

Evangélico. A ideia central era que as e os jovens confeccionassem as pizzas durante o encontro para uma partilha no final, realizando um encontro mais descontraído, sem uma pauta de reflexão ou mesmo texto base para a reflexão. Foi durante o processo de confecção das pizzas que a temática das tarefas domésticas emergiu.

As e os jovens conversaram sobre quem lava, quem cozinha, quem passa na sua casa. Alguns deles e algumas delas relataram que, em suas casas, as tarefas domésticas são de responsabilidade das mães ou irmãs, e algumas meninas relataram já estarem aprendendo a lavar, passar e cozinhar. Diante da conversa, a Ministra perguntou: “se todos e todas moram em uma casa, não é tarefa de todos e todas auxiliarem na manutenção e limpeza da mesma?” Alguns e algumas jovens responderam que não e afirmaram que esta tarefa já é estabelecida pelo fato de os pais trabalharem fora e as mães permanecem em casa.

Estas afirmações foram contestadas por outros e outras jovens que afirmavam que é tarefa de todas as pessoas e que esta perspectiva existente de que o trabalho doméstico é visto como responsabilidade das mulheres precisa ser superada. Afirmaram, também, que meninos e meninas, homens e mulheres, podem e devem aprender a realizar tarefas como limpar, lavar, cozinhar, passar, uma vez que elas não estão necessariamente ligadas ao fato de quem as executa ser homem ou mulher, mas que essas definições foram construídas na sociedade.

Outro ponto que surgiu na discussão foi o fato de as mães estarem mais vinculadas com a igreja e a religiosidade, muitas vezes incentivando mais a participação nos grupos da igreja, como o próprio grupo de jovens, e que estas, de igual modo, auxiliam na prática da religiosidade nas casas, através de orações, leituras bíblicas e mesmo da participação mais efetiva nas atividades da comunidade luterana. Já em relação aos pais, afirmou-se que não se opõem a estas práticas, porém tampouco incentivam, realizam ou participam com a mesma frequência que as mães.

Ao final do encontro, após a partilha das pizzas, questões de gênero também se evidenciaram na organização do espaço. Enquanto os jovens se propuseram a tirar o lixo, recolher os pratos e limpar as mesas, as jovens ficaram responsáveis por lavar as louças, as formas onde foram assadas pizzas e varrer e limpar o local da cozinha (o chão). Embora os jovens tenham sido convidados a

auxiliar nestas últimas tarefas, ao que pareceu não se sentirem confortáveis pra executá-las.

Após esta reflexão, o jovem representante da JE sinodal apresentou o tema do 24 Congrenaje, “*vida digna, nosso compromisso*”. O grupo demonstrou bastante interesse no evento e a Ministra disse que poderia tentar ajuda de custo para as inscrições e transporte através do Sínodo e da comunidade. No final, a maioria dos e das jovens ficaram de conversar com as famílias sobre a viabilidade da participação. Neste encontro, os e as jovens sugeriram que a confraternização fosse na lancheria que fica em frente ao salão da comunidade.

O Congresso Nacional da Juventude Evangélica aconteceu na cidade de Teutônia-RS entre os dias 22-27 de julho de 2018. O tema central para estes cinco dias de encontro entre jovens de todo o país, com representação de diversas comunidades e Sínodos, era “*Vida digna, nosso compromisso*.” Como relatado anteriormente, os e as jovens, desde o início, enquanto grupo, demonstraram muito interesse em participar do congresso. Foi sugerida a ideia de confeccionar uma camiseta para identificar o grupo e também o e a jovem. Desde o princípio, fui convidado a participar com o grupo e, posteriormente, escalado como uma das pessoas adultas responsáveis pelos jovens e pelas jovens participantes do Congrenaje, uma vez que grande parte deles e delas são adolescentes.

A participação no congresso foi entendida como uma oportunidade de integração com o grupo, bem como uma oportunidade de observar o grupo em interação com tantas pessoas na mesma faixa etária, em um espaço de espiritualidade, reflexão, interação e contato com assuntos diversos e discussões interessantes. Do grupo em questão, participaram treze jovens, com idades entre quatorze e vinte e quatro anos. Foram cinco pessoas adultas responsáveis pelo grupo, para acompanhar, auxiliar e estar pendente deles e delas. A saída se deu no dia do início do congresso, visto que o credenciamento só começaria ao meio dia.

Uma das perspectivas que se considera importante, nesta observação, apresentou-se já no início do evento. Os e as jovens, no momento da inscrição online, antes do congresso, escolheram as oficinas e grupos de trabalho que participariam durante o evento. Em um dos momentos do primeiro dia, ao retornarmos para o alojamento, alguns jovens me perguntaram quais oficinas eu havia me inscrito. Quando as relatei (uma delas dizia respeito à violência doméstica e de gênero), responderam que esta não lhes interessava muito, pois, segundo eles,

havia participado em um encontro recente de uma oficina, onde uma palestrante falava sobre questões de gênero a partir das músicas, no qual foi realizada uma análise do conteúdo machista das letras. Segundo os jovens, esta não era uma análise necessária e, inclusive, este era um problema do feminismo, que problematizava tudo. Um deles falou, inclusive, que “agora nem música podemos mais ouvir, porque tudo é machismo.”

Segundo os jovens, esta não era uma análise necessária, e que não é preciso problematizar tudo, até a música “borboletinha está na cozinha”. Segundo eles, esta problematização é desnecessária, pois nem tudo tem a ver com estas “coisas de gênero”. Neste momento, não expressei nenhum comentário, apenas reagi com uma pergunta: o que para vocês são coisas de gênero? Eles prontamente responderam que se refere àquilo que é designado a cada sexo, o que dita o que as mulheres e os homens devem fazer. Um deles relatou que, na casa dele, a mãe e a irmã lavam, passam e cozinham. Já ele e o pai dele trabalham fora e, para eles, este sistema não causava estranhamento, muito mais se aproximava de uma normalidade, algo que deve ser seguido. Disseram, ainda, que o feminismo é um problema.

Durante o evento também foi realizada a exposição do projeto “Nem Tão Doce Lar”, que remonta o espaço de uma casa “lar” com traços e evidências de violência doméstica¹¹⁸. Alguns jovens e algumas jovens do grupo visitaram a exposição e uma integrante sugeriu que seria muito interessante levar a exposição para a cidade, inclusive na comunidade luterana, pois a violência apresenta muitas

¹¹⁸ Segundo apresentação da Fundação Luterana de Diaconia, compreende-se o Projeto Nem Tão Doce Lar da seguinte forma: “A Nem Tão Doce Lar envolve uma metodologia de intervenção coletiva para a superação da violência familiar. Trata-se de uma mostra itinerante que possibilita a popularização da discussão e do enfrentamento da violência, ao levar para o espaço público uma típica casa familiar, com informações e imagens que denunciam a violência sofrida por mulheres, crianças e jovens. A mostra nasceu a partir de uma exposição internacional chamada Rua das Rosas, criada pela antropóloga alemã Una Hombreicher, com o apoio da agência Pão para o Mundo (PPM). A proposta inicial, que tinha ainda uma linguagem europeia, foi apresentada em Porto Alegre (RS), de 14 a 23 de fevereiro de 2006, durante a 9ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Esta primeira exposição esteve sob a coordenação da FLD, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e um consórcio de organizações da sociedade civil que atuam denunciando e construindo possibilidades de superação da violência. Posteriormente, a partir de um amplo processo de construção coletiva, a exposição recebeu um enfoque brasileiro. O nome Nem Tão Doce Lar faz alusão à citação Lar doce Lar, muito comum em casas brasileiras. Assim também nasceu a marca Nem Tão Doce Lar, criada a partir de um delicado bordado em ponto de cruz, emoldurado como um quadro. Esse quadro, representativo do que deveria ser o ambiente familiar, amoroso e cheio de cuidados, está quebrado, indicando um ambiente violento.” FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. **Nem Tão Doce Lar**. Disponível em: <<https://fld.com.br/nem-tao-doce-lar/>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

faces. Segundo esta jovem, que faz parte do grupo pesquisado, temas como gênero, sexualidade, diversidade e igualdade devem ser transversais na igreja, nos cultos e nos grupos. Segundo ela, seria necessário mais uma vez reformar a igreja para que temas assim fossem de fato tratados com seriedade e na dimensão que necessitam.

O Congrenaje, como um deles disse, é um encontro de extrema importância no exercício de prática da fé, mas que, também, é muito bom para a socialização e ainda permite momentos de paquera, flerte e, em alguns casos, ainda é possível beijar na boca. Nesta perspectiva, um dos jovens em um determinado momento, em uma conversa sobre estar afim de alguém e ter receio de ir ao encontro da pessoa e falar o que sente, relatou que, naquele dia, um menino de uma outra comunidade havia chegado até ele e perguntado se ele gostava de meninos ou de meninas. O jovem relatou ter respondido que gostava de meninas. Foi quando o outro menino, segundo o jovem, disse: “nossa, que pena, um amigo meu está muito afim de ficar contigo.”

Perguntei rapidamente ao menino como ele se sentia com relação a esta situação. Ele prontamente respondeu que não tinha nada contra, que respeitava todas as pessoas e que achava normal e até legal alguém do mesmo sexo se interessar por ele, mas que ele gostava de meninas. Disse que assim como ele pode se interessar e chegar até uma menina, não vê problema quando acontecem outras configurações de paquera. Uma das frases que chamou a atenção em sua fala foi “as pessoas tem que ter o direito de amar e gostar de quem elas quiserem, independente do sexo dessa pessoa.”

A participação com o grupo no Congrenaje foi um dos pontos determinantes para a efetivação da pesquisa, bem como da inclusão do pesquisador no grupo. Esta participação possibilitou estreitar laços, traçar diálogos, bem como vínculos de confiança. Tais perspectivas foram fundamentais para que a proposta de intervenção, diálogo e construção fosse possível e que, principalmente, estivesse de acordo com as expectativas e disponibilidade do grupo como um todo.¹¹⁹

¹¹⁹ Outras impressões do Congrenaje, não dizem respeito necessariamente ao grupo pesquisado, mas sim a observações do público juvenil durante o evento. No alojamento masculino, por exemplo, ouvia-se muitas piadas de cunho étnico-racial, depreciando principalmente as pessoas negras. Para um menino negro, quando foram apagadas as luzes foi dito “sorria, para que saibamos onde você está”. Também houveram “brincadeiras” relacionadas à sexualidade de supostos “gays” identificados por algumas pessoas. Em um dos casos, um grupo formou um círculo ao redor de um menino, não deixando o mesmo sair, enquanto diziam coisas como, “você não é boiola?” “Então, gosta de estar cercado por homens”. “Do que você está reclamando?” Houve, ainda, o fato de que, em um dos dias do evento, pastoras responsáveis pelas perspectivas

O grupo da JE foi convidado pela comunidade a conduzir um culto no qual deveria apresentar o que o evento significou para o grupo, bem como as reflexões que tinham sido realizadas durante o encontro. Para isso, a Ministra propôs que eu, enquanto pesquisador e pessoa que havia acompanhado de maneira incisiva o grupo, auxiliasse na organização da celebração, uma vez que havia estado com o grupo.

Os e as jovens reuniram-se excepcionalmente num domingo, às 15h, para preparar a celebração. Confeccionaram símbolos que diziam respeito ao Congrenaje, como por exemplo, uma corrente de mãos dadas coloridas. Na tarde que antecedeu a celebração, os e as jovens conversaram sobre a experiência do Congrenaje e sobre a importância que o mesmo trouxe para a vivência e o entendimento da fé de cada um e cada uma.

As jovens, especificamente, elucidaram as perspectivas vinculadas à justiça de gênero e a busca de igualdade entre homens e mulheres, assim como o papel da igreja em auxiliar neste caminho.

Após a conversa sobre quais os temas mais relevantes deveriam ser apresentados para a comunidade, foi decidido fazê-lo em duas partes, sendo uma delas um teatro, onde foi representado o auxílio às pessoas excluídas. Os jovens serviram água e suco para a comunidade, como forma de simbolizar que devemos auxiliar aqueles e aquelas que têm fome de pão, por serem excluídas e excluídos da sociedade. Representaram também o ato de vestir quem tem frio, representaram a prisão de uma pessoa e após a visitação na cadeia, ainda representaram a visita a pessoas que estão enfermas nos hospitais.

A segunda parte ficou a cargo de uma jovem que relatou os pontos principais elucidados no teatro e também discutidos pelo grupo. Ela falou da importância da discussão de justiça de gênero na igreja e que estava muito contente por todas as oportunidades e discussões que houveram durante o Congrenaje, incluindo, e principalmente, as que estavam vinculadas ao tema da igualdade e da não exclusão de nenhuma pessoa em razão de sua perspectiva de gênero, orientação sexual, ou mesmo, expressão corporal.

3.4 Análise preliminar

A partir das questões apresentadas acima, com relação ao período de observação, é possível tecer algumas reflexões iniciais gerais sobre o funcionamento do grupo e especificamente relacionadas a questões de gênero e sexualidade.

O grupo pesquisado se apresenta de maneira bastante dinâmica, os e as jovens sentem-se à vontade para contribuir com reflexões, sem a preocupação de certo e errado, ou seja, percebe-se que as e os jovens sentem-se à vontade para expor suas opiniões e contribuir a partir de suas realidades e vivências. Todos os e todas as jovens contribuem de alguma maneira para as reflexões conjuntas. Um exemplo desta afirmação é a dinâmica do grupo, onde os e as integrantes perguntam quando sentem dúvida, como exemplificado no caso acima citado, acerca do voto feminino. Também questionam e propõem temas. Um dos jovens em um encontro disse que deveriam haver mais brincadeiras lúdicas, que o grupo de JE deveria ser um espaço para transitar mais e não ficarem sentados o tempo todo. Outro exemplo que se pode citar, foi no momento da organização da celebração para apresentar pontos referentes ao Congrenaje. Uma das jovens relatou que, para ela, era imprescindível que as oficinas e discussões sobre justiça de gênero e violência doméstica fossem apresentadas para a comunidade.

Percebe-se, também, a presença de uma dinâmica pré-estabelecida, ou seja, os encontros seguem a dinâmica de um rito litúrgico, com elementos como saudação, oração inicial, apresentação das pessoas novas no grupo, cantos, leitura bíblica e reflexão construídas em conjunto, sendo que todos estes acontecem ao redor de um altar, organizado pela pessoa responsável pela reflexão, neste caso, a Ministra. Esse aspecto ritual dos encontros se relaciona com a definição de Claude Rivière:

Conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com base corporal (verbal, gestual, postural), de caráter mais ou menos repetitivo, com forte carregamento simbólico para seus atores e habitualmente para os seus assistentes, condutas essas fundamentais numa adesão mental, muitas vezes inconsciente, a valores relativos a escolhas sociais consideradas como importantes, e cuja eficácia não

depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica da ligação entre causa e efeito.¹²⁰

No conjunto de condutas individuais ou coletivas vivenciadas no grupo destaca-se a montagem de um pequeno altar que é preparado para cada encontro, a utilização de hinos de louvor, os quais são escolhidos de imediato pelas e pelos jovens, a realização de momentos de oração, geralmente no início e no final do encontro, a leitura de textos bíblicos, os quais são interpretados coletivamente pelas e pelos jovens. Estas perspectivas apresentam-se enquanto fundamentais para que os jovens e as jovens encontrem um sentido comum no encontro.

É, de igual modo, necessário manter vinculação com a confessionalidade luterana, perspectiva esta da qual o grupo parte para a reflexão de diversos temas. Ressalta-se esta perspectiva uma vez que se entende que o grupo de JE em uma comunidade é parte de um todo, ou seja, é um grupo que discute e reflete a fé a partir do seu entendimento e a partir de uma linguagem da qual será capaz de assimilar, compreender e também ressignificar em sua vida.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.¹²¹

Referencia-se aqui o caráter da linguagem, uma vez que é através deste que o grupo consegue associar e assimilar as subjetividades. Existe um fio condutor comum na linguagem dos jovens e das jovens que participam do grupo, o qual é entendido aqui em primeira instância como fé, e em um segundo momento como a confessionalidade luterana. São estes dois elementos que direta ou indiretamente reúnem jovens de diferentes idades em grupo para discutir, refletir e criar diálogos que fomentam a prática da JE luterana.

Outro elemento que auxilia na compreensão e na elaboração de um discurso construído pelos jovens e pelas jovens no grupo é a forma como a reflexão e a construção da leitura do texto acontecem. No grupo, não se percebe a existência de uma reflexão pronta da parte da Ministra, mas sim a construção de um conteúdo reflexivo conjunto, o qual parte da realidade de cada jovem. Esta perspectiva se

¹²⁰ RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 10-11.

¹²¹ BAKHTIN, Michael. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Huditec, 1997, p. 99.

aproxima do conceito de Leitura Popular da Bíblia, assim como definido por Elaine G. Neuenfeldt:

A Leitura Popular da Bíblia tem como um dos seus instrumentais o assim chamado triângulo hermenêutico: realidade, texto/Bíblia e comunidade. O método caracteriza-se pela sua circularidade ou espiralidade. Ou seja, como círculo, não há uma definição rígida por onde se deve começar a leitura e, como espiral, indica-se que não é um processo encerrado em si, mas, por um lado, aberto a novas perspectivas, e, por outro, que permite e promove aberturas de perspectivas na própria leitura. A figura do triângulo já é bastante conhecida, mas segue sendo útil. Em alguns momentos pode ser também representado por um círculo ou uma espiral.¹²²

Este método hermenêutico de leitura e interpretação da Bíblia permite conversar e refletir acerca das interpretações de cada um e cada uma, como ponto de partida para compreender o texto. É importante salientar que esta perspectiva hermenêutica não é compreendida de maneira objetiva pelo grupo, mas apresenta-se para tal enquanto uma metodologia, a qual integrou-se no grupo como parte do rito, sem necessariamente ter sido anunciada ou refletida em conjunto com os e as jovens.

A observância destes elementos e relações foram de suma importância para que se pudesse acessar o grupo e conseguir construir relações de diálogo, respeito e reciprocidade. Este elemento se assevera quando se pensa a partir do viés de interação e construção de relações para com as pessoas que fazem parte deste grupo. Neste sentido, pode-se compreender que o ponto de partida para a análise e entendimento das relações vinculadas a gênero e sexualidade, ou seja, se estes debates existiam, se sim em que medida, e como se davam estas relações com o objetivo do grupo, levando em consideração as perspectivas culturais, religiosas e etárias.

A partir destas perspectivas, pode-se compreender que, no grupo, nas atividades propostas e também nas intervenções da parte da Ministra, tinham como enfoque principal a reflexão cristã a partir da confessionalidade luterana. Não obstante, as relações de gênero, diversidade e igualdade étnico-racial estavam presentes como elementos reflexivos, nem sempre debatidos extensivamente ou

¹²² NEUENFELDT, Elaine G. Diálogo entre a leitura popular e a leitura feminista da Bíblia. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 45, n. 2, p. 117-128, 2005, p. 118. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/544/505>. Acesso em: 01 jan. 2019.

exclusivamente, mas como temas transversais, os quais se naturalizavam a partir dos discursos e vinculações com a teologia e confessionalidade luterana.

Foram apresentados neste ponto os encontros e observações que mais dialogavam, ou mesmo, se aproximavam das temáticas centrais desta pesquisa. Foram observados inúmeros encontros, mas em poucos houve a menção ou reflexão sobre as temáticas gênero e sexualidade. Neste sentido, os temas centrais desta pesquisa apresentam-se no grupo de maneira subjetiva, ou seja, estão presentes, mas não de maneira explícita. Em muitos casos, o tema gênero aparece enquanto igualdade entre homens e mulheres, na perspectiva da justiça de gênero, sem muito aprofundamento, não sendo anunciados como temas centrais das reflexões. Percebe-se a existência de uma centralidade em perspectivas vinculadas a Teologia da Libertação, tais como exclusão social, igualdade e perspectivas étnico/raciais. Não obstante, as perspectivas diretamente vinculadas a gênero, sexualidade e diversidade sexual não são abordadas nos encontros.

Cabe ressaltar que, no entanto, apesar de não haver uma centralidade destes temas nas reflexões, os mesmos aparecem em conversas informais, em formas de linguagem subjetivas, as quais denotam a existência de uma compreensão por parte da Ministra e da importância dos mesmos. Em conversas com a Ministra em momentos diversos, expressou-se a preocupação por parte dela em refletir estes temas, mas que, segundo ela, deveriam ser realizadas por alguém que tivesse propriedade para abordar os mesmos e que, muitas vezes, é complexo fazê-lo enquanto Ministra da igreja, uma vez que a comunidade em si apresenta muitas dificuldades em articular e refletir estes temas.

A maior incidência dos temas gênero e sexualidade, portanto, apareceram durante e após o Congrenaje. Desta forma, reitera-se aqui a importância da minha participação no mesmo, uma vez que a convivência durante este período possibilitou uma maior vinculação com o grupo, relação esta que, conforme será apresentado no ponto a seguir, foi de suma importância para a realização desta pesquisa.

3.5 Relatos da intervenção

No ponto anterior, foram apresentadas perspectivas referentes ao período de observação para com o grupo. Este período de observação foi extremamente importante para que se criasse um vínculo com o grupo, para que as perspectivas

práticas que serão apresentadas a seguir fossem assimiladas de maneira positiva pelo grupo e, também, com a finalidade de que o grupo se sentisse à vontade para dialogar e interagir durante esta segunda parte da pesquisa.

Durante o período de três meses, foram realizadas atividades com o grupo com o intuito de dialogar e construir coletivamente reflexões em torno das temáticas de gênero e sexualidade e sua interface com a JE. Cada encontro teve a duração de aproximadamente três horas, os quais aconteceram quinzenalmente, sendo que, em muitos encontros, foram realizadas mais de uma atividade. As atividades dos encontros foram pensadas e preparadas a partir das observações que ocorreram no primeiro período desta pesquisa, sendo que, para a elaboração das mesmas, foi conversado com a Ministra responsável pela comunidade e também com a liderança da JE. De igual modo, foi realizado uma introdução deste período da pesquisa para com os e as jovens do grupo. Foi relatado qual era a intencionalidade da mesma e de que a participação e execução das atividades não era de participação obrigatória.

Desta forma, no ponto que segue, serão apresentadas as perspectivas observadas a partir da intervenção nos encontros do grupo de Juventude Evangélica (JE). Foram selecionados um total de quatro atividades que aconteceram e tiveram relevância, não somente do ponto de vista do pesquisador, mas também a partir da perspectiva dos e das jovens.

As atividades de intervenção realizadas com o grupo foram construídas em diálogo com os e as jovens. A Ministra responsável pela comunidade apresentou para o grupo a ideia de que a condução de alguns encontros estaria sob a responsabilidade do pesquisador e que eles e elas poderiam auxiliar nos temas que deveriam ser trabalhados e poderiam decidir não falar ou debater sobre os assuntos, assim como propor outros temas que considerassem importantes. Os e as jovens concordaram e disseram que seria interessante alguém de fora, mas que têm participado no grupo e têm formação na área teológica, para auxiliar nos processos de reflexão.

No processo de intervenção foram mantidas as práticas e a estrutura geral de como os encontros eram conduzidos até então. Neste sentido, no primeiro encontro desta etapa da pesquisa, o espaço foi organizado como de costume: com um pequeno altar no centro de uma roda de cadeiras. O altar estava composto de panos coloridos, uma cruz, velas, uma Bíblia, uma caixa com canetas, e uma caixa

com vários símbolos vinculados à JE, como por exemplo, o símbolo da JE, o nome do grupo e um ponto de interrogação.

Durante a realização do encontro foi explicada a proposta da pesquisa, como se chegou ao grupo, o que o pesquisador está estudando e também a proposta de construir coletivamente a partir de temas e propostas que eles e elas acreditam ser importantes. Para o momento de reflexão foi utilizado o texto de I Timóteo, 4. 12-16. O texto foi lido e refletido em conjunto. Ao serem questionados e questionadas acerca do que o texto significava, alguns e algumas jovens responderam que, muitas vezes, as pessoas jovens são subjugadas por não terem as mesmas experiências que pessoas adultas e mais maduras, mas que é necessário ouvir todas as opiniões, que as experiências que os e as jovens atualmente têm são diferentes daquelas vivenciadas pelas gerações anteriores. Foi dito: “Nós também temos o que ensinar”. Então, o grupo foi questionado com relação à premissa educacional: “quem ensina hoje?” Os e as jovens responderam que eram “os pais, a igreja, a escola e a vida.” A pergunta seguinte foi: “quem ensina, também pode aprender?” Os e as jovens responderam que “todo mundo pode aprender, que é necessário ser humilde e não julgar pela idade, mas que ouvir os conselhos das pessoas mais idosas é importante também.”

Após a discussão sobre o texto, perguntou-se às e aos jovens se percebiam algo de diferente no espaço organizado para a reflexão. Alguns e algumas responderam que o objeto estranho que chamava a atenção era a caixa com o ponto de interrogação e com símbolos da IECLB e da JE.

Esta atividade tinha como objetivo introduzir ao grupo a temática da pesquisa, bem como compreender quais eram as perspectivas que os participantes e as participantes do grupo gostariam que fossem trabalhadas. Desta forma, para evitar a exposição dos e das participantes do grupo, os e as jovens deveriam escrever suas considerações, vontades e percepções e depositá-las na caixa, sem identificação de quem havia escrito.

Foi explicado, então, que a caixa estava disposta ali em função da pesquisa, mas que também estava vinculada ao texto bíblico lido e refletido. Desta forma, aqueles e aquelas que se sentissem à vontade poderiam depositar na caixa perspectivas que acreditavam ser importantes no que diz respeito ao grupo, ou mesmo temáticas que julgavam ser importantes para a discussão no grupo. Tendo como entendimento de que o grupo deveria ser protagonista também nas reflexões,

e que todos e todas têm considerações importantes a fazer, e que todas as pessoas devem ter espaço para expor suas considerações.

Na caixa em questão foram depositados oito papéis, a maioria relacionados a temas que deveriam ser trabalhados no grupo de JÉ e, também, com relação as suas expectativas. Com o intuito de evitar exposição dos e das participantes, a caixa não foi aberta no mesmo dia. No entanto, foi reiterado para com os e as participantes que as considerações nela contidas seriam utilizadas como prerrogativa para as reflexões nos próximos encontros. Neste sentido, retifica-se que não houve um momento específico para a abertura da caixa em conjunto, mas que as considerações nela contidas foram a base para as reflexões nos encontros que seguiram.

As considerações dos jovens e das jovens foram as seguintes:

- *Temas que são problemáticos hoje e que possamos mudar algumas coisas hoje e também futuramente, temas como, desigualdade social, direitos de expressão, exclusão social (racismo, homofobia, etc.). Elucidou também que, o grupo é importante para criar relações e com ele seria interessante organizar atividades práticas a partir do que debatemos, não deixando as ideias e reflexões para si mesmos, mas compartilhá-las.*
- *O grupo de jovens ajuda nas comunidades a formar uma opinião, a debater sobre assuntos que estão ligados à nossa realidade, tais como, política e juventude.*
- *Tema: identidade cristã versus outras identidades, o que define o ser cristão? A importância do grupo de jovens na reflexão do que significa ser igreja hoje.*
- *Trabalhar a respeito das minorias e desigualdades. Auxiliar a dar voz e força a aqueles que se sentem oprimidos. Os grupos de jovens são importantes pois eles trazem aquilo que é novo, auxiliam na quebra do olhar padrão.*
- *O grupo de jovens tem várias contribuições a dar a igreja, e auxilia atualizar o evangelho, uma vez que a juventude é importante também nas reflexões e ações.*

- *Eu acho importante o grupo, pois assim podemos ouvir opiniões diferentes das nossas. Acho legal falarmos sobre nossa fé.*
- *O tema é igualdade social, igualdade de gênero. A importância do grupo de jovens é a de poder debater todos os assuntos propostos pelos jovens, dar ideia promover práticas e discussões.*
- *Como levar a palavra de Deus no nosso cotidiano? O grupo de jovens é muito importante porque ajuda os jovens a construírem maneiras diferentes de pensar.*

O encontro tinha como objetivo protagonizar as considerações dos jovens e das jovens no que diz respeito ao grupo, sua função, e também proporcionar um espaço onde os e as participantes pudessem, sem receios, expressar questões que para cada um e cada uma são importantes para a JE. Ressalta-se aqui que a pesquisa foi apresentada e foi especificado que o grupo teria liberdade para propor temas, expressar desagrado ou qualquer consideração que achessem ser importante.

O encontro transcorreu de maneira muito dinâmica. Em nenhum momento houve resistência por parte dos e das participantes ou mesmo questionamentos sobre a atividade, sua funcionalidade ou alguma reação negativa à proposta.

No segundo encontro desta etapa da pesquisa foram retomadas as questões levantadas no encontro anterior. Para este encontro, foram tomadas em conta as considerações e indicações apresentadas pelos jovens e pelas jovens da comunidade. O espaço foi organizado como de costume, com um pequeno altar no centro de uma roda de cadeiras, onde os elementos que diferiam do habitual eram as seguintes perguntas, expressões e termos: “cultura”; “construção social”; “o que é sexualidade”; “o que é ser homem e mulher na sociedade”; “o que significa ser jovem”; “como os e as jovens expressam a fé”; “escola”; “igualdade”; “gênero e identidade”; “justiça de gênero”.

Diferentemente dos encontros anteriores, neste não houve um texto bíblico específico escolhido para a reflexão, uma vez que a ideia era trabalhar com o significado das palavras e expressões expostas no altar. Neste sentido, após a oração inicial, as e os jovens foram questionados e questionadas sobre o que havia de diferente no espaço. As respostas foram vinculadas diretamente com as palavras e expressões que ali se encontravam. O grupo foi incentivado, de igual modo, a

pensar e refletir acerca do significado de cada uma das expressões, ou até mesmo identificar e questionar o que mais chamava a atenção.

Os e as jovens destacaram, principalmente, os termos “gênero”, “justiça de gênero”, “sexualidade” e “diferenças entre homens e mulheres”. A partir destas palavras e expressões surgiram outras reflexões. Destas, destacam-se algumas, como por exemplo: Que as diferenças entre homens e mulheres acontecem em casa, na família existem funções distintas entre os pais e as mães. As mães, em parte, ficam responsáveis pelo trabalho doméstico, como lavar, passar, cozinhar no dia a dia, delegar funções de organização. Os pais, por sua vez, responsabilizam-se em grande parte pela renda da família e nos trabalhos externos, como cuidar do carro, cortar a grama, serviços de manutenção.

No que diz respeito a sexualidade, dois jovens disseram que sexualidade é a forma como expressamos nossas atrações sexuais, nossos desejos, mas também é a forma como nos relacionamos com nosso corpo, onde o corpo, segundo um jovem, deve ser respeitado. Ele disse, por exemplo, que sexo é para ser bom, mas deve-se saber que é uma relação íntima do seu corpo com o corpo de outra pessoa, deve-se, portanto, ter responsabilidade, não banalizar o corpo, pois ele é imagem e semelhança de Deus.

Um jovem ressaltou a expressão “justiça de gênero”, disse já ter ouvido, mas que gostaria de entender de maneira mais contundente. Perguntei então para o grupo: “O que vocês acreditam ser justiça de gênero? O que é justiça?” Eles e elas responderam que é quando todas as pessoas são tratadas com igualdade e respeito. Indaguei então, a respeito do termo “gênero” e houveram respostas como “feminino e masculino”, “identificação com o corpo ou não”. Foi ressaltado então que justiça de gênero é quando homens e mulheres são tratados e tratadas de forma igualitária, onde todos e todas têm os mesmos direitos. Dito isso, perguntei se eles e elas achavam que homens e mulheres são tratados de igual forma. As respostas foram “hoje mais do que antigamente”, “hoje as mulheres têm mais liberdades, mas que os homens têm ainda mais privilégios.”

Os e as jovens foram convidados e convidadas a refletir também sobre o sentido da palavra “cultura”. Neste sentido, responderam que cultura é o meio onde todos e todas nós vivemos, diz respeito aos nossos costumes, crenças e formas de pensamento. A conclusão foi que, a cultura, através de diversos mecanismos

sociais, tais como a igreja, as escolas e a religião, define o que é papel masculino e feminino, coisas de homem e coisas de mulher.

Quanto ao ponto relacionado ao ser jovem hoje e sua respectiva expressão de fé, os e as jovens apontaram que é importante haver lugares de reflexão da fé nas comunidades, que este deveria ser oportunizado a partir de diversos debates, para dialogar também com o que é ser igreja para a juventude. Afirmaram que apreciavam muito o espaço de debate que era oportunizado a eles e elas, que se sentiam à vontade, pois os encontros sempre tinham algo novo e diferenciado que oportunizava a reflexão como pessoas cristãs.

Os e as jovens do grupo demonstraram interesse nos temas em debate, apareceram diversos argumentos e uma participação geral. Foi reiterado para o grupo que a discussão e mesmo a participação não eram obrigatórias, que as opiniões deveriam ser expressadas sempre e quando o ou a jovem sentissem a necessidade de assim fazer.

No encontro seguinte deu-se continuidade às perspectivas elucidadas no anterior e buscou-se abranger as considerações dos e das participantes, apresentando um senso de continuidade para criar uma linearidade na discussão.

O encontro foi pensado para trabalhar a diversidade de opinião, mas também a perspectiva de que é possível existir unidade na diversidade. Esta perspectiva foi sugerida pela liderança da juventude, assim como pela Ministra, como um dos pontos a serem abordados durante a pesquisa. A intenção foi dialogar com os e as jovens perspectivas que possibilitem elaborar discordâncias e concordâncias através do respeito a diversidade de opiniões, mas, também, trabalhar o sentido de corporeidade, utilizando o corpo como expressão da diversidade. Neste sentido, foi pensada uma dinâmica que partisse de um texto bíblico para, então, refletir coletivamente envolvendo as diversas opiniões. O texto bíblico escolhido para essa reflexão foi I Co.12.12-22, o qual trabalha a diversidade e a unidade através de uma analogia com o corpo.

Na sala havia um círculo de cadeiras com um altar no centro, onde estavam uma cruz, uma Bíblia, velas, cartolinas, canetas e algumas frases, tais como, “todas e todos somos diferentes, porém, somos iguais”; “a diversidade faz parte da criação de Deus”; “assim como os membros do corpo são muitos e diferentes, mas não menos importantes”; “a diversidade é importante”. Após a leitura do texto bíblico foi aberto espaço para interações iniciais com o texto, tais como, “o que o texto fala, na

opinião de vocês?” Houve pouca interação inicial, com comentários breves, destacando a questão da diferença. Mencionou-se questões como, “somos importantes e diferentes”; “fazemos parte da mesma realidade”; “todos e todas somos codependentes”.

Em seguida, foi apresentada a ideia da dinâmica como uma possibilidade de aprofundar a reflexão. Para isso, os e as jovens foram convidados e convidadas a saírem da roda e virar para fora, onde foram dispostas as cartolinas que estavam no altar. A dinâmica consistia na apresentação das frases elencadas acima e no questionamento às e aos jovens se concordavam ou discordavam da afirmação, pedindo que explicassem seu posicionamento, se assim sentissem vontade.

Foram então lidas as frases acima referenciadas em separado e, em seguida, foi proposto que os e as participantes deveriam dizer se concordavam ou discordavam com as expressões iniciais ou com as reflexões que surgiram a partir das mesmas. No que diz respeito a concordância, eles e elas concordaram com:

- *Diversidade é: diferenças, vida, expressões, religiões, pontos de vida, mundo personalidade e cultura.*
- *Existem preconceitos na diversidade, algumas pessoas se acham superiores.*
- *O texto Bíblico auxilia na compreensão da diversidade, por que, uma parte do corpo precisa da outra.*
- *Ninguém é igual.*
- *A diversidade faz parte da criação de Deus. Nos damos conta disso quando, entramos em contato com a natureza, quando estamos em convivência com diferentes estilos e pensamentos de vida.*
- *A diversidade é expressão dos nossos corpos.*

Quanto às discordâncias, o grupo acentuou menos argumentos e não houve muita insistência da parte dos e das jovens para colocar as discordâncias na cartolina. As perspectivas apresentadas pelo grupo foram as seguintes:

- *Não existe diversidade.*
- *A diversidade não é importante.*
- *Todos e todas somos iguais independente das diferenças.*

Percebeu-se que as e os jovens possuíam mais concordâncias que discordâncias. Apontaram também que, na maioria das vezes, é mais fácil encontrar

aquilo que concordamos do que as perspectivas das quais se discorda. Às vezes, segundo apontou uma pessoa do grupo, as pessoas podem se sentir desconfortáveis em discordar de aspectos apontados pelas outras, inclusive pelo fato de que cada pessoa tem o direito de expressar sua opinião livremente e que não deveria se preocupar, em muitos casos, com a concordância ou não, mas sim com o direito da pessoa expressar suas considerações e opiniões.

O último encontro de intervenção que será apresentado aqui se deu a partir de uma dinâmica distinta dos encontros até aqui relatados. Esta distinção se deu a partir de vários fatores que contribuíram para que se adotasse esta perspectiva. Devido à intensidade de atividades escolares, os e as jovens não estavam conseguindo encontrar uma data para os encontros, visto que expressavam querer participar do grupo e das discussões.

Neste sentido, foi sugerido pela liderança do grupo e também pela Ministra que atua na comunidade que acontecesse um “encontro passa noite”. Além de ser o último encontro do ano, ele encerraria a participação e interação com o grupo em questão. A proposta foi que os e as jovens se reuniram para passar uma noite em conjunto no salão da comunidade, e foi pedido que este encontro fosse organizado e as reflexões propostas a partir dos temas da pesquisa. Por isso eu fiquei responsável por propor atividades distintas para o grupo, a partir das sugestões que eles e elas foram destacando e que acreditava ser importantes, conforme foi relatado no primeiro encontro de intervenção. Desta forma, pensou-se um encontro que começasse às 17 horas, encerrando às 7 horas do dia seguinte com um café da manhã coletivo. Dentre as atividades sugeridas pelo grupo estavam dinâmicas, diálogos, filmes, brincadeiras, fogueira e também um jantar coletivo preparado pelo próprio grupo.

Levando em consideração a proposta da pesquisa, bem como a solicitação dos e das jovens, este encontro foi pensado em conjunto com a liderança do grupo e a Ministra, que auxiliaram nas propostas e perspectivas de reflexão.

O espaço estava organizado para o momento da reflexão inicial, com o círculo de cadeiras e um altar no centro, onde estavam dispostas diversas imagens de pessoas de diversas culturas, etnias, de diferentes idades, algumas jovens carregando água na cabeça, mulheres de diversas etnias, mulheres em diversas profissões. Alguns jovens capinando, outros comendo um lanche e sorrindo, e também um recorte de jornal que continha o título “*Que va a passar com los*

jovenes”. As e os jovens foram convidados e convidadas a expressar o que as imagens no centro tinham a ver com a sua realidade, ou refletir sobre o que elas expressavam para cada um e cada uma. Os e as jovens discutiram por um longo tempo. Alguns pontos se destacaram nesta interação com as imagens, principalmente vinculadas ao racismo, uma vez que, em uma das imagens, apareciam dois jovens negros, assim como mulheres negras. Os e as jovens afirmaram que pessoas negras são marginalizadas em nosso país e que isso não acontece há pouco tempo, que muitas vezes as pessoas negras são vistas com os olhos do preconceito. Por exemplo, disse uma jovem, “muitas vezes quando encontro um jovem negro na rua, penso que talvez ele possa me assaltar ou fazer mal, e isso está presente nas famílias, na sociedade e até mesmo nos meios de comunicação. Que são os mecanismos que nos ensinam o que é certo e errado.”

Os e as jovens, apresentaram comentários relacionados às profissões das mulheres expressas nas imagens, visto que em duas imagens estavam retratadas mulheres engenheiras, evidenciaram que existem diferentes formas de ser mulher, em diversas culturas, e que isso expressava a diversidade. Também comentaram que o direito à escolha das mulheres deveria ser igual à dos homens, tanto no sentido profissional, quanto ao direito de ir e vir sem preocupações. Citaram, também, o jovem sorrindo e comendo um lanche; disseram saber da dificuldade que muitos jovens passam, que o que para algumas pessoas é banal e cotidiano, para outras é o essencial para a sobrevivência.

O grupo foi questionado sobre a existência de espaços femininos e masculinos, ou seja, espaços sociais de homens e mulheres, e foi quando responderam que sim, para a maioria do grupo, as mulheres têm menos liberdade que os homens, que o espaço dos homens é todo aquele que eles desejam ocupar, enquanto as mulheres, em muitos aspectos, ficam restritas a espaços privados, uma vez que muitas mulheres têm medo da violência e da hostilização, pelo fato de “agirem como homens”. Perguntei ao grupo o que é uma mulher que age como homem. Para eles e elas, é uma mulher que age e anda livremente, conforme sua vontade, sem importar-se com o que as pessoas vão falar, apontar ou criticar. Uma mulher que age como homem, para alguns, ainda, é uma mulher que prioriza sua carreira, que não precisa de um homem para lhe dizer o que é certo ou errado.

Este exercício inicial foi importante para reiterar para com o grupo alguns aspectos trabalhados em encontros anteriores, assim como para a atividade que

seguiu neste encontro. O intuito desta atividade foi de traçar perspectivas que auxiliassem na compreensão da construção social enquanto um elemento fundante das relações sociais, culturais e religiosas.

A forma como concebemos e entendemos a realidade é constituída diariamente através dos mais diversos cenários, sejam familiares, religiosos, etários etc., mas, no final das contas, somos pessoas moldadas pelo meio que nos circunda. Buscou-se expressar, para tanto, aspectos relacionados a diversidade cultural e social de homens e mulheres jovens. Esta perspectiva inicial foi pensada para dialogar com as demais atividades que seguiram neste encontro e, que de igual modo, serão expressas abaixo.

Após este momento de debate e interação, os jovens e as jovens foram convidados e convidadas para um momento de oração e agradecimento coletivo e desafiados e desafiadas a expressar, através de uma palavra, o que havia significado a participação no grupo durante o ano de 2018. Dentre as palavras citadas pelos e pelas jovens estavam “aprendizado”, “desconstrução”, “reflexão”, “expressão da fé”, “amizade”, “fé”, “amor”, “respeito” e “diversidade”.

Em seguida, os e as jovens foram convidados e convidadas a escrever, sem identificação, o que as discussões propostas no grupo durante o ano de 2018, de modo geral, tinham significado para cada um e cada uma. Neste sentido, destacam-se as seguintes perspectivas:

- *Aprendizados sobre a igreja, fé, amor, maturidade a importância de discutir sobre racismo, desigualdade e diferenças.*
- *Neste ano, o grupo de jovens significou momentos de reflexão e compartilhamento das nossas opiniões, sobre diversos assuntos, que são muito importantes e precisamos prestar atenção como desigualdade entre homens e mulheres, diversidade, diferenças, e também o papel da igreja diante disso.*
- *Eu gostei dos encontros da JE, pois discutimos vários assuntos interessantes, aprendemos ouvir e respeitar a opinião das outras pessoas.*
- *O grupo foi importante para mim, porque, exercitei o companheirismo e trabalho em equipe, aprendemos que todas as pessoas têm os mesmos direitos.*

- *Os encontros contribuíram bastante positivamente, temas que algumas pessoas podem considerar ‘batidos’ são riquíssimos e cheios de informações que podem ser debatidos. É interessante ver, por exemplo quando falamos do ‘papel da mulher’, como muitas pessoas ainda separam a sociedade em ‘funções’ e capazes/incapazes. Como isso pode ser desconstruído, como a exposição dos diferentes pontos de vista podem mudar nossa visão de mundo. Ainda, o fato de todas as conversas/dinâmicas serem conduzidas sob perspectiva de que: NÃO EXISTE CERTO E ERRADO, encoraja e liberta as pessoas a exercerem suas opiniões, até mesmo aquelas que poderiam ser consideradas ‘erradas’ pela ‘população em geral, pois todas as falas rendiam mais e mais discussões. Saia com a sensação de que poderíamos continuar as conversas por muito tempo. Termine o ano ainda mais certa da pluralidade da qual a humanidade é construída.*

Em seguida, o grupo foi convidado a partilhar de uma dinâmica, a qual tratava especificamente dos temas gênero e sexualidade e também violência de gênero. Para a execução da dinâmica, foi proposto ao grupo que assistissem o trailer do filme *Precisamos falar com os homens*.¹²³ O filme trata da questão do machismo e de como os homens são educados e constituídos culturalmente a partir de uma perspectiva diferente das mulheres, com mais liberdade, mas também dentro da estrutura machista que prejudica e aprisiona a todas as pessoas.

Após assistirem o curta, o grupo foi convidado a participar da dinâmica central, na qual os e as participantes deveriam dividir-se em dois grupos. Estes grupos teriam uma tarefa: imaginar que precisavam apresentar o que é ser homem e o que é ser mulher nos dias atuais, no Brasil. Para isso, os grupos elaboraram cartazes que deveriam apresentar para mim, enquanto pessoa que supostamente estaria chegando pela primeira vez no grupo e no Brasil, e não conhecia nada acerca da realidade social e cultural deles e delas.

O grupo que ficou responsável por descrever “o que é ser homem”, apresentou as seguintes considerações:

- *Estar lado a lado com as mulheres.*

¹²³ PRECISAMOS falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero (trailer). Youtube, 11 jul. 2017. Vídeo online (3min30s), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tl1c1a6Jdz4>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

- *Guardar/não expressar sentimentos.*
- *Culturalmente é quem traz o sustento para a família.*
- *Sente a necessidade de assumir responsabilidades.*
- *Se cobra em demasiado, o que acaba gerando stress.*
- *É a figura que protege a família.*
- *É agressivo.*
- *Ser homem, independe do sexo biológico. Se uma pessoa nasce mulher, mas sente que é um homem, então essa pessoa é um homem.*

O segundo grupo apresentou “o que significa ser mulher”. Para eles e elas, significa:

- *Culturalmente a mulher está ligada à fragilidade, à invisibilidade, à insegurança, ser diminuída, vista como objeto de desejo.*
- *Mas que as mulheres são mais maduras.*
- *Têm voz.*
- *São independentes.*
- *Têm escolha.*
- *Não são somente corpo.*

Estas considerações foram apresentadas e debatidas pelo grupo, que pareceu muito à vontade em expressar suas opiniões. Afirmaram que gostariam que outros grupos de JE tivessem a mesma interação e debates, que isso é muito importante também para a constituição da fé e da igreja.

É importante salientar que os e as jovens do grupo tiveram a liberdade de expressar suas considerações e perspectivas. Ao final desta atividade, seguiu-se para um debate acerca das considerações apresentadas. Dentre estas, destacam-se os pontos referentes a masculinidades tóxicas. A partir dos pontos expressos pelos e pelas jovens, foi perguntado ao grupo por que os homens não expressam sentimentos e eles e elas responderem que expressar sentimentos está ligado à fragilidade e que, para a sociedade, um homem frágil é visto como fraco ou mesmo gay.

“Por que gay?” Foi a pergunta que seguiu. Responderam que é “porque expressa sentimentos, chora, é delicado, frágil mesmo. Comporta-se como uma mulher.” Perguntei se isso é um problema e eles e elas responderam que não, mas que existe muito preconceito. Os homens aprendem que devem ser fortes,

másculos, dominadores, mas que estes aspectos não permitem expressar em realidade o que se sente causando, assim, muito sofrimento. Esta, segundo o grupo, é uma perspectiva que deve ser mudada imediatamente.

No que diz respeito às considerações acerca do que é ser mulher, ao refletir com o grupo, de igual modo, surgiram outras perspectivas tais como, “as mulheres são vistas como inferiores, sentimentais, com menos capacidades.” Perguntei, então: “Por que vocês acreditam que esta é a realidade?” “Porque todos os dias nos é dito isso, nós aprendemos desde cedo os trabalhos domésticos, a ter responsabilidades dentro de casa, de que precisamos nos cuidar, porque irão querer se aproveitar dos nossos corpos”, disse uma integrante do grupo. Outra integrante disse: “Temos que, desde cedo, aprender a ter responsabilidades e a fazer muitas coisas. Vemos nossas mães trabalharem em casa e fora, o que causa um amadurecimento mais rápido, mas isso não deveria ser assim, não é saudável. Muitas vezes, somos vistas somente como um corpo, que é objeto de desejo, isso é ensinado na internet, na televisão, nos filmes, somos julgadas pelas roupas que usamos, pela forma como agimos, ser mulher é muito mais complicado.”

Destas perspectivas acima elucidadas, destaca-se a reflexão do grupo tanto no que concerne às masculinidades, quanto as perspectivas vinculadas às mulheres. O grupo demonstrou bastante liberdade para expressar suas opiniões. Não houve, em nenhum momento, hostilidade ou expressão negativa frente a proposta da atividade. Pelo contrário, aparentavam estar animados e animadas com a discussão, houve participação de todos e todas que se encontravam reunidos e reunidas.

4 ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E CONTRIBUIÇÕES

O objetivo desse último capítulo é articular as várias questões que foram sendo trabalhadas ao longo dessa dissertação. Tendo como eixo articulador a questão da Educação, especificamente no campo cristão e em diálogo com a Educação Popular, retoma questões sobre gênero e sexualidade, bem como elementos levantados a partir do trabalho desenvolvido com o Grupo de JE. Essa articulação e o aprofundamento das temáticas permite apontar desafios e possibilidades para esse tipo de trabalho no âmbito específico da IECLB, mas também contribui para a reflexão e o trabalho mais amplo com jovens em contextos religiosos.

4.1 Educação, Gênero e Sexualidade: possibilidades e desafios

Este subponto tem como objetivo refletir sobre as perspectivas de gênero e sexualidade na interface com a educação, buscando identificar, para tanto, possibilidades e também desafios. Parte-se da compreensão de que a educação é promotora de novos diálogos e interações com campos distintos. Serão, neste sentido, referenciados, sobretudo, perspectivas vinculadas a gênero e sexualidade.

O sentido de educação assumido neste estudo é o da educação em seu caráter libertador, dialógico, entendendo de igual forma que a educação não é um fim em si, mas o ponto de partida para inúmeras discussões ao longo da vida. Segundo Danilo Streck:

Educação tem a ver com à medida que damos aos homens e as mulheres, tem a ver com os sonhos que alimentamos com relação à sociedade, por isso, a tentativa de compreender a educação sobrepõe os limites de uma área de conhecimento ou disciplina acadêmica. A reflexão sobre educação é pela própria natureza do objeto, uma atividade interdisciplinar.¹²⁴
(Tradução própria)

Seguindo a afirmação de Streck, educação aqui não somente é compreendida enquanto uma área do conhecimento, mas enquanto elemento inerente à vida. Esta perspectiva está presente na vivência de cada um e cada uma e é assimilada de maneiras diferentes, ou seja, com significações e ressignificações

¹²⁴ STRECK, Danilo R. **Corrientes pedagógicas**: aproximaciones entre pedagogia y teologia. San José, Costa Rica: Celadec, 1994, p. 11.

distintas, onde o ato de aprender e ensinar apresentam-se enquanto dialética de vida. Segundo Streck, evidencia-se, de igual modo, a seguinte prerrogativa:

Sabemos que a interdisciplinaridade representa um enorme desafio dentro de uma realidade que tende a dividir a experiência humana entre especialistas, cada um tratando de convencer a si mesmo e aos demais de que está vendo toda a realidade e o lado mais importante da mesma. A consequência mais evidente é uma hierarquização das diferentes áreas do conhecimento. O lugar que já foi ocupado pela teologia, pela filosofia e hoje tende a ser ocupado pelas ciências que dão suporte aos avanços econômicos. É daí que se espera a salvação dos maiores problemas que afligem a humanidade ou novas possibilidades de como viver a vida.¹²⁵
(Tradução própria)

Estes pontos referenciados acima, os quais partem da reflexão dispendida por Danilo Streck no livro “Correntes pedagógicas”, apesar de transcorridos mais de vinte anos desde sua escrita, ainda assume um caráter atual no que diz respeito à educação. Assim como no entendimento da hierarquização das relações humanas, sejam elas no campo da construção de conhecimento, mas também na relação direta com a assimilação da realidade. O ato primordial da educação parte, então, da prerrogativa de significar e ressignificar aprendizagens e ensinamentos, os quais perpassam, como dito acima, toda a existência humana.

Segundo Paulo Freire, pode-se compreender que:

Não é a cultura discriminada a que gera a ideologia discriminatória, mas a cultura hegemônica que o faz. A cultura discriminada gesta a ideologia de resistência que, em função de sua experiência de luta, ora explica formas de comportamento mais ou menos pacíficos, ora rebeldes, mais ou menos indiscriminadamente violentos, ora criticamente voltados à recriação do mundo. Um ponto importante a ser sublinhado: na medida em que as relações entre estas ideologias são dialéticas, elas se interpenetram. Não se dão em estado puro e podem mudar de pessoa a pessoa. Por exemplo, posso ser homem, como sou, e nem por isso ser machista. Posso ser negro, mas, em defesa de meus interesses econômicos, contemporizar com a discriminação branca.¹²⁶

São muitos os recortes que se apresentam quando se busca referenciar a perspectiva educacional. Conforme evidenciado a partir de Streck, torna-se quase impossível esgotar um tema em si, principalmente o tema da educação, que apresenta variáveis que o tornam complexo e infinitamente vasto. Desta forma, a partir do exposto, buscar-se-á, ainda neste ponto, evidenciar alguns aspectos acerca da educação, partindo especificamente dos desafios e possibilidades que se apresentam a partir da adolescência/juventude, uma vez que este estudo traz

¹²⁵ STRECK, 1994, p. 11.

¹²⁶ FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 18.

consigo o desafio de propor aspectos educacionais para com a juventude, não a partir de uma educação formal¹²⁷, mas compreendendo que todos os espaços de convivência e diálogo são, por si só, espaços de construção da educação.

Para Freire, a partir da sua obra “Pedagogia da Autonomia”, no que diz respeito ao compreender-se no mundo socialmente construído, pode-se entender que,

Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a História é o tempo de possibilidades e não de determinismo.¹²⁸

A prerrogativa de compreender-se como sujeito dotado e dotada de capacidades, de discernimentos, capaz de compreender o que acontece no entorno, é uma premissa fundamental para a educação. Os seres humanos têm em si a capacidade da racionalização, através da qual pode-se ler até mesmo o abstrato, o intangível, aquilo que não necessariamente se vê, mas que se sabe existir. A cultura, a sociedade, através de diversos mecanismos de atuação, tais como, religião, educação, socialização, permitem que, mesmo quando não se está buscando aprender algo, se aprenda. Neste sentido de aprendizagem a partir de um conceito de educação não formal, parte-se do pressuposto das diversas formas de se aprender e produzir significações de conhecimento.

O que se está buscando ponderar neste ponto é que as desigualdades estão presentes de muitas formas e mantidas por muitos setores da sociedade, como por exemplo, a escola. Não obstante, de igual modo, o que se quer apontar aqui são

¹²⁷ Toma-se aqui a diferença entre educação formal e não formal a partir da seguinte consideração: A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem. GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. In. Institut International des Droits de l’Enfant (IDE). **Droit à l’éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?** Sion (Suisse): 18-22 out. 2005, p. 02. Disponível em: <http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

¹²⁸ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 21.

espaços que possam auxiliar na desconstrução de paradigmas discriminatórios. Assim, entende-se aqui que os grupos de JE, no que concerne à discussão e construção de conhecimento, podem ser estes espaços de reestruturação das diferenças, as quais assimiladas a partir da realidade, para então, transformá-la.

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela civilização ocidental moderna começou a separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para ricos e para pobres, e ela imediatamente separou meninos de meninas. Concebida inicialmente para escolher alguns – mas não todos – ela foi lentamente sendo requisitada por aqueles/as aos/as quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organizações, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam explicita ou implicitamente, ‘garantir’ – e também produzir – as diferenças entre os sujeitos.¹²⁹

A escola, vista sob esta perspectiva que estabelece diferenças estruturadas, que ensina a conviver com a perspectiva da diferença, é fundamental para compreender como e de que maneira faz parte da construção de identidades enquanto diversas. Também auxilia na compreensão de como a realidade pode, em muitos casos, ser assimilada através da escola, enquanto instituição promotora da educação. Referencia-se esta perspectiva aqui, uma vez que está a se compreender a relação entre gênero, sexualidade e educação, para que, através destes, possa-se, de igual modo, compreender a prática para com a juventude, mais especificamente com a JE. Neste sentido, no que tange à perspectiva da educação e sua relação com a sexualidade, pode-se compreender que:

Nossa sexualidade nos dá o dom da curiosidade, o desejo de aprender [...] A questão da sexualidade é central à questão de se tornar um cidadão, uma cidadã, de criar um eu capaz de defender-se de sentir de forma apaixonada a situação dos outros, de criar uma vida a partir das experiências de aprender a amar e, o amor, por aprender. Esse direito a construir a sexualidade é, assim, composto de movimentos minúsculos cotidianos: O direito a construir o eu, o direito ao prazer, o direito à informação adequadas, o direito a fazer perguntas, o direito a ler, o direito de juntar-se ao social, o direito à curiosidade, o direito de amar.¹³⁰

¹²⁹ LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 57.

¹³⁰ BRITZMAN, Deborah. Sexualidade e cidadania democrática. In: SILVA, Luis Heron da (Org.). **Escola cidadã no contexto de globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 156.

Este entendimento de que a sexualidade impulsiona outros desejos, como o de aprender, de sentir o contexto social que emerge das relações consigo e com o outro e a outra, são importantes para compreender a educação enquanto fenômeno mais amplo, o qual ressignifica as relações e que, de igual modo, está imbricado em outras. Segundo Guacira Louro:

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais.¹³¹

Conforme elucidado através da citação de Louro, pode-se compreender o caráter educacional não formal que toma-se aqui. Essa foi a perspectiva assumida na intervenção com um grupo de jovens, de confessionalidade luterana, os quais reúnem-se ao menos duas vezes ao mês para discutir e refletir diversos temas, a partir da perspectiva da ótica da juventude. Neste grupo, assim como em todos os contextos sociais, os sujeitos reafirmam identidades, mas também criam outras perspectivas identitárias, práticas estas que se dão a partir do convívio com o outro e a outra e, também, com o grupo como um todo.

Da mesma forma, a perspectiva educacional adentra neste grupo a partir dos temas discutidos e de seu caráter dialógico, o qual não se apresenta apenas através do processo de aprendizagem bancário, onde uma pessoa detém o conhecimento e repassa para as demais. Pelo contrário, o conhecimento no grupo é construído coletivamente, assim como as percepções acerca das identidades. É neste sentido também que coletiva e individualmente são construídas e assimiladas muitas perspectivas acerca das identidades sexuais e de gênero, através da

¹³¹ LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 06.

confrontação com outras expressões e formas de apresentar-se, através do corpo e suas expressões e, sobretudo, através da linguagem, no sentido mais amplo.

A partir do exposto, pode-se, de igual modo, conceber que,

Na verdade, em muitos trabalhos recentes sobre culturas sexuais e sobre a construção social de relações sexuais, até mesmo as noções de gênero e de identidade de gênero têm sido, cada vez mais, questionadas; O que significa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente, e a identidade de gênero não é claramente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente. Todos os machos e fêmeas biológicos devem ser submetidos a um processo de socialização sexual no qual noções culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade são modeladas ao longo da vida. É através desse processo de socialização sexual que os indivíduos aprendem os desejos, sentimentos, papéis e práticas sexuais típicos de seus grupos de idade ou de status dentro da sociedade, bem como as alternativas sexuais que suas culturas lhes possibilitam. Como resultado, a pesquisa social sobre sexualidade tem-se focalizado, cada vez mais, nos diversos processos de socialização sexual e na experiência sexual de jovens, não apenas em si e por si mesmos, mas também como uma abertura importante para a dinâmica da vida sexual — para os modos através dos quais os significados sexuais intersubjetivos são internalizados e reproduzidos na interação social e sexual.¹³²

Tomando como base o exposto, mas também a perspectiva de que o entorno social, ou seja, a cultura, a sociedade, a religião, através dos seus diversos grupos, de maneira subjetiva ou mesmo direta, ensina, em uma dialética ensinar x aprender, também se dá na relação entre gênero e sexualidade, ou seja, aprende-se comportamentos, formas de ser, agir, em determinados locais na sociedade e na cultura. Na especificidade do grupo citado, a partir do qual se trabalhará mais enfaticamente nos próximos pontos, não é diferente. O grupo de JE tem como característica uma perspectiva formativa importante para a IECLB, uma vez que reúne adolescentes/jovens de diversas idades para dialogar e construir uma identidade de fé a partir das suas experiências. Neste sentido, o que se buscará asseverar nos pontos que seguem é como estes grupos podem também refletir as perspectivas da fé de maneira dialógica com as categorias de gênero e sexualidade. Dessa forma, reitera-se ainda que,

Se o gênero é uma construção, deve haver um 'eu' ou um 'nós' que executa ou desempenha essa construção? Como pode haver uma atividade no ato de construir sem que pressuponhamos um agente que precede e desempenha esta atividade? Como poderíamos explicar a motivação e a direção da construção sem esse sujeito? Além disso, eu sugeriria que é

¹³² PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 132.

preciso uma certa desconfiança relativamente à gramática para conceber o tema sob uma luz diferente. Pois se o gênero é construído, ele não é necessariamente construído por um 'eu' ou uns 'nós' que se coloca antes daquela construção em qualquer sentido espacial ou temporal de 'antes'. De fato, não fica claro que possa haver um 'eu' ou uns 'nós' que não tenha sido submetido, que não tenha sido sujeitado ao gênero, onde a generificação é construída, entre outras coisas, pelas relações diferenciadoras pelas quais os sujeitos falantes se transformam em ser. Submetido ao gênero, mas subjetivado pelo gênero, o 'eu' não precede nem segue o processo dessa generificação, mas emerge apenas no interior das próprias relações de gênero e como a matriz dessas relações.¹³³

É, portanto, através da premissa elucidada que se está buscando referenciar este estudo, procurando compreender como e de que forma os processos educacionais ditos não formais podem ser promotores de construção de sujeitos que venham a compreender a educação através do outro e da outra, em um grupo, e também que, os grupos de JE, através da confessionalidade luterana, podem e devem dialogar sobre perspectivas de gênero, não somente para entender o outro e a outra, mas também para compreender e significar a própria existência.

No ponto que segue, para tanto, serão abordadas perspectivas relacionadas a questões metodológicas, vinculadas, sobretudo, ao trabalho com jovens em interface com a Educação Cristã e a Educação Popular, as quais são compreendidas neste estudo enquanto eixos metodológicos de atuação e construção.

4.2 Educação Cristã e Educação Popular: relações metodológicas possíveis para o trabalho com jovens

Neste ponto serão traçadas perspectivas metodológicas a partir dos conceitos de Educação Cristã (EC) e de Educação Popular (EP), entendidas como perspectivas fundamentais para o trabalho com jovens na IECLB. Conforme foi elucidado no decorrer deste estudo, o mesmo tem como finalidade elaborar uma proposta a partir da construção de conhecimento com um grupo de JE sobre gênero e sexualidade.

Neste sentido, de maneira inicial, pode-se conceber a EP a partir da seguinte perspectiva:

¹³³ BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 157.

Ora, pensar sobre a *educação popular* obriga a uma revisão do sentido da própria educação. Veremos adiante por quê. Adiantemos, no entanto, uma razão. Pelo menos entre aqueles que a pensam de modo mais motivado, a educação popular parece não só existir fora da escola e à margem, portanto de uma 'educação escolar', de um 'sistema de educação', ou mesmo 'da educação', como também parece resistir a tudo isso. Por que não aproveitarmos, leitor, o fato de que a educação popular não parece ser um modelo único e paralelo de prática pedagógica, mas um domínio de ideias e práticas regido pela *diferença*, para explorar o próprio sentido da educação, através de percorrer os diferentes modos de seu ser como *educação popular*?¹³⁴

A EP caracteriza-se enquanto uma perspectiva distinta na prática educacional formal, que busca uma formação cuja finalidade é o aprendizado de conteúdos estabelecidos e programados. Neste sentido, a EP destoa dos outros sentidos e aplicabilidades da educação uma vez que, para que haja uma prática da EP, os sujeitos envolvidos devem, em primeiro lugar, ser agentes de seu próprio ato educacional. Segundo Oscar Jara:

A crítica do sistema de educação tradicional e às concepções desenvolvimentistas da educação de adultos, foi abrindo caminho à uma concepção educativa crítica e libertadora, como uma arma, nas mãos das classes populares, orientada para a transformação da realidade.¹³⁵

A EP já denuncia sua intencionalidade na própria enunciação do nome. Neste sentido, uma educação que se apresenta enquanto popular deve, em seu cerne, estar disposta a dialogar com o sentido popular na prática. Isto é, dialogar não pressupondo necessariamente a transmissão de conhecimento, mas a transformação dos sujeitos envolvidos através da produção de seu próprio conhecimento.

A EP baseia-se em três pontos fundamentais, elucidados por Carlos Brandão. Segundo o autor:

Três tendências sucessivas podem ser reconhecidas: 1) a educação popular é, em si mesma, um movimento de trabalho pedagógico que se dirige ao povo como um instrumento de conscientização etc.; 2) a educação popular realiza-se como um trabalho pedagógico de convergência entre educadores e movimentos populares, detendo estes últimos a razão da prática e, os primeiros, uma prática de serviço, sem sentido em si mesma; 3) a educação popular é aquela que o próprio povo realiza, quando pensa o seu trabalho político — em qualquer nível ou modo em que ele seja realizado, de um grupo de mulheres a uma frente armada de luta — e constrói o seu próprio conhecimento. Neste último caso, a educação popular realiza-se independentemente da presença do educador erudito. Ele pode

¹³⁴ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 15-16.

¹³⁵ JARA, Oscar. **Concepção dialética da educação popular**. São Paulo: CEPIS, 1985, p. 04-05.

participar portando, com o seu conhecimento, informações e interpretações que, a partir dos seus problemas colocados pelas e nas situações de trabalho popular, explicitam e fortalecem o saber popular.¹³⁶

Para tanto, é necessário referenciar a EP em seu método e em sua intencionalidade na prática para que seja, de fato, transformadora e libertadora. Neste sentido:

Não obstante, não basta entrar na realidade ('aprender a aprender'), analisa-la ('aprender a analisar'), interpretá-la ('aprender a interpretar'). Nos processos de Educação Popular é sumariamente necessário saber comunicar ('aprender a comunicar') [...] Deve culminar em uma ação transformadora da realidade por parte daqueles que participam em seus processos, tanto os chamados 'educadores' como os 'educandos'. Isto é, a Educação Popular deve conduzir-nos a um aprender a transformar.¹³⁷

Este aprender a comunicar como premissa para a transformação que ocorre através do processo educacional da EP é fundamental para que haja uma real transformação. Neste estudo, a EP é tomada como base metodológica para a construção e transformação da realidade de um grupo de JE. Reitera-se que esta transformação não necessariamente se dá pelo viés econômico, mas sim pela leitura e percepção da realidade na qual se está mergulhado, considerando as perspectivas de gênero e sexualidade.

Para tanto, considera-se, ainda, a seguinte perspectiva:

A educação popular como uma concepção geral da educação, via de regra, se opôs à educação de adultos impulsionada pelo Estado, e tem ocupado os espaços que a educação de adultos oficial não levou muito a sério. Um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia, baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana, problematizando-o, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a também, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário.¹³⁸

No trabalho realizado com o grupo de JE, a partir do qual este estudo está fundado, buscou-se a transformação de paradigmas sociais e culturais solidificados por uma hegemonia heterossexista. Para tanto, a reflexão e a construção coletiva de novos paradigmas sociais e culturais no que diz respeito às categorias de gênero e sexualidade e sua relação com a confessionalidade luterana estiveram presentes

¹³⁶ BRANDÃO, 2006, p. 95.

¹³⁷ PREISWERK, Mathias. **Educação Popular e teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 20.

¹³⁸ MIJÍA JIMÉNEZ, Marco Raúl. **Educação popular: pedagogia e dialética**. Ijuí: UNIJUÍ, 1989, p. 12-13.

durante o trabalho realizado. Neste sentido, os e as jovens constroem as relações e entendimentos acerca de gênero e sexualidade a partir de sua própria realidade, num primeiro momento compreendendo-a, para que, então, possa ser transformada.

Cabe ressaltar, de igual modo, que a EP está relacionada com os paradigmas dos Direitos Humanos. Neste sentido, pode-se considerar que,

A educação Popular, em essência, é a Educação em Direitos Humanos e vice e versa, isso porque o trabalho popular, numa perspectiva crítica da realidade, busca fortalecer a organização e o empoderamento das pessoas a fim de que os sujeitos de direito façam a luta pela garantia dos mesmos.¹³⁹

Ainda neste sentido, buscando relacionar a prática da EP com o trabalho com JE na IECLB, pode-se tomar em conta outras perspectivas, outras formas de compreender a realidade, assim como a tomada de consciência para buscar e reivindicar direitos. A EP é, portanto, uma educação emancipatória, a qual possibilita tomar para si a realidade e buscar transformá-la. Desta forma, pode-se compreender este ponto refletido a partir da seguinte consideração,

A educação se torna instrumento de dominação quando se preocupa apenas em passar informações desconectadas da realidade, preocupada apenas em formar para o mercado capitalista. Com isso se ocupa de mostrar o conhecimento a partir de uma só ótica: a dos dominadores. Já a educação libertadora é aquela que desperta o senso crítico. Um conhecimento que leva em conta à realidade e permite que as outras histórias que não a oficial, sejam conhecidas, como as histórias dos negros, índios, mulheres e tantas outras. Dentro deste conceito de educação libertadora está a educação popular. Esse modelo, assumido pelos movimentos sociais, sob a luz de Paulo Freire, tem revolucionado o ensino-aprendizagem, pois parte da experiência cotidiana das pessoas, ajudando-as a fazer uma releitura da realidade, com todas as suas ideologias e opressões.¹⁴⁰

Conforme elucidado no decorrer deste estudo, a educação perpassa todas as esferas sociais, estando presente em todas as vivências e experiências humanas. No contexto da religião e das igrejas não é diferente, sendo estes mecanismos sociais e culturais que se expressam através da fé, da crença e de dogmas, partindo de uma determinada ótica, de uma leitura do contexto e da cultura, que seja condizente com a realidade da qual se está partindo. Os espaços religiosos vêm historicamente se tornando lugares de direcionamento e formação de opinião, uma vez que ocupam um contexto de suma importância quando pensados no cotidiano

¹³⁹ BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. Centro de Assessoria Multiprofissional. **Caderno de educação popular e direitos humanos**. Porto Alegre: CAMP, 2013, p. 33.

¹⁴⁰ RANGEL, Alexandre. **Educação popular e relações de poder**. Brasília: Vida e Juventude; CEBI Planalto Central; CEA; IBRADES, 2004, p. 42.

do povo brasileiro. No contexto específico da IECLB não é diferente. O cotidiano das comunidades luteranas propicia o diálogo, expande horizontes, seus grupos fortalecem vínculos e permitem encontros geracionais. Segundo Christoph Schneider-Harprecht:

A educação acompanha a evolução dos povos e o desenvolvimento de cada indivíduo. É através dela que a cultura recebe seus contornos e subjetividades são constituídas através de múltiplas interações. Educar, portanto, não é prerrogativa de cristãos ou de qualquer grupo humano, mas faz parte do processo de recriação da vida. O fato das comunidades cristãs, assim como grupos que professam outra fé (religiosa ou não religiosa), se envolverem na educação é um sinal de que nela está em jogo, não apenas um conjunto de informações, mas a própria maneira de conceber e viver a vida [...] Justifica-se assim, usar o qualificativo *cristã* quando desejamos caracterizar explicitamente uma das perspectivas a partir da qual se olha a educação.¹⁴¹

É dizer que, assim como na escola, nas comunidades, nos sindicatos, nas igrejas, faz-se presente uma concepção de educação que, principalmente no âmbito da IECLB e de igrejas de outras confessionalidades, denomina-se de Educação Cristã.

Comparada com a educação em geral, a educação cristã é uma forma particular de educar. Ela pode ser simplesmente definida como a instrução formal feita sob a perspectiva do cristianismo, buscando o 'desenvolvimento da pessoa e de seus dons naturais à luz da perspectiva cristã da vida, da realidade e do mundo'.¹⁴²

Nesse sentido, o caráter cristão da educação pode ser relacionado, também, com seu caráter libertador. É evidente que o conceito de libertação pode assumir muitos rostos e formas. Parte-se, aqui, do conceito de libertação de opressões, violências, desigualdades, que a Teologia Latino-Americana e Luterana vem tratando de discutir e desenvolver em práticas que libertem. Neste sentido, buscando referenciar estes entendimentos educacionais a partir da conjuntura luterano-cristã, pode-se afirmar que,

Tanto a Educação Cristã como a Educação Popular apontam à realidade como uma estrutura opressora, vista a partir do lugar dos pobres. Também convergem no que diz respeito aos objetivos: Transformar a realidade para que seja mais humana, promover a consciência crítica é fazer com que os próprios sujeitos, ou seja, o povo, seja agente de sua libertação. Do ponto

¹⁴¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3. ed. revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2011, p. 214.

¹⁴² MATOS, Alderi Souza de. Breve história da educação cristã: dos primórdios ao século 20. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2008, p. 157.

de vista metodológico, ambas se constituem como ferramentas de análise social. Ambas partem de realidades concretas e possuem um caráter investigativo ao buscar alternativas para a libertação.¹⁴³

No que diz respeito às formas e métodos da Educação Cristã, evidenciam-se alguns aspectos que são mais facilmente associados a este termo tais como a catequese, o ensino confirmatório, a escola dominical¹⁴⁴. No entanto, compreende-se que a Educação Cristã permeia todas as esferas eclesiais, principalmente se referenciada a partir e com a EP. Estes espaços referenciados são de suma importância para o estabelecimento e prática de uma Educação Cristã libertadora.

A educação Popular coloca um desafio ideológico e político à Educação Cristã. Primeiramente ela impele os educadores cristãos a refletir sobre a relação de suas práticas educativas e a sociedade na qual são desempenhadas, pois na medida em que os educadores participam de uma tarefa educativa, recebem influência da sociedade, sobretudo, da ideologia dominante. Sendo assim, mesmo que de modo imperceptível, corre-se o risco de reproduzir uma ideologia.¹⁴⁵

Entende-se que um dos grandes trabalhos desenvolvidos pela IECLB é com a juventude. Os grupos de jovens nas comunidades luteranas são espaços de reflexão, expressão de fé, bem como de diálogo de “maneira jovem” sobre temas diversos, vinculados à IECLB ou mesmo temas cotidianos, eventos sociais e culturais, políticos, prerrogativas vinculadas ao ser jovem na atual conjuntura, suas complexidades e dúvidas, inseguranças e construções. É neste viés que a EC e a EP propõem construir diálogos com as e os jovens, através de temas geradores que estejam em consonância com as prerrogativas da juventude.

Existem muitas premissas para uma Educação Cristã. São muitos os entendimentos do aspecto cristão para o estabelecimento e a prática da educação. No contexto da IECLB, pode ser compreendida da seguinte maneira:

A Política Educacional na IECLB se faz com base em cinco fundamentos bíblicos: a obediência do mandamento do amor, a prática da esperança e da reconciliação, a tarefa de educar para a liberdade, o diálogo e o respeito como expressão de unidade e o testemunho de fé e amorosidade. A obediência do mandamento do amor pode ser entendida a partir de três indicativos presentes em Mt 22.17,29: ‘Amarás o Senhor, teu Deus, de todo

¹⁴³ GUCKERT, Michele; WACHS, Manfredo Carlos. **Teologia da libertação como mediação entre a educação cristã e a educação popular**: em busca de uma educação cristã popular. São Leopoldo, RS, 2008. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008, p. 37.

¹⁴⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT; ZWETSCH, 2011, p. 218.

¹⁴⁵ GUCKERT, 2008, p. 39.

o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento... Amarás o teu próximo como a ti mesmo'.¹⁴⁶

A Educação Cristã, no contexto da Teologia, se dá através da prática. Pode ser, assim, associada de maneira implícita na Teologia Prática enquanto ciência teológica, a qual é vista desde o prisma das práticas educacionais das igrejas e da teologia. Neste estudo, foram abordadas diversas perspectivas da prática teológica, desde uma ótica epistemológica da libertação e através do entendimento da EP. Cabe, portanto, buscar o entendimento desta numa perspectiva dialógica para com o entendimento de que as igrejas, de modo geral, e também a religiosidade, são instrumentos educacionais.

Como elucidado acima, a Educação Cristã pode e assume muitas formas, muitos vieses de atuação, seja através das práticas continuadas, contidas nas doutrinas das igrejas, a exemplo da IECLB. Não obstante, é papel da Igreja como um todo tratar de dialogar perspectivas que libertem, que promovam igualdade, para além das estruturas físicas e mesmo de crença. Cabe às igrejas ser voz profética nas práticas, promovendo Educação Cristã sem, necessariamente, levantar a bandeira institucional, mas, promovendo a dignidade e a busca por igualdade através de práticas libertadoras.

Assim sendo, é necessário apropriar-se do diálogo, o qual deve perpassar todos os âmbitos e estruturas. Isso inclui os grupos de jovens, uma vez que são espaços muito diversos e ricos, com imensidão de curiosidade que permeia esta etapa da vida, as dúvidas, a formação de opinião, propiciando o aprender em conjunto, incentivando o olhar pra fora, para o outro e a outra, para a diferença e injustiça a partir de uma perspectiva religiosa, de uma expressão de fé. No coletivo deve-se refletir sobre justiça de gênero, sobre diversidade em todos os aspectos de forma a dialogar com o novo, com as gerações recentes, fazendo o recorte histórico/cultural, o acesso a inovações, tecnologias e mecanismos para a dialogicidade.

O entendimento de que o todo é educacional e que faz parte do cotidiano, está nas subjetividades, a educação é popular por natureza e também cristã (não por natureza, mas pela fé). Pelo compromisso que é estabelecido em reconhecer

¹⁴⁶ BOBSIN, Oneide; SCHAPER, Valério Guilherme; REBLIN, Iuri Andréas. **Cartografias do sagrado e do profano: religião, espaço e fronteira**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2014, p. 207.

que a educação está em todas as ações, mas ganha roupagens, nuances próprias de cada contexto, como no caso de uma Educação Cristã.

4.3 O trabalho sobre Gênero e Sexualidade em Grupos de JE na IECLB

O trabalho com grupo de JE, contexto no e para o qual esta pesquisa foi pensada e a partir do qual se está buscando referenciar e evidenciar neste estudo, é entendido enquanto perspectiva importante para a compreensão da EC. Os grupos de JE na IECLB são espaços de encontro, diálogo, fortalecimento de vínculos e de fé, mas também, e sobretudo, espaços de ensino/aprendizagem, de construção de pressupostos cristãos na elaboração de uma EC.

Uma das propostas da pesquisa, conforme apresentado no capítulo anterior, é a busca por elementos que possam estabelecer diálogo entre os grupos de JE e as categorias de gênero e sexualidade. Com este propósito, buscar-se-á compreender de que maneira o trabalho com os e as jovens, na IECLB, a partir dos temas geradores, gênero e sexualidade, pode contribuir para a abertura de outros diálogos e possibilidades de construção e discussão de temas transversais nos grupos.

Partindo do que foi apresentado nos itens 3.3 e 3.6, sobre os processos de observação e intervenção com grupo de JE, serão apresentadas aqui algumas análises a partir desta experiência, buscando traçar perspectivas avaliativas sobre este processo.

Desde o primeiro momento de interação com o grupo, buscou-se estabelecer uma relação de diálogo. Conforme apresentado no ponto 3.3, buscou-se, primeiramente, interagir com os e as participantes, observar a interação do grupo de JE, entre si e uns com os outros e umas com as outras. Buscou-se observar, também, os temas discutidos e se os mesmos apresentavam recortes de gênero e sexualidade. Por último, buscou-se, através da observação, compreender a linguagem pastoral utilizada para condução dos encontros, com intuito de perceber a existência de uma linguagem que expressasse igualdade de gênero, bem como, se a mesma atentava à diversidade.

Neste sentido, cabe ressaltar que a Ministra responsável pela comunidade onde o grupo está inserido e que coordena boa parte da interação teológica do mesmo, desde conversas preliminares acerca do desenvolvimento da pesquisa,

mostrou-se interessada na intencionalidade do estudo, de propor para o grupo discussões e construções acerca dos temas gênero e sexualidade.

De igual modo, durante o período observado, conforme pode ser constatado a partir de análise preliminar da observação no ponto 3.5, o grupo possui elementos que auxiliam na construção de diálogos e proposições. Apesar de existir uma liderança pastoral e da juventude, o grupo, através de seus e suas integrantes, interage de maneira bastante participativa. Os e as jovens propõem atividades, auxiliam na elaboração de tarefas e celebrações, expressam concordância ou discordância.

Quanto à presença de uma linguagem voltada para as questões de gênero e sexualidade, ou inclusão das mesmas, cabe salientar que temas ligados diretamente a estas perspectivas não aparecem nos temas propostos durante o período de observação. No entanto, percebe-se a existência de uma linguagem inclusiva de gênero, principalmente quando se buscava referenciar a igualdade de gênero, ou temas vinculados à luta das mulheres por igualdade. Como foi observado, por exemplo, no encontro relatado no ponto 3.3, por conta do Dia Mundial de Oração, adentrou-se a questão de gênero em relação ao Suriname e sobre a presença de mulheres na política no referido país. Surgiram questionamentos de participantes do grupo acerca desta questão no Brasil e a Ministra dialogou e apresentou fatos como, por exemplo, referentes ao movimento sufragista no Brasil, sua incidência na luta pelo direito ao voto feminino e a sistemática entrada de mulheres na política e também na Igreja, assim como a importância de se lembrar e discutir estes temas, sempre e quando possível.

Outro elemento que se julga importante durante o período de observação são as conversas que ocorreram de maneira informal, nos momentos de brincadeiras e nas refeições conjuntas que aconteciam no final dos encontros. Durante as brincadeiras e momentos de descontração foi possível observar que os integrantes, principalmente os meninos, utilizavam expressões como, “viado”, “bicha”, e em um momento específico um deles disse “você joga como uma menina”, ao se referir a um passe errado que outro participante fez com a bola. Estes elementos, conforme percebe-se através de considerações já elucidadas neste estudo, fazem referência à construção de papéis sociais sobre o que significa ser homem ou mulher, os quais estão de tal forma enraizados em nossa cultura que são

reproduzidos em todas as esferas sociais e etárias. Neste sentido, Louro auxilia na compreensão deste paradigma quando elucida que:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental.¹⁴⁷

Esta nova linguagem acerca dos temas vinculados a gênero e sexualidade é o ponto que se busca evidenciar neste estudo. Salienta-se que no momento em que estas expressões foram usadas por parte de integrantes do grupo de JE, não foi tecido nenhum comentário. Não obstante, registrou-se os mesmos no diário de campo para que pudesse compor esta pesquisa, como um elemento acerca dos temas gênero e sexualidade. A questão que se está buscando ressaltar a partir desta consideração é o fato de que discursos socialmente construídos acerca de gênero e sexualidade estão presentes em todos os ambientes, inclusive nas comunidades de fé. Estes comentários, por mais que sejam inconscientes e não refletidos pelas pessoas que os proferem, denotam a importância de se discutir estes temas, sendo um dos papéis das comunidades de fé e seus respectivos grupos auxiliar na construção de um contexto igualitário e onde os discursos não diminuam ou referenciem negativamente uma pessoa em comparação à outra.

A partir do expressado até este momento no que tange ao processo de observação, destaca-se a importância do mesmo, uma vez que foi através deste que ocorreram as interações e fortalecimento de vínculos para com o grupo pesquisado. Sendo assim, é possível destacar que:

A observação é um dos métodos mais importantes da coleta de dados. Ela implica em estar presente em situações e registrar as impressões causadas pelo que acontece. O principal instrumento de pesquisa é o eu que acolhe conscientemente os dados mediante a visão, o ouvido, o gosto, o cheiro e o toque. Valendo-se de diversos meios de armazenamento, o observador guarda estas impressões para examiná-las minuciosamente e analisa-las depois do acontecimento. Um dos problemas óbvios é a suma complexidade do comportamento humano, que individualmente ou em

¹⁴⁷ LOURO, 2003, p. 21.

grupos, bem como a impossibilidade de o pesquisador registrar todas as suas impressões de forma completa.¹⁴⁸

Este ponto reitera a importância da observação no desenvolvimento do presente estudo. Do mesmo modo, ressalta o papel ocupado pelo pesquisador ou pela pesquisadora quando se propõe a adentrar e compreender as nuances e especificidades de um determinado grupo. A partir disso, apresentam-se mecanismos associativos que venham a auxiliar no entendimento das situações ocorridas, para que, posteriormente, possam ser analisadas e avaliadas.

Destaca-se, ainda, do período de observação para com o grupo de JE, no que se refere aos temas gênero e sexualidade, a participação em conjunto com o grupo no Congrenaje, conforme explicitado no ponto 3.3. Destaca-se aqui novamente este ponto, pois a participação no congresso com o grupo auxiliou de maneira contundente para que se estabelecesse um vínculo de confiança, bem como apresentou elementos interessantes no que diz respeito à interação dos e das integrantes do grupo com diversos temas pensados para a JE, a partir da IECLB, principalmente com as perspectivas de gênero.

Os temas presentes durante o Congrenaje 2018 permitiram o estabelecimento de um diálogo com o grupo de JE que compôs esta pesquisa. A presença de uma discussão voltada para a igualdade e justiça de gênero, através de grupos de trabalho, painéis, exposições e apresentações, foram avaliadas pelo grupo enquanto positivas para a elaboração de um pensamento crítico da JE e também auxiliaram na compreensão do grupo acerca dos temas propostos durante o período de intervenção para com o mesmo. Destaca-se, também, que a partir do Congrenaje foi possível estabelecer um vínculo de proximidade e diálogo mais profundo com o grupo, o qual se deu através da convivência intensa durante os dias do congresso, o que possibilitou trocar ideias, refletir sobre questões voltadas a gênero e sexualidade e dialogar com a realidade dos e das jovens.

No que concerne ao processo de intervenção para com o grupo de JE, o processo de diálogo e interação com o grupo foi importante para a caracterização de um vínculo e para que houvesse interação entre os e as jovens do grupo com o pesquisador e para que fossem observadas perspectivas que auxiliassem na

¹⁴⁸ SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy. **Teoria e métodos de pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 183-184.

interação do grupo com os temas centrais deste estudo, ou seja, gênero e sexualidade.

Foram relatados, para compor este estudo, um total de três encontros de intervenção para com grupo de JE, os quais tiveram como teor metodológico perspectivas vinculadas à EP e à EC. Para que pudessem ser realizados estes encontros de intervenção, foram levados em consideração aspectos pertinentes à estrutura do grupo, ou seja, a forma como aconteciam os encontros, a dinâmica litúrgica, respeitando o formato apresentado durante o período de observação.

A partir da atividade intitulada “caixa da verdade”, conforme relatado no ponto 3.6, os e as jovens participantes do grupo depositaram na caixa perspectivas que eles e elas acreditavam ser importantes no e para o grupo quanto à discussão e temas que deveriam ser tomados como base para reflexão nos encontros. Neste sentido, as seguintes perspectivas foram apontadas pelo grupo como importantes para a discussão nos encontros:

- *Temas que são problemáticos hoje e que possamos mudar algumas coisas hoje e também futuramente, temas como, desigualdade social, direitos de expressão, exclusão social (racismo, homofobia, etc.). Elucidou também que, o grupo é importante para criar relações e com ele seria interessante organizar atividades práticas a partir do que debatemos, não deixando as ideias e reflexões para si mesmos, mas compartilhá-las.*
- *O grupo de jovens ajuda nas comunidades a formar uma opinião, a debater sobre assuntos que estão ligados à nossa realidade, tais como, política e juventude.*
- *Tema: identidade cristã versus outras identidades, o que define o ser cristão? A importância do grupo de jovens na reflexão do que significa ser igreja hoje.*
- *Trabalhar a respeito das minorias e desigualdades. Auxiliar a dar voz e força a aqueles que se sentem oprimidos. Os grupos de jovens são importantes pois eles trazem aquilo que é novo, auxiliam na quebra do olhar padrão.*

- *O grupo de jovens tem várias contribuições a dar a igreja, e auxilia atualizar o evangelho, uma vez que a juventude é importante também nas reflexões e ações.*
- *Eu acho importante o grupo, pois assim podemos ouvir opiniões diferentes das nossas. Acho legal falarmos sobre nossa fé.*
- *O tema é igualdade social, igualdade de gênero. A importância do grupo de jovens é a de poder debater todos os assuntos propostos pelos jovens, dar ideia promover práticas e discussões.*
- *Como levar a palavra de Deus no nosso cotidiano? O grupo de jovens é muito importante porque ajuda os jovens a construírem maneiras diferentes de pensar.¹⁴⁹*

Este processo de buscar ouvir e entender também as expectativas que os e as participantes têm para com o grupo são importantes não só para este estudo, mas para que seja criado um sentido de pertencimento dos e das participantes com a pessoa que está responsável por trazer e propor reflexões. Neste sentido, reitera-se que é fundamental que os e as jovens dos grupos de JE sejam ouvidos e façam parte no processo de decisão dos temas de reflexão dos encontros. Toma-se este processo a partir do entendimento da EP como eixo metodológico, ou seja, tornar os sujeitos participantes do ato de educação, construção e diálogo.

Ao analisar atentamente os aspectos apresentados pelos e pelas jovens na referência acima encontra-se elementos importantes para a compreensão da JE atualmente na IECLB. Percebe-se que, por mais que não houvesse um trabalho direto a respeito das diversidades ou exclusões sociais, entre eles e elas, homofobia e racismo, enquanto tema proposto de maneira a ser dialogado diretamente com o grupo, o mesmo trouxe estes elementos e os sugeriu como temas.

Pode-se dizer que, ao surgirem estes elementos, assim como a partir das observações, existe uma confiança mútua estabelecida para com o grupo e entre os e as participantes. Neste sentido, salienta-se novamente o sentido de pertencimento e confiabilidade, que para um grupo de jovens pode ser compreendido a partir da seguinte premissa:

¹⁴⁹ Estes pontos apresentados estão dispostos de igual modo no ponto 3.5, no relato de intervenção com grupo de JE, onde também constam mais elementos da atividade realizada para com o grupo.

Confiança, então, é uma atitude que permite àqueles que a possuem, ou põem em prática, uma espécie de segurança íntima de procedimento: o outro passa a ser visto como uma extensão ou prolongamento do eu. É um lugar de familiaridade, onde os laços afetivos são intensos, onde a crença no valor do grupo parece sobressair ou sobrepor-se aos diversos membros que dele fazem parte, ao mesmo tempo que assegura um espaço de diferenciação de cada membro em relação à sociedade em geral. No processo de integração no coletivo, o indivíduo que se sente pertencendo ao grupo sente-se, também, como que encontrando a sua face no social. Ele se torna membro de um grupo e, nessa transubstanciação, parece adquirir um sentido de individualidade pessoal, tornando-se sujeito de fala e de ação frente aos demais. A confiabilidade, por seu turno, traduz-se na ação de conceber ou de conceder confiança. É um ato que requer a aceitação das regras ou códigos de conduta que movimentam as interações entre os diversos membros e que fazem do grupo uma realidade sui generis, o que permite aos membros uma concepção sobre a ação de todos e de cada um no mundo exterior e sobre os pares ou parceiros da intensa e constante interação no interior do grupo. Esta concepção permitida pela confiabilidade revela-se, também, como um ato de dupla concessão de confiança: de um lado, pela crença de que o parceiro é confiável e requer confiança; de outro, por se ser, ao mesmo tempo, sujeito de confiança. Isso permite aos outros elementos do grupo situar o jovem membro nos códigos de confiança que regem e dão sentido às formas comunitárias que orientam o sentido de pertença grupal e, assim, torná-lo passível de confiança, atestando confiabilidade às suas ações e ao sujeito em si mesmo.¹⁵⁰

Este sentido de pertencimento, de sentir o grupo como uma extensão do “eu”, traz para o grupo um sentido de unidade que possibilita construir diálogos e relações de maneira que inclui todos e todas, assim como torna todos os sujeitos parte do processo de tomada de decisão e possibilita ao grupo estar em diálogo com a individualidade de cada um dos e cada uma das participantes.

Os temas propostos pelo grupo são inerentes à juventude, mas, muitas vezes, são deixados de lado, ou mesmo os e as jovens não encontram segurança para propor e questionar. Neste sentido, para os grupos de JE, como pode ser evidenciado acima, é necessário haver um sentido comum, dialogar com e construir relações a partir da confessionalidade luterana, mas sempre levando em conta o que os e as participantes elencam como prioridades, uma vez que estas perspectivas dizem muito sobre a intencionalidade do grupo, bem como torna o grupo importante para os e as participantes.

A diversidade esteve em pauta também como tema de discussão no grupo. A partir do estudo do texto bíblico de 1 Co.12.12-22 foi possível, em conjunto, elaborar uma discussão a partir da diversidade do corpo, da vida e da realidade que faz parte do cotidiano dos e das participantes. Apesar de não terem gerado

¹⁵⁰ KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. **Revista Etnográfica**, v. 14, n. 1, 2010, p. 32. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/etnografica/148>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

desdobramentos diretos para as temáticas de gênero e sexualidade, este encontro e a dinâmica utilizada auxiliaram no trabalho de construção de um conceito acerca da diversidade, do respeito à diferença e da construção de perspectivas que auxiliem no diálogo respeitoso entre todas as opiniões.

Um dos pontos construído e dialogado com o grupo foi a temática da construção social, principalmente voltada às perspectivas do que significa ser homem ou mulher, quais construções e papéis são outorgados para cada um destes. Desta maneira, foram sendo definidas e conceituadas perspectivas que também dialogavam com a realidade dos e das jovens. Em muitos casos, apresentavam-se comparações e comentários a partir da realidade vivenciada por integrantes do grupo em suas casas e famílias. Essa perspectiva torna o processo de construção de conhecimento mais tangível, uma vez que se aprende a partir da realidade.

Trabalhar e construir relações a partir do cotidiano, da relação diária, associá-la com a teoria, buscando compreender a realidade para poder depois transformá-la, é um elemento bastante interessante para a elaboração de discussões que reflitam de maneira propositiva para com os e as participantes, mas de igual modo reflete a intencionalidade metodológica desta pesquisa.

Esta perspectiva da construção social e dos papéis atribuídos a homens e mulheres esteve presente também em outros momentos de discussão com o grupo, conforme explicitado no relato do último encontro, quando o grupo teve que explicar através de cartazes o que significa ser homem e mulher no Brasil atualmente. Reproduziram-se muitas características já esperadas e também outras que denotam assimilação das perspectivas discutidas com o grupo, tais como, objetificação dos corpos das mulheres, fragilidade associada ao feminino, maior maturidade das mulheres. Estes elementos citados pelo grupo denotam que os e as jovens têm consciência acerca da construção social sobre o masculino e o feminino. Além disso, demonstraram que acreditam que as mulheres têm voz, direitos e que não são apenas corpos.

Quanto ao papel social atribuído aos homens, surgiram questões que denotam o que se buscou explicitar neste estudo, como o fato de os homens estarem ligados à proteção, ao sustento da casa, a não demonstrarem sentimentos para parecerem mais fortes, o que lhes causa estresse, uma vez que não se sentem

à vontade ou seguros para expressar fragilidades, pelo fato de este sentimento estar culturalmente vinculado a feminilidade e por consequência à fragilidade.

De igual modo, um dos momentos em que a questão da diversidade sexual apareceu de maneira mais enfática foi em um comentário a partir da transexualidade. Foi dito por um dos integrantes do grupo que ser homem independe da designação sexual e, se uma pessoa nasce mulher, mas se sente homem, então essa pessoa é um homem e deve ser tratado como tal.

Estes elementos denotam que o grupo teve uma boa aceitação frente aos temas propostos para debate, bem como o fato de terem sido debatidos de várias formas em mais de um encontro auxiliou na assimilação e construção de uma nova perspectiva de entendimento.

Para que se possa compreender de maneira mais enfática o que estes encontros significaram para o grupo, segue um relato escrito pela comunidade, enviado para o pesquisador, após o período da pesquisa. Neste sentido, aponta-se que:

Inicialmente a pesquisa apresentou-se por parte do pesquisador, com a atitude de escuta e de convivência no grupo e permaneceu nesta postura por longo tempo. Gradativamente e após as férias de julho, começou a propor e orientar temas afins à sua pesquisa, sempre apresentando e compartilhando um roteiro a ser desenvolvido em cada encontro. Obtendo um sinal verde da pastora orientadora do grupo, dava seguimento ao trabalho. Agiu sempre de modo muito respeitoso ao contexto, aos jovens e seu modo de pensar e à orientação pastoral. Os temas abordados foram considerados interessantes pelo grupo de jovens, pouco ou quase nunca discutidos no contexto de suas vidas. De acordo com um levantamento junto aos jovens, com vistas a uma avaliação desta experiência, foram lembrados e mencionados os seguintes: Violência, Desigualdade Social, Igualdade de Gênero (Definição de Homem e Mulher), Racismo, O Papel da Mulher na Sociedade, Homossexualidade, Diversidade (ser igual e diferente ao mesmo tempo). O método abordado foi muito bem avaliado, transcrevo as impressões a seguir: 'ideias boas'; 'papo-cabeça'; encontros interativos; discussões bem abertas/livres tirando a ideia de certo x errado, encorajando a tod@s exporem os seus pensamentos; fazia reflexão de uma maneira legal; inspirava uma atitude de cuidado com o outro, de respeito às diferenças; trazia sempre impulsos para motivar reflexão (frases, imagens). A integração do pesquisador com a JE, foi muito importante para o grupo, pois, por meio do convívio, dos temas e reflexões, ele deu ao grupo a oportunidade de autoconhecimento e conhecimento do próprio grupo, impulsionando um testemunho coerente da juventude, alinhado ao Evangelho. Destaco sua integração e acompanhamento ao grupo também no Congresso Nacional da Juventude Evangélica. O grupo iniciou o ano de 2019 com vontade de protagonizar a sua história, de ser e de contribuir.

Creio que, sem dúvida, a nossa Paróquia e a JE estará disposta para outras experiências como esta.¹⁵¹

As perspectivas apontadas neste ponto auxiliam na compreensão da importância da construção de diálogos e da discussão de temas como gênero e sexualidade com grupos de JE. Como é possível observar nos relatos de intervenção, o grupo produziu inúmeros materiais a partir destas temáticas, os quais possibilitam compreender que é necessário haver uma mudança de paradigma no que diz respeito à forma como se produz e se pensa os grupos de JE. Possibilitar aos e às jovens que façam parte do processo de construção e reflexão possibilita que, a partir do grupo, os e as jovens possam compreender suas realidades individuais. De igual modo, esta liberdade apresentada na escolha dos temas, bem como na construção de diálogos, faz com que os e as jovens sintam-se de fato parte da igreja e de sua comunidade, não estando mais somente enquanto agentes passivos na história. Neste sentido, reitera-se, ainda, uma perspectiva relacionada à EP que aponta a seguinte perspectiva:

A pessoa humana, por sua própria natureza participa, ora como sujeito passivo, ora como sujeito ativo, da dinâmica da história. Por vários motivos, não conseguimos abarcar em nossa razão a análise do processo global. Temos dificuldades em compreender de maneira clara e profunda o amplo contexto da realidade que nos envolve.¹⁵²

Esta dificuldade de compreender a realidade na qual se está envolvida está presente em todos os âmbitos sociais, culturais e religiosos. É, porém, papel da Igreja e de seus grupos auxiliar nesta compreensão, uma vez que, entendendo a realidade, serão compreendidas também as exclusões e opressões e, assim, a partir do entendimento das mesmas, pode-se transformá-las.

¹⁵¹ Trecho de um relatório encaminhado pela comunidade através da Ministra ordenada, após a finalização da interação e participação para com o grupo. A Ministra em questão, têm ciência da utilização deste relato na presente pesquisa.

¹⁵² BENINCÁ, Dirceu. Conjuntura e educação popular. **Caminhando Com o ITEPA**, Passo Fundo, v. 11, n. 33, p. 34-41, 1994, p. 34.

CONCLUSÃO

O desafio de inserir o debate sobre gênero e sexualidade dentro de uma rede de grupos de jovens organizados no âmbito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), no caso, a Juventude Evangélica (JE), como foi realizado no decorrer da presente pesquisa, propiciou a formulação de novas percepções e a proposição de possíveis caminhos para a inserção desse tipo de discussão entre os e as jovens integrantes de comunidades cristãs. Embora o estudo desenvolvido no decorrer desses nove meses de convivência junto à JE tenha produzido insumos para a construção de pontes que possibilitem a travessia do tabu estabelecido no entorno das questões de gênero presentes no âmbito eclesial e religioso, não há conclusões absolutas a respeito da forma ou método mais assertivo para a elaboração desse debate entre tais grupos. O que se apresenta aqui é uma proposta de abordagem a partir do recorte estabelecido inicialmente.

Esta pesquisa é fruto de um esforço no sentido de investigar através da Observação Participante de que forma são, como são, e como podem ser abordados tais temas dentro dos espaços religiosos, mais especificamente, entre jovens e adolescentes.

No entanto, para alcançar o epicentro fenomenológico em análise, foi preciso elaborar uma teia de discussões relacionadas a questões de gênero e sexualidade, pautadas por tópicos transversais como as reflexões teóricas a partir do feminismo pós-estruturalista, de Judith Butler, em sua obra “Problemas de gênero, feminismo e subversão”, em que a autora examina os discursos e formulações relacionadas a esses temas, suas construções, relações e, também, como têm sido adotados e avaliados pelo próprio movimento feminista. A autora referencia em sua investigação o caráter de construção social atribuído às questões relacionadas ao sexo e ao gênero. Segundo Butler,

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio constructo chamado ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma.¹⁵³

¹⁵³ BUTLER, 2003, p. 25.

Para situar a presente discussão no campo da teologia a partir das reflexões e problematizações sob a ótica feminista, foi necessário recorrer às proposições de Ivone Gebara, uma das principais vozes responsáveis pela abordagem do tema na América Latina. Segundo a autora,

Continuamos hoje sendo desafiadas por novas e diferentes problemáticas acrescidas às anteriores. Um dos grandes desafios lançados ao pensamento teológico contemporâneo vem do feminismo. Desafio porque toca em questões antropológicas e sociológicas profundas muitas das quais ainda não reconhecidas e acolhidas por muitas Igrejas, instituições universitárias e Estados.¹⁵⁴

Com o objetivo de contextualizar o objeto de pesquisa dentro do espaço-tempo, se fez necessária uma breve retomada histórica da inserção dos grupos de jovens e da Igreja Luterana na região onde foi realizado o estudo, uma vez que, segundo Sandra Donner, “a história dos movimentos de jovens na IECLB tem raízes profundas, que se confundem com a própria história da igreja luterana no Brasil.¹⁵⁵” Nessa busca, também foi possível constatar a origem de certos aspectos relacionados às desigualdades de gênero observadas em grupos luteranos. Conforme Martin Dreher, o primeiro grupo de JE da IECLB organizado no Rio Grande do Sul teve início com participantes do sexo masculino e, somente mais tarde, teve início um grupo que reunia também meninas jovens luteranas.¹⁵⁶

No intuito de explorar as nuances que constituem o conceito de Juventude na contemporaneidade, foi necessário elaborar um capítulo voltado exclusivamente às discussões pertinentes ao tema. No decorrer da pesquisa foi constatado que ao tratar sobre juventude é preciso levar em consideração que não se está falando de uma unidade, mas sim de um conjunto de aspectos múltiplos e diversos.

Do mesmo modo, foi desenvolvida uma discussão sobre as relações da juventude no âmbito da educação cristã, ao passo que foram apresentadas perspectivas dos temas gênero e sexualidade no contexto da juventude. A importância de elaborar um estudo a partir da juventude é evidenciada por Maria Luiza Heilborn: “A juventude sempre atraiu o interesse de estudiosos, uma vez que é nela que se podem observar as tendências de mudanças nos processos sociais. Atualmente, o tema da sexualidade juvenil está na ordem do dia.”¹⁵⁷

¹⁵⁴ GEBARA, 2015, p. 41.

¹⁵⁵ DONNER, 2001, p. 48.

¹⁵⁶ DREHER, 2003, p. 128-129.

¹⁵⁷ HEILBORN, 2002, p. 08.

A partir da observação do grupo da JE foi possível confrontar os apontamentos bibliográficos discutidos ao longo desta pesquisa com a experiência empírica desenvolvida no seio da IECLB. As abordagens foram realizadas em consonância com as atividades rotineiras do grupo seguindo os ritos pertinentes à confessionalidade luterana. Nesse sentido, um dos méritos desse trabalho foi a possibilidade de entrar em contato com as dúvidas, questionamentos e anseios dos e das integrantes da JE com relação às questões de gênero e sexualidade.

Durante o período de amostragem, foi possível observar que mais do que a construção de um altar e a execução de hinos cristãos durante os encontros, a fibra que une a juventude luterana é, essencialmente, a fé, sendo ela, o elemento-chave para a composição de uma identificação entre os e as integrantes. Sendo assim, foi necessário atuar em consonância com os ritos pré-estabelecidos e coordenados pela Ministra da igreja.

No decorrer da observação, foi possível verificar que os temas relacionados a questões de gênero, diversidade, igualdade étnico-racial, se fazem presentes como elementos reflexivos, mas nem sempre debatidos extensivamente ou exclusivamente. De modo geral, são tratados como assuntos transversais naturalizados, sempre, a partir dos discursos e vinculações com a teologia e confessionalidade luterana. Em conversas paralelas, a Ministra demonstrou que há interesse em discutir os temas, mas destacou que há certa hesitação, pois, acredita que deva ser abordado por alguém capacitado para tanto.

O momento crucial para a elaboração dessa pesquisa se deu durante os três meses finais, em que foram realizadas intervenções junto ao grupo com o objetivo de construir coletivamente reflexões em torno das temáticas de gênero e sexualidade. Nesse período, os vínculos foram estreitados com os e as jovens durante reuniões com cerca de três horas de duração, quinzenalmente. A discussão de questões como *o que é ser homem e mulher na sociedade, o que significa ser jovem, igualdade, gênero e justiça de gênero* permearam os encontros e fomentaram os debates com a JE, sendo que, em alguns deles, as discussões foram conduzidas a partir de textos bíblicos.

Conforme explicitado por alguns jovens ao fim dos encontros, há interesse deles em discutir as temáticas propostas nesta pesquisa dentro da JE, e que se sentiram privilegiados pela oportunidade de participarem de tal experiência. Segundo eles, esses temas também são importantes para a constituição da fé e da

Igreja. Sendo assim, mais do que estabelecer conclusões absolutas, esse estudo visa, em certa medida, propor a dinamização das práticas pedagógicas nos espaços religiosos no que tange aos temas relacionados a gênero e sexualidade, rompendo, assim, paradigmas históricos e ultrapassando tabus estabelecidos através dos tempos. Se a partir da discussão proposta neste estudo a dinâmica aqui aplicada puder futuramente ser inserida com êxito em outra comunidade religiosa, o objetivo deste estudo terá sido alcançado com louvor.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS-REID, Marcella. **La Teología indecente**: Perversiones teológicas em sexo, género y política. Barcelona: Belaterra, 2005.

ANDRADE, Thales Haddad Noaves de; LIBERATO, Tatiana Furukawa. Relações de gênero e inovação: Atuação de mulheres nos NITs paulistas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 01-18, maio/ago. 2018. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/06082018-0321050>>. Acesso em: 10 maio 2019.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Dois Irmãos, RS**. <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/3051>. Acesso em: 01 nov. 2019.

BAKHTIN, Michael. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Huditec, 1997.

BARCINSKI, Mariana; HAMANN, Cristiano; PIZZINATO, Adolfo. Regulamentação do trabalho doméstico remunerado: implicações psicossociais para as trabalhadoras no Brasil. **Revista Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 51, p. 248-268, jan./jun. 2018.

BENINCÁ, Dirceu. Conjuntura e educação popular. **Caminhando Com o ITEPA**, Passo Fundo, v. 11, n. 33, p. 34-41, 1994.

BOBSIN, Oneide; BECKER, Cláudio Giovanni; KUHN JÚNIOR, Norberto. **Sociabilidade juvenil**: contexto religioso e sua inserção social. São Leopoldo: IEPG/EST, 2003.

_____; SCHAPER, Valério Guilherme; REBLIN, Iuri Andréas. **Cartografias do sagrado e do profano**: religião, espaço e fronteira. São Leopoldo: Faculdades EST, 2014.

BOEHLER, Genilma. La visibilización de los sujetos invisibles: el método para la teología. In: LIMA, Silvia Regina; BOEHLER, Genilma; BEDURKE, Lars (Orgs.). **Teorías queer y teologías**: estar en otro lugar. San José, Costa Rica: Editorial DEI, 2013.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 441-474, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/37570706/a_linguagem_importa_PAGU.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1543929474&Signature=cS2C3QclhybkdA3d6XK%2FNxTB3mo%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DA_linguagem_importa_Sobre_performance_pe.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2018.

BOURDIEU, 1983 apud BARRIENTOS-PARRA, Jorge. O Estatuto da Juventude: Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 41, n. 163, p. 131-151, jul./set. 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDENBURG, Laude Erandi et al (Orgs.). **Contribuições do luteranismo para a educação**. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2010.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. Centro de Assessoria Multiprofissional. **Caderno de educação popular e direitos humanos**. Porto Alegre: CAMP, 2013.

_____. Senado Federal. **Estatuto da juventude**: atos internacionais e normas correlatas. Brasília: Coordenação de Edições Técnicas, 2013. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509232/001032616.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BRITZMAN, Deborah. Sexualidade e cidadania democrática. In: SILVA, Luis Heron da (Org.). **Escola cidadã no contexto de globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 157.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. _____. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COMITÊ DO DMO DO SURINAME. **Dia Mundial de Oração**: "Toda a Criação de Deus é Muito Boa!" Informações Gerais sobre o País, 02 mar. 2018. Disponível em: <https://files.comunidades.net/dmoracao/DMO2018__SURINAME__Informacoes_gerais_sobre_o_pais.pdf> Acesso em: 03/03/2108>. Acesso em: 01 nov. 2019.

CONRAD, Débora Raquel Klesener; PONICK, Edson; VOIGT, Emilio. **Educação comunitária**: manual de estudos. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011.

DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). **À Flor da Pele**: ensaios sobre gênero e corporeidade. 2. ed. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; CEBI; Sinodal, 2006.

DONNER, Sandra Cristina. **Os jovens luteranos e a 'renovação brasileira'**: um estudo histórico da Congregação de Estudantes de Porto Alegre, da Associação Cristã de Acadêmicos e da Revista da Juventude Evangélica na década de 1960. São Leopoldo, RS, 2001. 145 p. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2001.

DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 2. ed., revista e ampliada. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/Sinodal, 2003.

ECA 2017: Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei federal número 8.069, de 13 de julho de 1990. Versão atualizada. Rio de Janeiro: CEDECA, 2017. Disponível em: <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf> Acesso em: 01 jan. 2019.

FARAH, Marta Ferreira Santos et al. Gênero e políticas públicas: panorama da produção acadêmica no Brasil (1983-2015). **Cadernos EBAPE.BR**, v. 16, n. 3, p. 428-443, jul./set. 2018. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323257351009>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

FISCHER, Gerson Joni. **O Paradigma da Palavra: A Educação Cristã entre a Modernidade e a Pós-Modernidade**. São Leopoldo, RS, 1998. 209 p. Tese (Doutorado) Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Política e educação**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, Maria Virgínia (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/472_1175_cadernoJuv.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019.

FUNDAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. **Nem Tão Doce Lar**. Disponível em: <<https://fld.com.br/nem-tao-doce-lar/>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. **Rever**, São Paulo, v. 11, n. 01, p. 139-164, jan./jun. 2011.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. In. Institut International des Droits de l'Enfant (IDE). **Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution?** Sion (Suisse): 18-22 out. 2005. Disponível em: <http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educaao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Teologia urbana: ensaios sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

_____. O feminismo desafiando as teologias cristãs. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 01, n. 01, p. 40-52, 2015. Disponível em:

<<http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2481/2337>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

GRESPLAN, Carla Lisboa; RATTO, Cleber Gibbon; LACERDA, Miriam Pires Corrêa. Performatividades de gêneros e sexualidades: implicações na educação das juventudes. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. 02, p. 746-766, abr./jun. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8549/5825>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

GRUPO DE INVESTIGACIÓN TEOLOGÍA Y MUNDO CONTEMPORANEO. HIV e espiritualidade: Atualidade de sua articulação. In. MUSSKOPF, André Sidnei; BERNAL, Edith Gonzales, FORNECK, Rafael Tarcísio (Orgs.). **Teologia e sexualidade, saúde reprodutiva e direitos: Experiências em pesquisa participante**. São Leopoldo: CEBI, 2018.

GUCKERT, Michele; WACHS, Manfredo Carlos. **Teologia da libertação como mediação entre a educação cristã e a educação popular: em busca de uma educação cristã popular**. São Leopoldo, RS, 2008. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

HEILBORN, Maria Luiza. “Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade”. **Cadernos Cepia**, Rio de Janeiro, n. 05, p. 73-92, 2002.

HÜBNER, Janaina. **Pré-adolescência contemporânea: novos desafios e perspectivas para a educação cristã contínua**. São Leopoldo, RS, 2012. 202 p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação em Teologia, São Leopoldo, 2012. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/285/1/hubner_j_tm250.PDF>. Acesso em: 30 dez. 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil / Rio Grande do Sul / Dois Irmãos**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/dois-irmaos/panorama>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL – IECLB. **Diretrizes do Conselho Nacional de Educação Cristã**. Porto Alegre: 2015. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-formacao-educacao-crista/conselho-nacional-de-educacao-crista-continua-conecc-39916>. Acesso em: 20 jun. 2019.

_____. **Plano de Educação Cristã Contínua da IECLB (PECC)**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2011.

JARA, Oscar. **Concepção dialética da educação popular**. São Paulo: CEPIS, 1985.

JOCA, Alexandre Martins; FERNANDES, Dorgival Gonçalves. **Juventudes: Possibilidades em movimento**. Curitiba: CRV, 2017.

JUVENTUDE EVANGÉLICA. Mensal. Continuado por Presença. Porto Alegre: Juventude Evangélica da IECLB, jul./ago. 1954.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. **Revista Etnográfica**, v. 14, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/etnografica/148>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia (Org.). **Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/472_1175_cadernoJuv.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.

LIMA, Marcia. A produção de conhecimento em tempos de conflito: o lugar das Ciências Sociais. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 61, n. 1, p. 95-102, 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/Tiago/Downloads/145516-Texto%20do%20artigo-291654-1-10-20180427.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

LIONÇO, Tatiana; LIMA, Mário Felipe de Carvalho; COACCI, Thiago. 40 anos da história do movimento LGBT no Brasil: memórias, desafios atuais e novas perspectivas. Entrevista com Marco José de Oliveira Duarte. **REBEH**, v. 01, n. 04, p. 217-230, out./dez. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/220/122>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 06.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/05>>. Acesso em: 23 dez. 2018.

MATOS, Alderi Souza de. Breve história da educação cristã: dos primórdios ao século 20. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2008.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MENEZES, Ana Célia; ARAUJO, Lucineide Martins. **Currículo, contextualização e complexidade**: Espaço de interlocução de diferentes saberes. Senhor do Bonfim: Universidade Estadual da Bahia, 2011.

MIJÍA JIMÉNEZ, Marco Raúl. **Educação popular**: pedagogia e dialética. Ijuí: UNIJUÍ, 1989.

MUNICÍPIO DE DOIS IRMÃOS. Portal do Cidadão. **Aspectos gerais**. <<https://doisirmaos.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/1>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

MUSSKOPF, André S. Além do arco-íris: Corpo e corporeidade a partir de 1 Co 12.12-27 com acercamentos do ponto de vista da Teologia Gay. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). **À Flor da Pele**: ensaios sobre gênero e corporeidade. 2. ed. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; CEBI; Sinodal, 2006.

_____. **Via(da)gens teológicas**: itinerários para uma teologia queer no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

_____. **Uma brecha no armário**: propostas para uma teologia gay. 3. ed. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

NEUENFELDT, Elaine G. Diálogo entre a leitura popular e a leitura feminista da Bíblia. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 45, n. 2, p. 117-128, 2005. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/544/505>. Acesso em: 01 jan. 2019.

_____; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara Sandra (Orgs.). **Epistemologia, violência e sexualidade**: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2015. Disponível em: <<http://catalogo.est.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/000000/00000017.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

NIELSEN, Roberto de Oliveira. Criatividade Inclusão – Introdução. **Portal Luteranos**, 19 set. 2013. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/textos/criatividade-inclusao-introducao>>. Acesso em: 15 maio 2019.

PAIXÃO, Márcia; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, Edla (Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PORTAL LUTERANOS. **Jovem aos 100** – História da Juventude na IECLB, 10 out. 1997. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/juventude-evangelica/jovem-aos-100-historia-da-juventude-na-ieclb>. Acesso em: 04 nov. 2019.

_____. **Criatividade:** Tolerância e Diversidade, 30 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/criatividade-tolerancia-e-diversidade>>. Acesso em: 13 maio 2019.

_____. **Criatividade pela Justiça de Gênero**, 05 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/criatividade-pela-justica-de-genero>>. Acesso em: 18 maio 2019.

_____. **Busca no portal:** criatividade. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/busca-avancada/?palavra_chave=Criatividade&expressao=1&data_inicial=&data_final=&conteudo_tipo=0&ambito=1&sinodo=0&paroquia=0&comunidade=0&instancia_nacional=0&nivel_instancia_nacional=0&subnivel_instancia_nacional=0&identificada_confessionalmente=0&nivel_civil=0&nivel_ecumene=0&nivel_governamental=0&btnBuscaAvancada=Buscar>. Acesso em: 01 nov. 2019.

PRECISAMOS falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gênero (trailer). Youtube, 11 jul. 2017. Vídeo online (3min30s), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tl1c1a6Jdz4>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

PREISWERK, Mathias. **Educação Popular e teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

RANGEL, Alexandre. **Educação popular e relações de poder**. Brasília: Vida e Juventude; CEBI Planalto Central; CEA; IBRADES, 2004.

REIS, Toni. **Homofobia no ambiente educacional:** o silêncio está gritando. Curitiba: Ed. Appris, 2015.

_____. (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / Gay Latino, 2018. Disponível em: <<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Religiosidade jovem:** pesquisa entre universitários. São Paulo: Loyola/Olho d'Água/FAPESP, 2009.

RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 01, p. 294-304, jan./abr. 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998.

_____; ZWETSCH, Roberto E. (Orgs.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3. ed., revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2011.

SCOTT, 1994 apud ZIRBEL, Ilze. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil**: um debate. Florianópolis, SC, 2007. 212 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2007. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90380/241321.pdf?sequence>>. Acesso em: 23 dez. 2018.

SILVEIRA, Catharina et al (Orgs.). **Educação em gênero e diversidade**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. Disponível em:
<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/186154/001082314.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy. **Teoria e métodos de pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUZA, Leonardo Lemos de; MEZZARI, Danielly C. de Souza. Experiências amorosas, gêneros e sexualidades na juventude contemporânea. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 52, p. 1-18, 2018.

STRECK, Danilo R. **Corrientes pedagógicas**: aproximaciones entre pedagogia y teologia. San José, Costa Rica: Celadec, 1994.

STRECK, Gisela I. W.; MALACARNE, Ivan Kiper. Adolescência e ritos de passagem: a partir de uma perspectiva do Ensino Confirmatório e Confirmação. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 44, n. 1, p. 127-139, jan./jun. 2018. Disponível em:
<<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/3190>>. Acesso em: 30 dez. 2018.

UZIEL, Ana Paula; RIOS, Felipe Luís; PARKER, Richard Guy (Orgs.). **Construções da sexualidade**: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2004.

VIANA, Alane Fagundes. **A família monoparental na contemporaneidade**: aspectos jurídicos e interdisciplinares. Salvador, BA, 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2016.

VIER, Justino Antonio. **História de Dois Irmãos-RS**: passado e presente: 170 anos de Imigração Alemão: 40 anos de Município. Dois Irmãos: O autor, 1999.

WELLER, Wivian. Gênero e juventude. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 01, p. 103-106, jan./abr. 2005.

ZEKZANDER, Claudio. **Teologia feminista**: um outro olhar sobre a religião. Disponível em: <<http://zekzander.blogspot.com.br/2011/05/teologia-feminista-um-outro-olhar-sobre.html>>. Acesso em: 13 maio 2019.

ANEXO A

TERMO DE CIÊNCIA DE REALIZAÇÃO DE PESQUISA.

A Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Dois Irmãos - RS, pertencente ao Sínodo Nordeste Gaúcho, vinculada a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) através de representantes da comunidade, declara para os devidos fins, ciência da realização de um período de pesquisa para com o grupo de jovens da comunidade, Juventude Evangélica de Dois Irmãos (JEDI). A pesquisa será realizada pelo acadêmico do Mestrado em Teologia da Faculdades EST Tiago Ademir Graube, tendo como título provisório: **Gênero, sexualidade e juventude luterana: percepções e abordagens em grupo de jovens do Sínodo Nordeste Gaúcho.**

A comunidade declara ciência de que a pesquisa terá a duração de 09 (nove) meses, sendo dividida em dois momentos. O primeiro momento de observação participante, com duração de 06 (seis) meses, onde o pesquisador irá acompanhar o grupo em suas reuniões, encontros, sem intervenções ou diálogos que façam referência a pesquisa.

Num segundo momento que com duração de 03 (três) meses, ocorrerá o período de diálogo, construção coletiva da pesquisa, debates e interações para com os e as participantes do grupo. Neste período para a construção da pesquisa, serão utilizadas dinâmicas, textos Bíblicos, filmes, músicas, e publicações da IECLB.

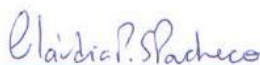
A comunidade através de seus representantes, declara ciência de que esta pesquisa desencadeará na Dissertação de Mestrado a ser apresentada e defendida pelo pesquisador em Julho de 2019.

A comunidade declara ciência de que, não serão utilizados dados pessoais ou qualquer elemento que possa vir a identificar qualquer participante. Não serão utilizados recursos como, entrevistas, filmagens, fotos, ou qualquer elemento que possa vir a revelar a identidade de qualquer pessoa participante da pesquisa.


A comunidade declara ciência de que esta pesquisa possui como elemento de diálogo a Construção Coletiva de Conhecimento, ou seja, todo e qualquer assunto a ser debatido, construído com o grupo será coletivamente decidido.

A comunidade e o pesquisador declaram ciência de que, nenhum, nenhuma jovem será forçado, forçada a participar, debater ou se fazer presente durante o período de pesquisa.


Declarando ciência e acordo com os termos acima citados, assinam os representantes da comunidade e o pesquisador.



Cláudia Patrícia Schaidhauer Pacheco.
Ministra Ordenada da IECLB.
Atuante na Comunidade de Dois Irmãos



Martha Luíza Bergmann
Liderança no Grupo de Jovens



Dorotea Krug Petzinger.
Presidente da comunidade de Dois Irmãos.

Tiago Ademir Graube.
Mestrando Acadêmico-EST.
Pesquisador proponente.

São Leopoldo, Janeiro de 2018.